

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**JUVENTUDE RURAL: TRAJETÓRIAS DE VIDA  
CONECTADAS POR UM IDEAL SOCIAL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Jana Rossato Gonçalves**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**



# **JUVENTUDE RURAL: TRAJETÓRIAS DE VIDA CONECTADAS POR UM IDEAL SOCIAL**

**Jana Rossato Gonçalves**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Extensão Rural.**

**Orientador: Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

**Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Gonçalves, Jana Rossato

Juventude Rural: Trajetórias de vida conectadas por um ideal social.

Jana Rossato Gonçalves - 2013 - 134 p.:30 cm

Orientador: Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, RS, 2015.

1.juventude rural 2.Movimentos sociais 3.Trajetórias de vida 4.Perspectivas de futuro.

Título. Marin, Joel Orlando Bevilaqua.

---

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Jana Rossato Gonçalves. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte. E-mail: janar.life@gmail.com.

---

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

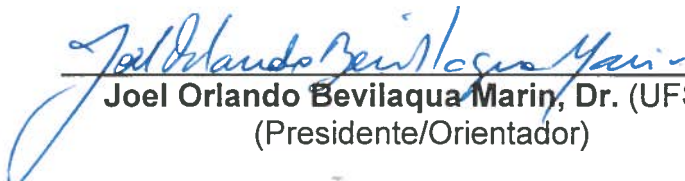
A Comissão Examinadora, abaixo assinada  
aprova a Dissertação de Mestrado

**JUVENTUDE RURAL: TRAJETÓRIAS DE VIDA CONECTADAS POR  
UM IDEAL SOCIAL**

Elaborada por  
**Jana Rossato Gonçalves**

Como requisito parcial para a obtenção do título de  
**Mestre em Extensão Rural**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
**Joel Orlando Bevilaqua Marin, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
**Everton Lazzaretti Picolotto, Dr. (UFSM)**

  
\_\_\_\_\_  
**Marcos Botton Piccin, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, fevereiro de 2015.



Dedico o Mestrado:

A todas as pessoas que, de alguma forma,  
colaboraram e participaram dessa caminhada.

Muito obrigada.





## AGRADECIMENTOS

No primeiro semestre de 2013 iniciou-se uma caminhada que com ela trouxe muitas experiências, novidades intelectuais e boas amizades. No início era tudo estranho (não que isso tenha mudado muito), em razão de minha formação ser em Comunicação Social – Relações Públicas. Muito pouco sabia sobre o que era efetivamente Extensão Rural, pois na minha graduação tive pouco contato com as teorias, com a cultura e com a realidade do meio rural, meu mundo era apenas “All Star” e “Coca-Cola” e, num piscar de olhos as alpargatas e o chimarrão invadiram a minha rotina. Inclusive, para aderir ao meio, adquiri uma alpargata, porém, com um único detalhe, estampada de oncinha, na verdade, essa aderência se deu de forma bem parcial.

Na primeira aula do mestrado, posso dizer que o impacto veio logo em seguida com diversas formações reunidas, sendo que eu era a única da Comunicação Social e também uma das poucas da área das Humanas. Porém, ali se formou um grupo, que foi de extrema valia para o meu crescimento pessoal. O que mais me chocava era o modo como cada um pensava a mesma coisa. Existia uma distinção tão grande de valores e conceitos, visivelmente oriunda de cada formação. Por vezes líamos o mesmo material e quando éramos questionados sobre os pontos de relevância, cada interpretação era distinta, então eu pensava: “Onde eles leram essa parte? Não encontrei nada disso no texto”. E assim, por diversas vezes me sentia deslocada e um peixe fora d’água (realmente eu era um peixe fora d’água, tanto que de forma carinhosa me chamavam de E.T.).

Em meio a tantas adversidades posso dizer que foram dois anos de crescimento pessoal, por ter que apreender a compreender, administrar, refletir e aceitar o diferente, e também, ao mesmo tempo não deixar minhas opiniões serem oprimidas pela maioria. Mas, é justamente isso que me atraiu até as rurais, pois foi com esse objetivo, de aprender, dialogar e conviver com o novo que optei em fazer o mestrado na Extensão Rural. Por vezes, estar na convivência de pessoas que pensam como você é confortável e cômodo, mas acredito que com a desestabilização do pensamento, e a possibilidade de desconstruir conceitos estáticos, visto de apenas um aspecto, e construir novamente um ideal introjetando

novas perspectivas é muito gratificante. Você começa a observar os fatos, as pessoas e a vida de uma forma mais pluralizada, o pensamento perde parcialmente sua estabilidade e seu olhar se amplia.

No entanto, toda essa mudança e contato com novas formas de pensar, geraram desconfortos, além de muitos questionamentos, dúvidas e dor, por vezes, minha opinião era desprezada por não se assemelhar aos demais. Até um dia, quando aos prantos fui falar com meu orientador, e ouvi de toda sua paciência e sabedoria, que cada um enxerga o que lhe é significativo e, nesse momento, não dá para inventar a roda, e sim, que eu precisava me inserir enquanto comunicadora no meio rural, valorizar meus conhecimentos e seguir em frente ignorando as críticas adversas, sendo que muitas delas eram acarretadas por eu não pensar como a maioria. Realmente tenho muito a agradecer ao meu orientador, que foi uma pessoa ímpar em todo esse processo. Tenho muita admiração e carinho pelo meu eterno "*Teacher*".

Depois de tantas experiências, não tenho como pontuar nomes, por isso descrevi meus sentimentos nessa caminhada. Agradeço de coração a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desse momento tão enriquecedor em minha vida, professores, colegas e funcionários do programa, a minha querida família, e aos meus amigos e fieis companheiros de longa data. Também gostaria de ressaltar e agradecer à Capes que proporcionou a bolsa de estudos por um período de dois anos para a realização do mestrado. O meu muito obrigada.

Para concluir essas palavras cito uma frase de Ayrton Senna: "Não importa o que você seja, quem você seja ou que deseja na vida, a ousadia em ser diferente reflete na sua personalidade, no seu caráter, naquilo que você é, e é assim que as pessoas lembrarão de você um dia."

Muito obrigada.

Quando uma pequenina pedra é lançada num lago, as ondas viajam amplamente, a partir do centro. Embora elas se tornem menos poderosas, não desaparecem completamente. Cada pessoa tem o poder de criar ondas que transformem a sociedade. Se esses esforços forem concentrados e canalizados pelas ONGs, inevitavelmente, crescerá o poder de influenciar a sociedade. Se nos unirmos, podemos transformar o mundo. Pode levar algum tempo, mas visto de uma perspectiva em longo prazo, as pessoas acabarão vitoriosas.

(Diálogo entre Joseph Rotblat e o pacifista  
Daisaku Ikeda)



## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **JUVENTUDE RURAL: TRAJETÓRIAS DE VIDA CONECTADAS POR UM IDEAL SOCIAL**

Autora: Jana Rossato Gonçalves

Orientador: Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 27 de fevereiro de 2015.

Diante das emergentes manifestações contemporâneas ocorrentes por todo o mundo nos últimos anos, destaca-se a participação juvenil nas marchas sociais. No Brasil, as repercussões iniciaram em 2013 tendo uma massiva aderência do povo brasileiro, mesmo sendo manifestações urbanas a militância rural, mais especificamente sua juventude, também aderiu às reivindicações. O presente trabalho tem como público-alvo as lideranças juvenis dos movimentos rurais do Rio Grande do Sul, através deles objetiva-se compreender suas trajetórias de vida, suas relações e seus ideais, para assim, analisar a sua influência na organização e participação da juventude rural nas mobilizações, além de observar os motivos pessoais que estimulam essa liderança a permanecer na linha de frente dos movimentos rurais. A pesquisa possui cunho qualitativo, e os processos metodológicos se constituíram através da pesquisa bibliográfica, aplicação de entrevistas semiestruturadas a cinco líderes juvenis rurais de diferentes movimentos (Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG), Movimento Sem Terra – MST, Pastoral da Juventude Rural (PJR) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF SUL)) e, por fim, a observação sistemática nas mobilizações. Com isso, pode-se observar o quanto as experiências de vida estão atreladas às suas atuais decisões na liderança juvenil e que mesmo possuindo uma forte tendência a reproduzir os ideais dos mais velhos, está ocorrendo uma ruptura com essas ideologias.

**Palavras-chave:** Juventude rural. Movimentos sociais. Trajetórias de vida. Perspectivas de futuro.



## **ABSTRACT**

Master`s thesis  
Post-Graduation Program in Rural Extencion  
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

### **RURAL YOUTH: LIFE STORIES CONNECTED BY A IDEAL SOCIAL**

Author: Jana Rossato Gonçalves  
Advisor: Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin  
Date and Place of Defense: Santa Maria, (February, 27) 2015.

Given the emerging contemporary manifestations occurred around the world in recent years, there is youth participation in social marches. In Brazil the repercussions began in 2013 with the massive adherence of the Brazilian people, even though urban manifestations the rural protesters, specifically his youth, also joined the claims. This work has the public interest youth leaders from rural movements of Rio Grande do Sul, through them the objective is to understand their life stories, their relationships and their ideals, so, analyze their influence on the organization and participation of youth in rural mobilizations, in addition to observing the personal reasons encourage this leadership to remain the front of rural movements. The research has a qualitative approach, and the methodological processes constituted by literature search, application of semi-structured interviews to five rural youth leaders of different movements (Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG), Movimento Sem Terra – MST, Pastoral da Juventude Rural (PJR) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF SUL)) and finally, systematic observation in the demonstrations. So, can observe how the life experiences are linked to their current decisions on youth leadership and even having a strong tendency to reproduce the ideals of the older, is experiencing a break with these ideologies.

**Keywords:** Rural Youth. Social movements. Life stories. Future prospects.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apoio de diferentes gerações aos jovens manifestantes de 2013, postagem de Maria Aline, 2013.....	67
Figura 2 – Momento de indignação social juvenil nas manifestações de 2013, postagem de Pedro Gonçalves, 2013. ....	70
Figura 3 – Manifestação social urbana com apoio da militância rural, postagem de Sheila Jacob, 2013.....	72
Figura 4 – Manifestação da FETAG no centro de Santa Maria em julho de 2014...	99
Figura 5 – Mobilização social no dia 20/06/13 na cidade do Rio de Janeiro, foto de Rodrigo Gorosito, 2013. ....	104
Figura 6 – Manifestação social de 2013 no Brasil/1, postagem de Gregorio Vivanco Lopes, 2013.....	105
Figura 7 – Manifestação social de 2013 no Brasil/2, postagem Meu Samba. ....	105
Figura 8 – Manifestação social de 2013, no Brasil/3, postagem de Robson Pires, 2013. ....	106
Figura 9 – Manifestação popular no Congresso de Brasília em junho de 2013, postagem de Matheus Contage, 2013. ....	106



## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Entrevista: Análise de uma juventude rural indignada .....	137
---	-----



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	21
<b>CAPÍTULO I JOVENS RURAIS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DE LÍDERES INDIGNADOS.....</b>	<b>33</b>
1.1 Trajetórias de vida de lideranças juvenis rurais .....	36
1.2 A influência e o apoio familiar na fase da juventude.....	47
1.3 Razões da permanência nas lutas camponesas.....	53
1.4 Lideranças juvenis rurais: bandeiras de luta e compromissos sociais	57
<b>CAPÍTULO II DIFERENTES VIDAS JUVENIS UNIDAS NA LUTA PELA DIGNIDADE SOCIAL NO BRASIL .....</b>	<b>63</b>
2.1 Juventude rural indignada: manifestações sociais nas ruas .....	65
2.2 A interferência da mídia nas manifestações sociais .....	76
2.3 Redes de comunicação na zona rural.....	81
2.4 Considerações finais do capítulo.....	89
<b>CAPÍTULO III PERSPECTIVAS DE VIDA DE JOVENS MILITANTES .....</b>	<b>93</b>
3.1 A importância dos movimentos sociais para a juventude rural .....	94
3.2 As motivações juvenis para a permanência nos movimentos sociais	103
3.3 As concepções de um mundo ideal para os jovens rurais .....	114
3.4 Considerações finais do capítulo.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>135</b>



## INTRODUÇÃO

Em contextos contemporâneos, dignidade e respeito são questões que impulsionam a população a reivindicar nas ruas contra a política governamental existente. No entanto, por algum tempo, as condições sociais e a vida moderna propiciaram uma acomodação e uma aceitação da sociedade sobre sua realidade. Mas, com o passar do tempo, uma onda de insatisfação originou, em meados de 2010, distintas mobilizações sociais que reacenderam a chama da indignação, relembrando as diversas mobilizações juvenis pelo mundo desencadeadas nos anos 60. Porém, esses movimentos contemporâneos têm suas peculiaridades distintas aos de décadas passadas, pois possuem características bem heterogêneas, com eixos diversos e ultrapassam rapidamente as barreiras nacionais. Também lutam por justiça, igualdade social e econômica para a sociedade, mas se diferenciam por reivindicar e defender causas ambientais. Esses pontos, segundo Bauman (2008), em sua grande maioria são reflexos de uma vida moderna impactada pela globalização, fenômeno do capitalismo, que estimula o consumo material, que aumenta a poluição, gerando assim, os impactos ambientais, entre outros.

De acordo com Gonh (2013), em análise sobre os movimentos Primavera Árabe, Indignados e Occupy street, ocorrentes em 2011 e 2012, as “marchas, manifestações e ocupações na atualidade são promovidas por coletivos organizados que estruturam, convocam/convidam e organizam-se *on-line*, por meio das redes sociais” (GONH, 2013, p. 21). Além dos métodos de organização, a autora destaca que os manifestantes são jovens de distintos locais, que pela distância e pelas relações virtuais apresentam carência de definições estratégicas em suas mobilizações. Seus encontros ocorrem, na maioria das vezes, em praças e parques das capitais ou em grandes centros com uma ampla aderência populacional. Tais características de mobilização social são associadas a uma juventude que se utiliza das tecnologias para estabelecer estratégias de organização. Porém, como sinalizado pela autora, esse método de comunicação executa a mensagem de forma massiva, mas deixa pendências no aprofundamento dos conteúdos e discussões.

Fazendo uma retrospectiva dos movimentos modernos em âmbito internacional e nacional temos o “Primavera Árabe”, proveniente da Tunísia, como o

precursor dessas mobilizações. Sendo que, posteriormente a ele, houve diversas repercussões em outros locais (Egito, Líbia, Iêmen, Síria e outros), chegando a diversas regiões da Europa como os “Indignados” na Espanha que iniciaram sua mobilização no dia 15 de maio de 2011 e, por isso, também são conhecidos como 15M. Foi um dos movimentos de maior expressividade e visibilidade, pois provocou um interesse das grandes mídias em sua divulgação. Logo em seguida, foi a vez dos Americanos, no dia 17 de setembro de 2011, na cidade de Nova York, com o “*Occupy Wall Street*” reunindo diversas pessoas em um parque de Zuccotti (USA). E, por fim, em 2013, as manifestações públicas começaram a emergir na América Latina, mais especificamente no Brasil.

Como denominava os manifestantes brasileiros, “o gigante acordou”. Essa era a frase que estava estampada em diversos cartazes de jovens militantes no Brasil. Ela fazia referências a um povo que se levantou e foi para as ruas manifestar suas indignações sociais. O fator que desencadeou as mobilizações foi o valor do transporte coletivo em São Paulo, que teve um aumento de R\$ 0,20 centavos de Real nas passagens de ônibus, bem como, pelas suas péssimas condições, sendo considerado um dos piores do país. Com o passar dos dias, novas cidades aderiram às manifestações, tendo a participação ativa de jovens para expressar seus desapontamentos e indignações com o governo e a corrupção. A lista de reivindicações foi crescendo e os motivos que estimulavam a juventude a sair nas ruas eram os mais diversos, sendo eles coletivos ou particulares. No entanto, o que importava era o sentimento de mudança que unia todos no mesmo passo, sentimento esse, representado nas tintas verde e amarelo, escrito em letras garrafais nos cartazes: “Pessoas comuns mudam o mundo”.

A eclosão dos movimentos sociais no Brasil possibilitou a reivindicação de diferentes públicos — jovem, em sua grande maioria —, que almejam condições melhores de vida, garantia de um futuro promissor e a qualidade de ensino. Foi um movimento social atípico de épocas passadas em virtude de possuir motivações fragmentadas de lutas. Não existiu uma única causa que mobilizou a população, foi a união de diversas indignações e distintas bandeiras que acabaram aglomerando tantas pessoas nas ruas, por isso, muitas vezes, não se entendia o propósito das manifestações, pois não havia uma única identidade, assim como não existia a preocupação de convergir as pautas. Também houve a adesão da juventude rural às manifestações, sendo essa, uma categoria social que, assim como os demais, clama



por mudanças na melhoria de suas condições de vida, além da ampliação de suas oportunidades de crescimento pessoal e social, bem como, criar condições para sua permanência no campo.

Infelizmente, as manifestações acabaram gerando espaços para grupos pequenos, mas existentes, de vândalos — jovens, em sua maioria — que picharam ruas e estabelecimentos comerciais, quebraram lojas, bancos e patrimônios públicos, além de realizar arrastões e roubos a quem estava nas mobilizações. Além disso, o policiamento estava intensivo nas ruas e, por diversas vezes havia intervenções policiais de maneira agressiva e desnecessária aos militantes. Partia, quase sempre, da segurança pública, o início dos afrontamentos com os manifestantes, pois quando as mobilizações se aproximavam de suas barreiras eram utilizados equipamentos como *spray* de pimenta, bombas, gás lacrimogêneo e balas de borrachas, provocando uma violência explícita nas ruas, que mais parecia uma guerra civil. Por diversas vezes, a impressão que se tinha das mídias era oposta, mas ao dialogar com diferentes pessoas que participaram das manifestações, foi unânime a crítica pela forma como conduziu-se o policiamento nas ruas. Cidadãos que se manifestavam pacificamente também foram atingidos, resultando em ferimentos de um número significativo de manifestantes, policiais e jornalistas, além da detenção de vários cidadãos. Porém, o grito “sem violência” prevaleceu nas ruas e os atos agressivos não intimidaram os manifestantes pacíficos, que continuaram a lutar por um país de “amor, paz e mudança”, conforme frase estampada em cartaz.

Os movimentos sociais sempre serão tema atual, independente do povo, do governo, da cultura e do país, pois “não há verdadeira democracia sem verdadeiro contra poder crítico” (BOURDIEU, 1998, p. 17). Assim, como o seu nome já diz “movimento”, algo que não está parado, seu significado reflete a ação e o “social” é símbolo da união de pessoas, por isso, indiferente do momento e do local onde existem pessoas com desejo de agir e melhorar suas condições de vida, este será um tema atual. Fatos comprobatórios de sua longa vivacidade são os registros históricos do país que apontam a primeira aparição das reivindicações estudantis em 1710, ainda no período colonial (POERNER, 1979, p. 48). Mesmo com o passar dos anos este tema ainda se faz presente e atuante na sociedade, tendo sempre como referência o público juvenil.

Picolotto (2007) faz um levantamento histórico mediante as principais teorias de movimentos sociais, acentuando os principais autores referente a temática, destaca, inicialmente, a importância de Marx nessa composição, por ter sido ele de expressiva significância para sua época na coligação de conceitos teóricos às ações políticas sociais das classes oprimidas. Outro autor destacado, que define movimentos sociais, foi Alain Touraine, que contribui com suas teorias ainda na década de 70, propondo três princípios para a definição de movimento social: identidade, oposição e totalidade. O primeiro, é a singularidade do agente social numa mobilização; O segundo, é o reconhecimento do seu antagônico, necessário para que haja uma força contrária ao agente social resultando no último princípio, que é as pautas de discussões e lutas geradas por essas representações conflitantes que, na maioria das vezes, representada pelo governo e o povo, ou também pela burguesia e a plebe.

Essa teorização feita por Touraine acaba facilitando a compreensão de movimentos sociais em seu conjunto, pois como exemplificado, existe um sujeito, um opositor e uma causa, e é essa estrutura que, segundo o autor se fará presente para que haja uma efetiva reivindicação acarretando mudanças na sociedade. Momento, por vezes, de ruptura e conquistas, que requer uma incansável busca por seus direitos, sendo muitas vezes atrelado às imagens dos jovens, possivelmente, por ser uma fase de vida marcada pela vitalidade e necessidade de mudanças e escolhas, porém difíceis e importantes para a transitoriedade da vida adulta.

Estudiosos sociais visualizam essa fase de vida, além dessas características supostamente inerentes aos jovens, e sim, segundo Feixa (2004), como uma construção sociocultural relativa, em um tempo e um espaço em que se apresenta como uma etapa de vida, situada entre a infância e a fase adulta. É um momento de mudanças e definições, compostas através de limites simbólicos. Outro ponto de significância sobre a temática se dá sobre o seu princípio, o início de sua instância, que segundo Bourdieu (1990, p. 163) “a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades”. O autor, de forma muito perspicaz, define juventude como um sentimento, um pertencimento, pois muitos essencializam o seu conceito através da idade, porém “ser jovem” é muito além disso. A juventude é uma composição identitária, um modo de pensar e de se comportar e, inevitavelmente “sempre se é jovem ou velho para alguém”. Por vezes, existe uma construção social impositiva sobre o “pertencer” a juventude, mas isso é apenas

uma forma estática e convencionada de classificar e limitar a sociedade (BOURDIEU, 1990, p. 164).

Nessa mesma perspectiva, Groppo (2000) considera que padronizar a juventude é uma falha, pois, na maioria das vezes, suas definições se orientam em dois conceitos, sendo que dificilmente existe uma harmonia entre eles, que seria o etário e o sociocultural. Feixa (1993) faz uma análise mais ampla de algumas definições e considera cinco conceitos básicos sobre a temática: Categoria biológica - crescimento e desenvolvimento do corpo; Condição psicológica - manifesta especialmente o amadurecimento emocional e mental; Classe etária - um conjunto de pessoas definido pela idade; Período de vida - momento localizado entre o fim da infância e a plena inserção social; e, por fim, geração - jovens nascidos no mesmo período. Na visão do autor, não existe exatidão no nascimento da juventude, e sim, condições sociais que influenciam esse processo. Por isso, que ser jovem é muito mais que teorias. Por isso, que ser jovem é “movimento” e também um modo “social” de ser.

Observar as representações e práticas juvenis como símbolos da mudança social mostra-se relevante para Feixa e Urteaga (2011). Os autores destacam que essa questão rompe com os conceitos tradicionais e emerge um conjunto de fatores com os quais os jovens interagem e arquitetam novas maneiras e visões de política. Além de relações sociais e também culturais, justificando-se por vezes sua proximidade e identificação com os movimentos sociais, como um espaço de possibilidade de mudança. As marchas sociais são um meio de fortalecer essa identidade juvenil e constituir suas redes de representatividade, ampliando suas possibilidades de serem ouvidos se estiverem unidos com outras pessoas, pois o indivíduo sozinho não possui o mesmo impacto que as multidões.

Falar de coletivo também é falar de redes. Segundo as definições de Castells (1999), existem diversas formas de estruturar redes, por serem abertas e ilimitadas e sua relação se dá através de códigos de comunicação semelhantes em relação aos agentes sociais. Exemplo disso é o compartilhamento de ideias, valores ou objetivos. O autor complementa o conceito dizendo “que a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder” (CASTELLS, 1999, p. 566). Pode-se compreender que na estruturação das manifestações, existem redes conectadas por interesses coletivos e individuais, pois cada indivíduo detém características pessoais e também grupais na composição de suas relações.

Sendo que, nos movimentos contemporâneos a constituição das redes é inevitavelmente associada às novas formas de se comunicar em razão de sua abrangência e velocidade de propagação.

Para compreender todo esse processo de juventude e movimentos sociais modernos, o professor Carles Feixa Pampòls, da Universidade de Lleida, Espanha, propôs um projeto denominado: *Geração indignada. Espaço, Poder e Cultura no movimento juvenil em 2011: uma perspectiva transnacional (GENIND)*. A finalidade do projeto é identificar a natureza, causas e desvios desses movimentos, possuindo como ponto de referência as manifestações dos “Indignados” na Espanha, estabelecendo estudos comparativos com as outras realidades da Europa - Portugal, Itália, França, Inglaterra e Bélgica – do mediterrâneo – Grécia, Turquia, Tunísia e Egito – e de algumas referências internacionais - os Estados Unidos, o Chile, Colômbia, México e o Brasil. O projeto é composto por uma equipe de 27 pesquisadores, sendo eles representantes de diferentes países, dentre a equipe estão os membros da Universidade de Lleida Carles Feixa, Luca Queirolo, Joana Soto, Joan R. Saura, Jordi Nofre e José Sanchez e como um dos representantes no Brasil os professores Joel Orlando Bevilaqua Marin e Maurício Perondi. O objetivo central do projeto é compreender as características convergentes e divergentes desse processo, os aspectos inovadores, os movimentos antecessores e os impactos na juventude, na sociedade local e global.<sup>1</sup>

Entendendo a amplitude do projeto, foram divididos cinco eixos de análise, sendo que cada um possui um coordenador. O primeiro, **Geografias e Histórias**, o qual aborda os contextos, movimentos, espaços-temporais local e globalmente coordenado por Jordi Nofre; o segundo, **Imaginário e discursos**, estuda as representações dos movimentos na mídia, na cultura visual e declarações orais e escritas dos líderes, intelectuais e participantes, cuja coordenadora é Joana Soto; o terceiro, **Perfis e gramática**, analisa as condições sociais e culturais dos participantes nos protestos, formas e conteúdos de reivindicações explícitas e implícitas, coordenado por Jose Sanchez; o quarto eixo, **Redes e Políticas**, avalia os efeitos de movimentos na organização social e simbólica de redes virtuais e de políticas públicas e corporativas, coordenado por Ariadna Fernandez; e, por último, **Identidade e Alteridades**, analisa a participação em movimentos de juventude em

---

<sup>1</sup> Informações retiradas da newsletter do projeto *GENIND*, disponibilizada no dia 18 de novembro de 2013.

geral e aos jovens oriundos da imigração , em particular, com especial atenção para o papel desempenhado pelas gangues de jovens, coordenado por Carles Feixa.

O presente estudo está inserido no escopo do projeto GENIND, incorporando seus objetivos ao quarto eixo de análise (Redes e Políticas). A relevância da pesquisa se expressa na latência do tema referente às manifestações sociais juvenis, que é um momento de expressão, de conquista, de luta e de mudanças. Um espaço democrático que possibilita a participação coletiva, inclusive a dos grupos marginalizados dos centros urbanos, podendo expressar publicamente e expor suas indignações com a ineficiência do governo em relação as suas demandas sociais. Mas, vale salientar, a particularidade desse trabalho que é analisar os movimentos sociais diante da perspectiva da liderança juvenil rural no Brasil, mais especificamente no Estado do Rio Grande do Sul. Castro (2012) faz uma abordagem, a partir de estudos desenvolvidos no século XX “sobre o termo “jovem camponês”, ou simplesmente “jovem”, que vem sendo acionado com frequência para designar filhos de camponeses que ainda não se emanciparam da autoridade paterna – geralmente solteiros que vivem com os pais” (2012, p. 441). Uma realidade que se aproxima a alguns militantes entrevistados, mas não sua totalidade, porém pode ser observado que a juventude que não se enquadra como liderança, e sim, como membro da militância tem mais frequente tais características.

Por suas características pessoais e por considerar instigante a participação da juventude rural nessas manifestações urbanas, mesmo longe dos grandes centros, sua realidade, mas que do mesmo modo, é diretamente afetada pela globalização, seja pela utilização excessiva de agrotóxicos nas lavouras ou pela falta de incentivo de sua permanência no campo em função dos escassos recursos e oportunidades, tornando os grandes centros muito mais atrativos, ou também, pelas disparidades econômicas de acesso às políticas públicas. Corroborando este fato com as palavras de Castro (2012) na qual afirma que a realidade rural realmente se mostra menos atrativa aos jovens que o meio urbano, porém ela salienta, que é através dos movimentos sociais que a juventude tem criado lações e relações, acabando por estimular sentimentos e apeços pelo meio de origem, acarretando em sua permanência.

Esses jovens se apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores, pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. Assim, jovem da roça, juventude camponesa,

jovem agricultor familiar são categorias aglutinadoras de atuação política. Essa reordenação da categoria vai de encontro à imagem de desinteresse dos jovens pelo meio rural. Apesar dessa “movimentação”, esse “novo ator” é pouco conhecido e ainda muito negligenciado pelas pesquisas sobre o tema juventude (CASTRO, 2012, 442).

Fazendo uma referência sobre o público de interesse, a juventude rural, Castro (2007, p. 129), apresenta alguns dados importantes para entender um pouco sobre essa população, tendo como fonte a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), os dados apontam que a população juvenil no Brasil, na faixa etária de 15 a 29 anos é de 49 milhões de pessoas, significando uma porcentagem de 27% da população. Sendo que destes 4,5% são jovens rurais, isso representa um número aproximado de oito milhões de pessoas, sendo que a autora ainda destaca que esse indicador pode ser maior em função dos critérios de definição de rural e urbano que são utilizados na pesquisa. Como a expressividade numérica é menor que a dos centros urbanos, a juventude rural é esquecida, consequência, por vezes, da desvalorização simbólica que é associado ao campo. Causas, de longa data, que incentivam os jovens militantes a se aliar e formar suas redes de indignação, para quem sabe assim serem ouvidos pelo Poder Público.

O foco da análise no presente estudo são os líderes juvenis de movimentos rurais, por considerar indivíduos influentes nas manifestações sociais e que agregam e orientam os demais integrantes do movimento. Uma juventude provedora de experiências e realidades distintas da dos centros urbanos, com representações da vida rural nas suas mobilizações. Deste modo, o trabalho tem por objetivo entender as trajetórias de vida, as relações e os ideais sociais desses representantes, para assim, de forma específica identificar o percurso histórico de cada um, até se constituir enquanto líder de um movimento rural; analisar o modo como se estabelecem as relações, conexões e divulgações das manifestações, antes e durante os manifestos nas ruas; e, por fim, compreender as motivações sociais que incentivam essa juventude a permanecer na linha de frente dos movimentos.

A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, pois irá “trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21) tendo a combinação de diversos procedimentos metodológicos. Primeiramente, realizou-se a análise bibliográfica para identificar a conceituação de movimentos sociais, tendo como referência os “Indignados” na Espanha em 2011 e outros movimentos modernos.

Considerando que nenhum tema ou indivíduo possui neutralidade no seu campo, existe a relevância do conhecimento da realidade estudada através de referenciais teóricos e aspectos operacionais (MINAYO, 2012, p. 63). Em função disso, realizou-se primeiramente, o levantamento de documentos e bibliografias referente ao surgimento dos movimentos contemporâneos. Posteriormente, foi feito um levantamento de bibliografias e documentos para conceituar juventude e juventude rural, dando destaque a suas representações em movimentos sociais em âmbito internacional, nacional e regional. Além desse artefato bibliográfico disposto no Brasil, em maio de 2014 foi possível realizar um intercâmbio de 15 dias em Lleida (Espanha), para buscar outras bibliografias e contatar com os demais pesquisadores do projeto GENIND, para assim enriquecer a pesquisa bibliográfica e documental do presente trabalho.

Em um segundo momento realizaram-se as entrevistas com os militantes juvenis rurais, no Estado do Rio Grande do Sul. Os jovens entrevistados foram selecionados a partir de informantes-chave, sendo estes, escolhidos a partir de vínculo com o campo, sendo assim, todos os informantes possuíam contato com o meio rural ou são de origem rural ou trabalham no meio rural, podendo assim, avaliar com mais propriedade os movimentos de maior relevância para o meio. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista com roteiro semiestruturado, “guiado por relação de pontos de interesse” (GIL, 2010, p. 105). Desta forma, para analisar suas opiniões diante da formação das manifestações, a entrevista foi dividida em eixos temáticos tendo uma abordagem inicial dos aspectos da vida particular desse jovem rural – trajetória de vida, contexto familiar, trajetória, motivações, envolvimento e participação – e, por conseguinte, a estruturação do movimento – avaliações, pautas e expectativas. A amostragem foi não probabilística por interesse, isso significa que não existia um número definido de entrevistas, não sendo esse um critério obrigatório para pesquisas sociais, pois a questão não é a quantidade de indivíduos, mas sim, a significância de suas representações e conhecimento (MINAYO, 2012, p. 48), desta forma, as entrevistas foram satisfatórias quando ocorreu, pelo meu próprio entendimento, a saturação e repetição de informações.

Para efeitos dessa pesquisa, foram escolhidos, através das informações dispostas pelos informantes-chave, cinco movimentos rurais: Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG), Movimento Sem Terra – MST, Pastoral da Juventude Rural

(PJR) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF SUL). Os jovens colaboradores da pesquisa tinham de 24 a 32 anos, sendo três homens e duas mulheres, dois residentes na capital do Estado (Porto Alegre), um em Cachoeira do Sul, um em Aratiba e outro em Santa Cruz, todos são líderes da juventude rural militante. A totalidade das entrevistas foi de 5 horas e 41 minutos e os encontros ocorreram no primeiro semestre de 2014. Para manter o anonimato e a privacidade de cada liderança entrevistada foram utilizados nomes fictícios para referenciá-las. Inicialmente será feita uma breve apresentação de cada um, seguindo a sequência cronológica da realização das entrevistas.

A primeira entrevista foi com a jovem líder Sofia, representante da Pastoral da Juventude Rural (PJR). Ela tem 24 anos, já concluiu o ensino superior e ainda continua estudando. O nosso encontro ocorreu na sua residência e toda sua família estava presente, porém, no momento da entrevista ficamos em um espaço mais reservado. A indicação dessa militante se deu pelos pós-graduandos do Programa de Extensão Rural que conheciam sua trajetória como liderança da juventude do movimento, em virtude do vínculo em um curso de especialização. O contato e agendamento da entrevista foram efetivados pelas redes sociais.

A outra liderança é um jovem rapaz de 26 anos, chamado Fernando, representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF SUL). A entrevista com esse líder ocorreu na sede do movimento em Porto Alegre. Atualmente, ele está concluindo a graduação de Administração e já se formou em um curso técnico em agropecuária. Apesar de os informantes-chave reconhecerem a importância da representatividade desse movimento sindical no meio rural, ninguém possuía um contato dos líderes juvenis da FETRAF. Sendo assim, recorri ao site da federação para procurar o nome do líder representante da juventude. De posse dessa informação, procurei nas redes sociais e fiz o primeiro contato e agendamento por este meio de comunicação. Mesmo sem auxílio de mediadores, fui muito bem recebida e atendida pelo líder juvenil rural Fernando.

A terceira entrevista foi realizada em Porto Alegre, na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG), com a líder Gabriela, que tem 32 anos e compõe a direção da FETAG há 7 anos, representando a juventude e coordenando a questão das políticas agrárias. Já concluiu o ensino superior e, atualmente, atua exclusivamente ao movimento. Gabriela já é mãe e também casada, e atua como liderança da juventude rural e identifica-se como



jovem rural. A indicação de seu nome se deu pelo meu orientador que já conhecia sua trajetória no movimento através de um contato feito na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), quando ainda estava estudando. Todo o agendamento para a entrevista foi feito por e-mail.

O jovem Marcelo é o representante da juventude do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), ele tem 26 anos e mora em Santa Cruz do Sul. A entrevista ocorreu em um café da cidade. O militante já concluiu o ensino superior e deseja dar continuidade aos estudos em um futuro próximo. O contato de Marcelo foi fornecido por uma colega de mestrado que já o conhecia por sua atuação nas mobilizações sociais. O agendamento da conversa foi realizado por meio das redes sociais, e também por telefone.

Por último, apresento a liderança da juventude do Movimento dos Sem Terra (MST). Seu nome é Giovane, 27 anos, mora em Porto Alegre há 8 anos e considera-se integrante da quinta geração de camponeses de sua família. Esse líder é graduado em ciências contábeis e atua, exclusivamente, ao movimento. A conversa ocorreu em um café de Porto Alegre, com a duração aproximada de 2 horas, sendo a mais longa das cinco. O contato com Giovane foi mediado por um colega de pós-graduação que trabalha nos assentamentos, mas os contatos pessoais se efetivaram pelas redes sociais e telefone.

O movimento que tive mais dificuldade em conseguir um representante foi o último, sendo necessário realizar mais de uma tentativa, pois, nas primeiras, não obtive um retorno satisfatório, em virtude de motivos particulares dos militantes e também incompatibilidade de horários. Porém, após o contato feito com Giovane consegui agendar nossa conversa, com certa tranquilidade e transparência quanto aos objetivos e alcances de minha pesquisa. No final da entrevista, fui almoçar na sede regional do MST, onde pude conversar com outros integrantes do movimento.

Fazendo uma análise geral dos cinco entrevistados, posso afirmar que me surpreendi pela receptividade dos líderes, pois em um primeiro momento considerava que teria dificuldades para a realização das entrevistas, por supor que ocorreriam receios por eu ser uma pessoa de fora do grupo. Porém, todos se mostraram muito prestativos e acolhedores, disponibilizando-se a sanar futuras dúvidas, caso fosse necessário.

Segundo Minayo (2012, p. 63) a pesquisa qualitativa em suas técnicas de realizar o trabalho de campo, executa dois principais instrumentos para essa

modalidade: a entrevista, já citada anteriormente, e a observação. Para esta última, foi realizada através das manifestações sociais de forma sistemática (GIL, 2010, p. 121), isso quer dizer que existem aspectos definidos a serem observados, porém o pesquisador mantém-se com certo distanciamento nas relações para não haver envolvimento pessoais que possam influenciar na análise da pesquisa. Essa observação se deu nas manifestações sociais que ocorreram no ano de 2013 e 2014, além do período de observação no processo das entrevistas.

Antecedendo o relatório final, foi realizada a análise e interpretação dos documentos através das divisões temáticas ocorrentes nas pesquisas, onde foi definida a temática de cada capítulo. De forma mais específica, o primeiro aborda o conceito de juventude rural indignada e as manifestações recorrentes no Brasil com ênfase no Estado do Rio Grande do Sul, através da trajetória de vida dos jovens líderes que foram entrevistados; o segundo analisa os processos de estruturação, a compreensão do conceito de redes e a sua importância para a disseminação das informações. E, por fim, o terceiro capítulo tem por finalidade analisar a juventude em movimento, suas perspectivas enquanto líder e as suas esperanças enquanto futuro. Os três capítulos apresentam resultados provenientes das entrevistas.

# **CAPÍTULO I**

## **JOVENS RURAIS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DE LÍDERES INDIGNADOS**

Na formação da identidade, buscamos uma verdade para criar um mundo e uma ideologia. Porém, cada pessoa adquire conhecimentos de maneiras distintas, sendo eles coletivos ou individuais, que formam o conjunto de informações de cada indivíduo. Segundo Bauman (2005), é difícil que alguém tenha experimentado somente uma “comunidade de ideias”, mesmo superficial, outros pontos de vista são comuns, pois o percurso da pessoa, provavelmente, é formado por mais de uma ideologia. As concepções de cada um são baseadas nas suas vivências, nos grupos de convívio, no contexto familiar e social. Nos diferentes espaços de sociabilidade são construídos seus conceitos conforme o que foi vivenciado até o momento, criando assim, um olhar particular em relação ao que é absorvido. Nesta conjuntura, ocorre a construção “da identidade o ‘eu postulado’, que está relacionada às heranças sociais, culturais e definições anteriores do sujeito” (COUTINHO; QUARTIERO, 2009, p. 51).

Como é impossível desvincular identidades de pessoas, e quando pensamos que o coletivo é composto por indivíduos, conseqüentemente, concluímos que ele possui uma identidade. Remetendo aos grupos e, mais especificamente, aos movimentos sociais pode-se considerar que as próprias manifestações possuem uma identificação, movidas e criadas por ideais coletivos, porém, geridas por líderes, em sua grande maioria, jovens. Por isso, optou-se em analisar jovens líderes de movimentos rurais, por considerar indivíduos influentes nas manifestações sociais e que agregam e orientam os demais jovens integrantes do movimento.

Relevante ressaltar que a comunicação está muito presente nessa relação, pois, conforme Petter (2002, p. 11), “a linguagem verbal é a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social”. Nenhuma manifestação ocorre sem a expressividade do pensamento, pois “a mensagem é um pacote de representações, que serve de ponto de passagem para as significações sociais” (PERUZZOLO, 2006, p. 45). Com isso, pode-se conceber que onde houver uma liderança, sua identidade estará sendo transmitida no seu discurso.

Na questão identitária do meio rural persiste, concomitantemente, no discurso dos entrevistados, diferentes maneiras de denominar o indivíduo que vive e/ou trabalha no campo, que seriam: Camponês e Agricultor familiar, essas formas de identificação para pessoas de fora desse convívio pode parecer a mesma terminologia, assim como para mim, antes de ler materiais referentes a temáticas sempre achei que eram apenas formas diferentes de nomear o mesmo sujeito, mas muito além de um nome, existe uma influência cultural e uma significância para cada expressão. Segundo Carvalho e Costa (2012, p. 27) “O modo camponês de fazer agricultura não está separado do modo de viver da família” é um estilo de vida atrelado à reprodução de saberes no sistema produtivo familiar, é uma ligação intensa com os bens que a terra pode ofertar, com produções conjuntas para que haja permutas entre a vizinhança e, conseqüentemente, uma preservação da natureza. A produção com fins comerciais não está tão atrelada ao modo camponês que é essa uma das disparidades conceituais de agricultor familiar. Conforme os autores Carvalho e Costa, essa distinção de conceitos é acentuada pelo modo de produzir e viver de cada um.

A expressão agricultura familiar traz como corolário da sua concepção a ideia de que a possibilidade de crescimento da renda familiar camponesa só poderá ocorrer se houver a integração direta ou indireta da agricultura familiar com as empresas capitalistas, em particular as agroindústrias. [...] A oficialização da expressão agricultura familiar teve como objetivo estabelecer critérios para o enquadramento legal dos produtores rurais com certas características que os classificavam como agricultores familiares. Isso para obtenção, por parte desses agricultores familiares, de benefícios governamentais, sendo indiferente o fato de esses agricultores estarem em situação de subordinação perante as empresas capitalistas ou se eram reprodutores da matriz de produção e tecnológica dominante. Já a expressão agricultura camponesa comporta, na sua concepção, a especificidade camponesa e a construção da sua autonomia relativa em relação aos capitais. Incorpora, portanto, um diferencial: a perspectiva maior de fortalecimento dos camponeses pela afirmação de seu modo de produzir e de viver, sem com isso negar uma modernidade que se quer camponesa. (2012, p. 29)

Através dos discursos dos militantes entrevistados, pode-se perceber a forte identificação do Movimento Sem-Terra pela conceituação de camponeses e sua constante busca pela preservação dessa classe. Já os demais se mostram mais próximos dos conceitos de agricultura familiar. Com a finalidade de tentar compreender a significância da construção identitária de cada grupo, destacando suas semelhanças e disparidades, o presente capítulo traz a análise dos processos de construção social de lideranças juvenis rurais contemporâneas, a partir do estudo

das suas trajetórias de vida, dos históricos familiares, e de suas motivações de ingresso no movimento, procurando reconstituir o percurso do processo de formação dessas lideranças. Justifica-se a intenção de estudar as trajetórias de vida desses indivíduos, por considerar suas ações passadas, reflexo do seu atual momento, em que se tornaram referências para a juventude nos movimentos sociais contemporâneos. “As demandas apresentadas por essa juventude organizada nos movimentos sociais do campo revelam muito sobre como esses jovens se percebem” (CASTRO, 2012, 443). As motivações de ingresso na militância vêm complementar esse histórico, como uma forma de identificar as razões pelas quais esses jovens se motivaram a participar das manifestações e o que isso influenciou na sua trajetória de vida para chegar à liderança.

Na tabela a seguir, apresentam-se os dados fornecidos pelos entrevistados de uma forma mais simplificada para auxiliar na identificação no decorrer do capítulo. Estas informações estão descritas com mais detalhes na introdução do trabalho. Lembrando que os nomes são fictícios com a finalidade de proteger os colaboradores da pesquisa.

Tabela 1 – Dados fornecidos pelos entrevistados

<b>Movimento social</b>	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Local de residência</b>	<b>Local de nascimento</b>
<b>FETAG</b>	Gabriela	32 anos	Graduação em Agricultura Familiar e Sustentabilidade	Porto Alegre	Candelária
<b>FETRAF</b>	Fernando	26 anos	Técnico em agropecuária - Graduação incompleta em Administração	Aratiba	Aratiba
<b>MPA</b>	Marcelo	26 anos	Graduação em Trajetória	Santa Cruz	Palmeira das Missões
<b>MST</b>	Giovane	27 anos	Graduação em Ciências Contábeis	Porto Alegre	Santa Catarina
<b>PJR</b>	Sofia	24 anos	Graduação em Tecnologia Agropecuária	Cachoeira do Sul	Cachoeira do Sul

Essas lideranças que estão contidas na tabela compuseram a amostragem da pesquisa. E, com base em suas trajetórias de vida, o estudo pretende compreender como ocorre a construção da identidade de lideranças juvenis rurais, já que ela está diretamente relacionada a estímulos e fatores externos. O capítulo prioriza uma análise da cultura, do ambiente e do meio que resultam em seus estilos de vida, escolhas e preferências de luta, objetivando compreender a identidade de líderes dos movimentos rurais, com o seguinte questionamento: Como esses jovens se construíram socialmente como lideranças da juventude rural, nos diferentes movimentos sociais rurais do Rio Grande do Sul?

### **1.1 Trajetórias de vida de lideranças juvenis rurais**

Compreender o indivíduo, também é entender as conexões vividas no seu passado. Bourdieu (1998) comenta que “falar de trajetória de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma trajetória”, que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma trajetória e o relato dessa trajetória” (BOURDIEU, 1998, p. 184). Um tema que possui uma significativa representatividade, principalmente no meio social, pois assim, o sujeito constitui um significado para sua existência através de sua trajetória de vida. A temática acaba expressando sua importância na entrevista do militante Marcelo, representante do Movimento dos Pequenos Agricultores, quando questionado sobre o momento mais marcante de sua luta, obteve-se a seguinte resposta: “Minha trajetória”. Marcelo possui uma identidade marcada pelas suas experiências, além de sua graduação em Trajetória, que auxilia sua precisão de datas, conteúdos e dados em seu discurso. Em suas palavras é possível reconstruir um período histórico, vivido por ele, que representa o início do MPA e sua participação no momento.

Nos anos 90, os movimentos no Brasil eram com as políticas neoliberais. Havia um empobrecimento muito grande dos agricultores, em função do endividamento decorrentes dos créditos para o plantio. Com isso, cresceu muito a pobreza entre os agricultores da minha região. O modelo sindical da região estava em crise, os sindicatos que existiam não representavam os agricultores de fato, mas representavam o direito da diretoria em si. Existia um movimento social na região que era o MST, ele lutava pela reforma

agrária, algo que eu apoio e tenho justificativas de apoiar. Nos anos 90, a terra, no Brasil, estava bem desvalorizada, por vários motivos, mas principalmente porque a produção de commodities não estava na mão da indústria. A agricultura ainda estava ligada ao latifundiário e não ao agronegócio, mesmo com o alto êxodo rural, existia a necessidade de organizar quem estava na terra. Em 95, teve uma seca muito forte que atingiu o sul do Brasil, as pessoas perderam suas produções e não tiveram muitas soluções, e com essa crise e descontentamentos dos agricultores, diversos camponeses de movimentos diferentes começam a discutir sobre a situação. Então, o grupo decidiu realizar um acampamento e foram definidas algumas regiões de representação - Sarandi, Encruzilhada do Sul, Tupanciretã, Lagoa Vermelha, Erechim – eram lugares onde tinham pequenos agricultores. Eles foram incentivados a começar a se mobilizar de forma autônoma e, em janeiro de 96, inicia um grande protesto. Pensava que ia ter mil ou duas mil pessoas, mas pela surpresa de todos, apenas em Sarandi em 15 dias de mobilização tinha mais de 15 mil pessoas. Minha família que morava em Boa Vista das Missões, próximo de Sarandi, foi para as mobilizações. Meu pai ficou acampado e eu e minha família fomos algumas vezes nesses movimentos levar comida, roupa e visitar meu pai. Desta forma, participei desse momento histórico. Durante as mobilizações, os agricultores reivindicavam algumas pautas e a principal na época era 1.500 reais para comprar sementes, alimentação... O governo fez diversas campanhas para os agricultores voltarem para suas terras, pois assim seriam atendidos, mas a mobilização durou 4 meses, e Sarandi chegou a ter 20 mil pessoas acampadas. No fim, o governo liberou quatrocentos reais e esse recurso foi destinado para a maioria das pessoas que não estavam nas mobilizações. O recurso ia para a prefeitura e a EMATER, tendo a orientação que não fosse beneficiada às pessoas que participaram das manifestações. Essa ação teve como objetivo dizer que quem se organiza não conquista as coisas, para assim, tentar desmobilizar a organização em si. A liderança continuou a debater o que deveria ser feito dali em diante, e em fevereiro de 1997 é oficializado o novo movimento social no Brasil, o Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA. Hoje, o movimento está em 17 estados do Brasil (Marcelo, MPA).

Toda essa sequência de fatos representa para o militante, parte de sua trajetória. Mas é de relevância destacar que segundo Bourdieu (1998) o trajeto histórico, da vida de uma pessoa não possui uma ordem cronológica, mas sim, uma construção feita pelo indivíduo ao contar sua trajetória. Por vezes, essa sequência é influenciada também pelo pesquisador que dá linearidade as coisas que são independentes de uma lógica progressiva em função de seu interesse. O relato autobiográfico, segundo o autor, baseia-se “na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica, ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos”. Assim sendo, o histórico está organizado em passos de um “desenvolvimento necessário” (BOURDIEU, 1998, p. 185).

Nessa perspectiva, pode-se considerar que somos o que nossos olhos enxergam e o que nosso pensamento seleciona, organiza e reproduz. Em convergência ao assunto, o autor Charaudeau (2007, p. 55) explica que

as provas da verdade, ou, melhor dizendo, da veracidade de uma informação, são, igualmente, da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito. Essas provas devem ser objetivas, independentes da subjetividade do sujeito falante, exteriores a ele e reconhecidas por outros.

Mesmo que a verdade possa ser uma construção induzida, os fatos relatados são os de maior representatividade e significância para o entrevistado, dentro de um processo de seleção inconsciente ou, por vezes, consciente. Desta forma, existe o interesse de criar um sentido à sua trajetória e esse sentido passa a ser o significado de sua existência e, por conseguinte, sua identidade. Por isso, quando estudamos a vida de um indivíduo, construímos a verdade, a partir do seu ponto de vista. Além disso, essa construção também pode estar baseada em um roteiro de entrevistas. Porém, é necessária essa estruturação para que haja um sentido para as pessoas, pois cada um necessita de uma lógica cronológica para se constituir como agente social. Segundo Bourdieu (1998, p. 186), além desses pontos, existe um que precede todos eles “que é o nome próprio, o qual se institui em uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente”. Essa nomenclatura recebida simboliza e autentica uma trajetória de vida, por vezes identifica um acúmulo histórico, a partir dos nomes originários dos pais. Em suma, o percurso de cada um está diretamente ligado a nomes e sobrenomes, que carregam consigo várias representações individuais e familiares, através do seu capital simbólico.

Mesmo que os nomes utilizados na pesquisa sejam fictícios, a essência de cada um se mantém através do relato de suas trajetórias de vida. Este assunto é desenvolvido no primeiro bloco da entrevista, em que se procura criar condições para que cada um se apresente, para assim, tentar compreender o percurso vivido até se tornar um representante juvenil do movimento. Os discursos foram ricos em detalhes e conteúdos e, por diversas vezes, mostraram similitudes e destaques em alguns pontos específicos, quase sempre ligados a sua origem camponesa. No relato de Giovane, as raízes familiares são ressaltadas logo de início:



Sou filho de camponês, da quinta geração de camponeses do Oeste de Santa Catarina. Os meus pais entraram no MST no ano de 1987, um ano depois que eu nasci. Eles não tinham muita terra e uma das alternativas era se juntar com o pessoal do MST que estava começando na região. De 1990 a 1997, nós moramos em uma cooperativa completamente coletiva. Esse foi um processo bem interessante, pois todos os meios eram coletivos, uma organização diferente no trabalho. As pessoas eram remuneradas por hora, divididas em postos de trabalho, tudo feito coletivamente. Isso se deu até meus 11 anos. Eu já tinha uma boa noção e, por isso, pude formar a base da minha formação. Vejo que hoje isso é um diferencial e muito significativo para mim. Eu acabei vindo para o Rio Grande do Sul para estudar em uma escola do MST, em Veranópolis, o ITERRA<sup>2</sup>. Por causa disso, me convidaram para trabalhar nas cooperativas do Rio Grande do Sul, fiquei 4 anos viajando pelo interior, visitando as cooperativas, trabalhando na área contábil de gestão, depois fui para a secretaria estadual do MST, onde estou até hoje (Giovane, MST).

Giovane destaca em sua entrevista sua origem de descendentes camponeses sem terra e, depois, assentados rurais, apontando que na época de seus pais, uma das poucas alternativas para conquistar terra era por meio da união de forças em movimentos sociais. Uma realidade comum e ainda existente no MST, mas que hoje ele luta para auxiliar os camponeses, pois através da sua trajetória de vida conseguiu acumular alguns conhecimentos e experiências que auxiliam os militantes. No seu entendimento, toda sua base educacional fez uma total diferença em sua socialização familiar, comunitária e escolar. Bourdieu; Passeron (2008, p. 231), a propósito da teoria da reprodução no sistema de ensino, apontam que a escola tem efeito de transformação dos indivíduos, sendo ela uma organização pedagógica formadora de *habitus*, com papel de transmitir às novas gerações uma cultura que internaliza suas raízes. Assim, no caso de Giovane, seu diferencial tem relações com as vivências familiares na cooperativa de assentados rurais e, por conseguinte, sua inserção no ITERRA, que lhe deu noções significativas a respeito do movimento e de formas de organização sociais coletivas. Em uma de suas falas, Giovane diz: “Eu ajudo o pessoal do MST a traduzir o que está acontecendo, pois muitos têm outro tempo histórico e correm o risco de, por preconceito ou leituras rasas, reproduzir ideias governistas”. Na entrevista, o seu posicionamento mostrou propriedade e segurança em suas ideologias, reflexo, com certeza, de uma sólida educação nos ideais do movimento.

---

<sup>2</sup> Instituto Técnico de Captação e Pesquisa da Reforma Agrária, criado pelo MST em 12 de janeiro de 1995, para ser mantenedor do Curso Técnico em Administração de Cooperativas (TAC), tendo como sócios fundadores a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil Ltda. – CONCRAB e a Associação Nacional de Cooperação Agrícola – ANCA. Mais tarde veio a elencar outros cursos em sua grade de formação.

O militante Marcelo também comenta que na sua família todos se identificam como pequenos agricultores, pois que seus avôs eram camponeses e que todo o histórico familiar apresenta origens rurais. Destaca que, a partir de 2003, aprofundou progressivamente os vínculos com o movimento do MPA, integrando o grupo de juventude, coordenação municipal, regional, estadual e, atualmente, faz parte da coordenação nacional. Em sua trajetória de vida, até chegar à liderança do movimento, acredita que tem certas particularidades, que evidenciou publicamente seu espírito revolucionário, principalmente pelo motivo de ter sido convidado a trabalhar para o movimento dos pequenos agricultores:

No ano de 2002, eu fiquei no exército, foi um ano que fiquei fora do movimento. Em 2003, eu queria continuar ajudando na propriedade dos meus pais e voltar com meus estudos. Então, passei no vestibular de Trajetória e comecei a trabalhar em uma olaria para pagar minha faculdade que custava na época 700,00 reais, pois assim conseguia ganhar um recurso fixo por mês para pagar meus estudos. O trabalho na olaria era trabalho escravo: iniciava 7:30 da manhã e ia até 5:30 da tarde e recebíamos 9 reais por dia. No primeiro semestre, eu tive uma disciplina que se chamava a Trajetória Econômica e na disciplina eu li o livro “A trajetória da riqueza do homem”. Um capítulo do livro fala sobre a exploração capitalista e tem um cálculo que você consegue ver o quanto você produz e o quanto seu trabalho rende para seu patrão. Na olaria, eu fiz esse cálculo e o nosso salário se pagava na primeira hora de trabalho. Eu fiz esses cálculos para meus colegas de trabalho e motivei-os a fazer uma greve para melhorar nosso salário. A gente fez a greve e ficamos 3 dias sem trabalhar. Foi a primeira greve do município. Depois disso, o nosso patrão procurou o funcionário mais velho e perguntou quem tinha articulado a greve, ele citou meu nome e eu fui demitido e eles retornaram para o trabalho com o aumento salarial. Com isso, um sindicato da região, ligado ao MPA, sabendo da trajetória, me convida para trabalhar no movimento. Então, no ano de 2003, eu fui trabalhar no sindicato de Boa Vista das Missões (Marcelo, MPA).

Através da trajetória de Marcelo, pode-se observar o acúmulo de significados diante de um ocorrido, pois no momento que foi preciso identificar o articulador da greve, seu nome foi apontado e providências foram tomadas. Porém, da mesma forma aconteceu a identificação do movimento, por aquele agente que articulou e mobilizou os trabalhadores da empresa. Independente das distintas possibilidades de identificação, a interpretação acaba sendo a mesma, pois é através do capital simbólico, que se identificam todos os feitos de um indivíduo.

Todas as vivências originam influências na vida de cada pessoa, segundo Feixa (2003, p. 126), ao se referir sobre “a emergência dos jovens como novo sujeito social”, destaca o tempo e o espaço como questões imprescindíveis para a experiência humana, refletindo diretamente nas referências simbólicas de cada um.

Além de salientar a cultura e o estabelecimento das relações, para assim construir sua identidade social. Desta forma, possivelmente, se Marcelo não estivesse cursando sua faculdade suas percepções e apreendido com um livro que considerou significativo para entender as relações sociais em que estava inserido, suas ideias e práticas seriam diferentes. Dada às condições objetivas e subjetivas vivenciadas, ele foi estimulado a reivindicar mais direitos, mais especificamente melhorias salariais, em razão das informações que recebeu através de suas experiências no Curso de Trajetória. Vale destacar, que “as necessidades variam e se alteram de acordo com as experiências do indivíduo e as mudanças que ele enfrenta em sua vida” (MOTTA; VASCONCELOS, 2004, p. 75).

Complementando a questão dos estudos, Giovane acredita que sua visão, em relação ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, tem estreitas vinculações com a sua educação e experiências, pois “não é só a educação, os processos são muito importantes, porém você só vai saber de algumas coisas quando passar por determinadas experiências. Não existe *download* de experiências, pois elas são o fruto do que a gente faz e de nossas escolhas” (Giovane, MST). Todos os militantes entrevistados possuem ou estão concluindo um curso superior, em distintas áreas do conhecimento, mas os cinco entrevistados demonstram interesse no aprimoramento escolar. Marcelo se formou em Trajetória, Gabriela em Agricultura Familiar e Sustentabilidade, Sofia em Tecnologia em Agropecuária, Giovane em Ciências Contábeis e Fernando está concluindo Administração. Pode-se observar que são diferentes áreas do conhecimento, mas são as escolhas que, como comenta Giovane, traçam as experiências individuais e coletivas e refletem no acúmulo de informações: “são esses processos que eu vivi que me deram condições de ser o que eu sou hoje” (Giovane, MST).

Essas possibilidades de estudo podem ser justificadas, segundo Castro et al. (2009), pela adesão aos movimentos sociais, sendo eles incentivadores à frequência escolar, além de atuarem, para muitos, como uma porta de entrada para a educação formal. Porém, esta realidade é algo recente, porque na geração de seus pais as possibilidades de estudo eram mais restritas. Mesmo militantes, a grande maioria dos pais possui tão somente o ensino fundamental incompleto, com exceção do pai de Sofia que conseguiu concluí-lo, mas para isso teve que sair do campo e ir para a cidade e, segundo Sofia, o ensino no meio rural era precário e estendia-se apenas até a 5ª série.

Atualmente, a rede de ensino formal se ampliou e existem maiores facilidades de locomoção que favorecem a continuidade dos estudos das novas gerações de agricultores. Isso não significa que não há dificuldades para a continuidade dos estudos escolares. Gabriela, a mais velha entre os entrevistados, comenta que teve que morar em uma localidade vizinha no interior e, mais tarde, na cidade para concluir seus estudos. Fernando também fez esse processo, mas em virtude de não ter escolas no campo em sua região. Por tal motivo, ele teve que estudar nos centros urbanos, mas comenta que essa realidade modificou, uma vez que, em seu município existem duas escolas rurais com uma boa educação: “Quando estudei perdi um pouco do rural, pois o ensino é voltado para a cidade. Mas, como fiz o técnico em agropecuária, acabei resgatando o sentimento pelo campo”.

Segundo Castro (2012), é importante esse diálogo entre o estudante e o meio de origem, pois é através da educação que se pode estimular a permanência da juventude e a sucessão das atividades rurais.

O acesso permanente à educação pública com um conteúdo teórico-pedagógico que dialogue com a realidade do campo. Assim, “ficar ou sair” do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica (CASTRO, p. 443).

Um ponto em comum entre os entrevistados é a preocupação com os estudos, estimulado muito pela militância e, por ser considerado um meio de desenvolver a crítica social e um sujeito pensante. Como muitos possuem uma longa trajetória nos movimentos, toda essa questão estudantil acaba sendo valorizada desde cedo e sua caminhada na luta acaba por diferenciá-los. No caso de Gabriela, a participação iniciou quando tinha 15 anos e, atualmente, aos 32 anos, possui um acúmulo de experiências pela sua atuação nos locais que frequentava desde muito jovem. Isso acabou se tornando um diferencial diante dos demais militantes e, por consequência, foi escolhida para representar a juventude da FETAG, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Sua trajetória de vida se mostrou fundamental para ocupar tal cargo.

Meu envolvimento começou tanto no grupo dos jovens quanto na sociedade, também como estudante da escola. Depois, fui para a direção da associação municipal e, com esse meu envolvimento, acabei sendo convidada para representar a juventude dentro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de minha cidade. Fui convidada para fazer parte da

direção da FETAG, onde a minha regional fez a indicação do meu nome. Eu componho a direção da FETAG desde 2007, representando a juventude e coordenando a questão das políticas agrárias (Gabriela, FETAG).

É recorrente entre os entrevistados a longa data de envolvimento com o movimento, porém alguns apresentam, desde muito jovens, atribuições sindicais, já outros demonstram uma inclusão recente a essas responsabilidades. No caso de Fernando, até 2010, era somente um membro do movimento FETRAF. Tendo o início do seu envolvimento na coordenação de sua comunidade com 21 anos e, atualmente, aos 26 anos, coordena a juventude da FETRAF do Estado do Rio Grande do Sul, além de ser membro do conselho estadual de juventude e permanecer morando no interior do município de origem. Fazendo um adendo às trajetórias de vida, Montagner (2007) aponta que “perseguir uma trajetória significa acompanhar o desenrolar histórico de grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade dentro do campo em que se inserem”. Mesmo que Fernando não estivesse envolvido desde muito cedo na coordenação do movimento, assim como Gabriela, ele acompanhou o desenrolar das lutas defendidas pela FETRAF, em razão de seu pai ter integrado a direção do sindicato e isso, possivelmente, marcou sua identificação com a luta camponesa.

Divergindo dos demais, Sofia, líder da Pastoral da Juventude Rural, foi a única que apontou os anseios familiares para começar sua participação no movimento, pois os outros comentam de sua família como descendência e estilo de vida. Já Sofia disse que começou a participar por vontade de sua mãe, e que nunca gostou muito da ideia, mas como é muito comunicativa decidiu participar no grupo juvenil de sua comunidade. Como ela mora próximo de onde ocorrem os encontros acabou facilitando o seu entrosamento, pois ela já conhecia alguns jovens que participavam da PJR. Independentemente da forma como foi à adesão ao movimento, todos os entrevistados demonstram um estímulo familiar.

Para muitos dos entrevistados, a família é considerada a base de sua construção como indivíduo. Por vezes, os familiares são pessoas que dão sentido a sua vida, além de ser referência na construção de sua identidade enquanto pessoa e enquanto militantes. Nas entrevistas de Marcelo, Gabriela e Giovane destacaram mais a trajetória de seus pais dentro do movimento, porém os cinco frisaram suas origens camponesas. Fernando também comentou sobre a participação de seu pai

no sindicato, mas de uma forma mais pontual. Já Sofia, não faz menção a seu pai, como relatou, foi estimulada a participar do movimento por sua mãe, mas aponta a importância de suas origens nesse processo sindical. Isso são representações familiares que, com certeza, contribuíram para a percepção dessas lideranças diante dos problemas e contextos sociais. Como destaca Montagner (2007, p. 257), “seguramente a origem social é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois o *habitus* primário, devido ao ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo, que sofrerá outras sedimentações ao longo da vida” Sedimentações essas que, segundo Hall (2006), são originadas através da multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural que dificulta uma identidade unificada e facilita a diversidade inconstante do pensamento do indivíduo.

Mesmo que, de formas distintas, a juventude tem bastantes semelhanças nas suas expressões, Feixa; Porzio (2006) fizeram um estudo com latinos em Barcelona e apontaram cinco elementos clássicos da cultura juvenil, sendo que estes compõem a convergência de suas identidades para as composições de seus grupos. Tentando compreender a cultura juvenil camponesa e transpondo os cinco elementos trabalhados pelos autores, temos os seguintes itens: *a linguagem verbal e não verbal*, onde existe a identificação na fala, comportamento e gestos característicos dos camponeses; *a estética*, composta pela raça, vestimentas ou a presença de símbolos ou acessórios, no caso a enxada, bandeira, foice e o facão são exemplos disso; *a música*, definida pelos gostos e estilos musicais; a produção cultural que é a materialização da cultura e a expressão da identidade, além da utilização da mística por alguns movimentos; e, por fim, *algumas atividades específicas* como as mobilizações, passeatas e marchas sociais. As palavras em destaque são os elementos propostos por Feixa e Porzio aos latinos, mas os adendos são adaptados conforme a cultura juvenil rural. Com isso, pode-se observar que, independentemente do local, algumas características são comuns a qualquer jovem, obviamente, que cada um possui suas peculiaridades culturais, sendo essas suas distinções, para assim, manter a essência individual e também coletiva preservada.

Quando se comenta sobre cultura camponesa existe um zelo por parte dos entrevistados como forma de preservar sua origem e manter presente a identidade rural que, conforme eles, vive em constante crise em razão da sua desvalorização

social. Não podendo ser desconsiderado que os movimentos sociais além de espaços de democratização, representam uma alternativa para unir a juventude rural e manter vivo o orgulho de ser agricultor. Pois, é através dos encontros que eles fortalecem as origens camponesas, ao ter contato com outras pessoas, de diferentes gerações e de diferentes regiões, que se assemelham na fala, nas vestimentas, nos instrumentos de trabalho, nos costumes e na cultura, bem como, nas lutas e reivindicações.

Ao perguntar sobre a forma como o camponês é representado na sociedade, Gabriela afirma “sempre mostram o agricultor como se fosse alguém atrasado, que fala errado e que se veste mal”. Para Fernando, tal representação implica diretamente na desmotivação juvenil em permanecer no campo, em função do “entendimento da sociedade do que é um agricultor, pois existe uma desvalorização do ser camponês. Nós, agricultores, produzimos alimentos e isso não é reconhecido pela sociedade, pois nós não somos reconhecidos pela importância que temos. O reconhecimento da sociedade é algo que pesa bastante para a juventude” (Fernando - FETRAF). Em meio a essa realidade, constituir-se como uma liderança juvenil na defesa de causas camponesas, requer a existência de uma trajetória de vida fundamentada em valores sólidos, estímulos culturais e familiares. Mesmo diante dos preconceitos, a liderança se mostra orgulhosa de sua caminhada na coordenação da juventude nos movimentos. Gabriela comenta com satisfação sobre alguns momentos marcantes de sua atuação:

Já realizamos duas marchas da juventude. Na verdade foram três, mas eu estive na organização de duas. A mais marcante foi a segunda que estávamos com 3000 jovens aqui em Porto Alegre, na qual fizemos toda uma preparação com a juventude, fazendo plenárias regionais em função da marcha. Assim, nós construímos a pauta, a partir do que os jovens estavam demandando. Começamos com uma rodada de negociações na secretaria, inclusive conseguimos abrir uma agenda com o governador em uma reunião e a gente sabe que cada minuto do governador é precioso, e ficamos, durante uma hora e meia, reunidos com o governador explanando o que eram as angústias da juventude rural (Gabriela, FETAG).

O espaço de aprendizagem através das vivências na qual essa juventude participa é de relativa significância para sua trajetória de vida. Poder representar a juventude camponesa, abre uma gama de oportunidades que não poderiam ser vividas se não fosse sua participação no movimento. Sobre o assunto, Marcelo diz que conseguiu compreender o mundo, além do que seus olhos enxergam e seus ouvidos escutam. Conseguiu atingir uma compreensão da vida, pois a verdadeira

realidade é muito além do que seus olhos podem ver. Já Fernando garante que a luta lhe proporcionou muitas oportunidades de aprender: “Nenhum espaço oportuniza tanto conhecimento quanto o movimento, em todas as horas, pois você tem que dialogar com toda a sociedade - médicos, militares e outros. Precisa entender como funciona o seu lugar de atuação. Crescer como pessoa é uma das melhores partes”. Pois a configuração da identidade se dá no processo social, a partir de uma relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, onde se definem parâmetros de identificação e de diferenciação (JARAMILLO, 2011, p. 113).

A mescla de conhecimento e as trocas de experiências acabam por ampliar as concepções da juventude militante que, a partir de suas experiências vão se constituindo como agentes sociais. Para Palma (2010), os jovens possuem uma significativa importância nos aspectos políticos, sociais e econômicos no desenvolvimento da sociedade, pois as trocas de experiências e visões enriquecem as mudanças sociais. A juventude está cada vez mais crítica e organizada, em função da rápida comunicação que acaba gerando mais questionamentos e desenvolvendo um indivíduo com mais propriedades em assuntos civis. A autora também salienta que, para se ter uma participação social e política eficiente da juventude, é importante ter um sistema educativo nas diferentes etapas de sua vida inicial, pois a consciência cívica-política constitui-se em um processo gradativo e longo, sendo difícil transmitir a importância da cidadania a uma juventude que nunca foi educada a desenvolver esse sentimento. Essa conscientização sempre é evidenciada nas entrevistas dos líderes juvenis, pois existe um interesse na educação dos militantes em criar sujeitos com conhecimentos políticos.

Os movimentos sociais têm sido uma alternativa de reivindicar os direitos como cidadão e constituem-se em importantes espaços em que os jovens crescem como indivíduos partícipes da sociedade. Isso pode ser confirmado na conversa com Gabriela e Sofia, ao serem questionadas sobre a importância do movimento para suas vidas e o que representa na sua constituição como agente social. Gabriela está certa de que as experiências que o movimento sindical rural, através da FETAG, lhe proporcionou vão fazer com que ela desempenhe um bom trabalho no seu município, pois lá também precisa organizar muitas coisas. Ela ainda complementa dizendo que sente muita falta de trabalhar diretamente com os agricultores, pois é apaixonada pela agricultura e não quer se desvincular dela. Já na visão de Sofia,



O movimento abre portas por ter ideologias. Eu estava pensando esses dias, que me formei nas Ciências Agrárias, o que teria de trabalho para mim? Eu ganharia até mais, eu ganharia melhor que eu ganho agora, mas teria que trabalhar para o agronegócio. E trabalhar para uma empresa privada, eu, com certeza, ganharia bem melhor e estaria numa condição financeira melhor, mas eu não seria feliz fazendo isso. Então, eu trabalhava em uma cooperativa ligada ao movimento social e isso me abriu a oportunidade de trabalhar com o que eu gosto, que é trabalhar com agricultores familiares, trabalhar com as diversificações das propriedades, trabalhar com o autossustento deles e trabalhar no sentido que eles consigam buscar mais autonomia. Trabalhar com assistência técnica e extensão rural, eu não visualizava aqui em Cachoeira então, apareceu isso, por eu participar da PJR e conhecer pessoas do MPA eles conheciam o meu perfil e como eu me encaixava, “vamos lá”! Já faz quase dois anos que trabalho com eles (Sofia, PJR).

Percebe-se que as relações e trajetória de Sofia contribuíram para sua contratação no seu atual emprego. Mesmo sendo em outro movimento, criam-se as oportunidades, em virtude delas terem algumas identificações culturais, políticas e ideológicas. Como se pode observar, as trajetórias de vida de cada um influenciaram em suas atuais escolhas e, a proximidade familiar com o movimento acabou gerando uma empatia com as causas de luta, para assim, constituírem-se como líderes juvenis rurais.

Além disso, os entrevistados demonstraram o seu desejo em unificar os movimentos camponeses, estreitando os laços e ampliando sua representatividade social. Porém, ainda existe resistência de alguns militantes mais antigos que, por motivos históricos, não aceitam essa ideia e preferem manter um distanciamento entre as diferentes bandeiras de luta. A ampliação das relações, na visão juvenil, viria a agregar as discussões sociais por proporcionar uma maior convivência com diferentes pessoas e gerações, imbuídas no mesmo ideal, melhorar as condições de vida no campo, além de proporcionar à juventude uma maior plenitude na sua constituição como agente social.

## **1.2 A influência e o apoio familiar na fase da juventude**

Definir família é algo um tanto quanto complexo em razão de suas várias formas de constituição no mundo contemporâneo. Ao tentar fazer uma definição, Bourdieu (2011, p. 124) apresenta um conceito socialmente dominante onde “apoia-

se em uma constelação de palavras que, sob a aparência de descrevê-las, de fato, constroem a realidade social. De acordo com essa definição, a família é um conjunto de indivíduos aparentados, [...] vivendo sobre o mesmo teto”. O autor ainda traz algumas observações a respeito da família considerada “natural”, defendendo como uma invenção social, sendo que hoje essa composição (mãe, pai e filhos) está bem modificada e que se admitirmos que a família seja apenas uma palavra, uma simples construção verbal, conclui-se que ela não passa de uma relação social idealizada. “Dito isso, se é verdade que a família é apenas uma palavra, também é verdade que se trata de uma palavra de ordem, ou melhor, de uma categoria, princípio coletivo de construção da realidade coletiva” (BOURDIEU, 2011, p. 126).

Realmente, as relações e composições familiares modificaram-se muito nos últimos tempos. Porém, isso não é tão acentuado nas entrevistas dos jovens rurais, sendo que, a cultura camponesa, em seus relatos mostra-se mais conservadora, tendo presente também a dominação masculina, onde a figura do homem possui uma representatividade, poder e influência de supremacia no conjunto familiar. Justificado, talvez, pelo cultivo de manter e preservar, sem modernizações, a cultura do meio rural. Segundo Bourdieu (2011, p. 135) a família é um organismo social, na qual se projeta uma realidade baseada nas condições e informações que são transmitidas sobre as políticas da família. O autor defende que a família é uma “ficção, um artefato social”, mas “uma ilusão bem fundamentada” por ser produzida e reproduzida pelo Estado e, assim sendo, “nada parece mais natural que a família”.

A conservação no meio rural sobre a formação da família apresenta-se como algo muito marcante, pois todos os entrevistados constituem-se de famílias “naturais” formadas por pai, mãe e filhos. Fato que talvez possa ser justificado em razão da demasiada religiosidade que existe no campo, resultando em uma reprodução social baseada nos ideais da igreja. Castro et al. (2009, p. 86) apresentam dados estatísticos sobre a grande identificação dos jovens rurais com a igreja católica, que mantém forte o vínculo da religiosidade com os movimentos sociais rurais, tendo inclusive seu próprio movimento que é a PJR.

Sofia, representante do movimento da igreja católica, possui uma família composta por seu pai, sua mãe e sua irmã de 16 anos. Já Marcelo integra uma família um pouco maior, mas na mesma lógica: seu pai, sua mãe, sua irmã (de 23 anos que já é casada, mas mora próximo à propriedade dos pais) e seu irmão (que tem 15 anos e mora em casa); porém, ambos os irmãos ajudam na propriedade dos

pais. Giovane tem dois irmãos. É importante notar que sua irmã também é militante e está trabalhando na secretaria do MST de Santa Catarina e seu irmão está estudando atualmente no ITERRA, em Veranópolis. No caso de Gabriela, ela já constitui sua família com seu marido e sua filha de 3 anos. A família é a base do indivíduo, o fruto de um adequado trabalho de instituição, ritual e técnica que atuam concomitante, pretendendo instituir de forma duradoura, em cada um dos componentes da unidade instituída, sentimentos adequados para assim “assegurar a integração que é a condição de existência e de persistência dessa unidade” (BOURDIEU, 2011, p. 129).

A militante da FETAG, mesmo possuindo sua família distinta ao dos seus pais, acaba fazendo menção a alguns atritos familiares presentes nos conjuntos domésticos, que segundo Bourdieu são as relações de forças existentes em um campo. Ela comenta de um problema, aparentemente, corriqueiro no meio rural que é a divergência de gerações na forma de produzir, pois os jovens possuem novas informações e métodos diferentes de lidar com a agricultura. Tais conflitos de percepções se acentuam ainda mais naqueles casos em que os filhos estudam e depois retornam para aplicar seu aprendizado nas propriedades de seus pais. Isso foi o que ocorreu com seu irmão, formado em técnico em agropecuária, que propôs novas formas de produzir e gerir a unidade produtiva. Mas o seu pai não aceitou mudanças nas formas de administrar sua propriedade e na aplicação de novas tecnologias, resultando na saída de seu irmão da propriedade e à procura de um emprego urbano. Em uma análise feita por Feixa (2004) sobre a construção histórica da juventude, ele afirma que o jovem rural, historicamente, não gozou de prestígio, nem de poder, uma vez que se mantinha subordinada ao chefe de família e inserção precocemente nos trabalhos domésticos e agrícolas. Assim, os jovens tinham responsabilidade em relação ao trabalho, porém não gozavam de autonomia na produção e tampouco de uma constância na remuneração ou mesmo a inexistência dela.

Mesmo com o passar dos anos essas questões ainda são recorrentes, e Gabriela ainda faz uma saliência, que a falta de espaços para aplicar seus conhecimentos e a falta de incentivos na família podem representar um rompimento dos jovens com o meio rural. “Eu e meu pai também tivemos esses conflitos. Mas, hoje, é diferente, pois houve a fase de ruptura, é a queda de braço entre pais e filhos e é o momento onde o filho sai do meio rural” (Gabriela, FETAG). Castro, et al.

(2009, p. 88) também apresentam estes conflitos familiares em uma de suas pesquisas com jovens rurais do Brasil, dizendo que, realmente as condições de trabalho para a juventude na propriedade dos seus pais é algo difícil pela divisão de renda, pela questão hierárquica e pelo fato de não poder decidir o que produzir e como produzir. Conseqüentemente, estas demandas resultam na migração para a cidade ou para outras localidades do meio rural. Voltando ao caso do Irmão de Gabriela, o desfecho das tensões familiares se encaminhou no sentido do jovem optar por trabalhar na cidade, embora continue morando no meio rural.

Vale também notar, as relações que os jovens militantes desenvolvem na unidade de produção familiar, que ainda é controlada pelos seus pais. A propósito, Fernando diz que trabalha quando dá tempo, enquanto os demais trazem mais detalhes sobre a sua participação nas atividades agrícolas e domésticas na família de pertença. Giovane comenta que, quando vai a Santa Catarina, trabalha no campo, pois gosta muito desse contato, embora permaneça, no máximo, por uma ou duas semanas. Diz que sabe trabalhar na agricultura, mas atualmente o fato de residir em Porto Alegre dificulta a assiduidade no trabalho familiar. Já Sofia se envolve pouco nos trabalhos agrícolas e domésticos, pois só vai para casa dos pais nos finais de semana. Em relação ao trabalho agrícola, garante que quem mais se envolve é seu pai: “pensamos em algo em conjunto, mas é ele quem administra tudo. Conforme a demanda de trabalho é o período que eles ficam lá fora, mas isso varia muito. Pois possuímos vacas de lactação e eles administram isso com os terneiros” (Sofia, PJR). Os entrevistados demonstram gostar das atividades no campo, mesmo tendo pouco tempo para se dedicar à agricultura. Ao comentar sobre sua colaboração na propriedade de seus pais, Marcelo diz que vai muito pouco para casa, mas que quando vai, sempre ajuda e se envolve nas tarefas diárias, “vou ver como está o milho, o feijão, o que eles estão plantando e colhendo. Mas, isso é muito esporádico” (Marcelo, MPA).

Relevante destacar a semelhança no discurso das duas jovens moças que, em relação ao tipo de produção agrícola desenvolvida por sua família, demonstram que são mais detalhistas com a produção agrícola do que os três rapazes. Gabriela comenta que, atualmente, a produção familiar está mais orientada para o gado, pois exige menos mão de obra. Mas, que quando voltar, em 2016, após o fim da sua gestão na FETAG, ela pretende trabalhar com flores, folhagens, produtos de subsistência e continuar trabalhando com gado de corte, em pequena escala, e

possui 11,6ha de terra. Já na propriedade dos seus pais, a produção é de fumo, milho, feijão e os produtos de subsistência. “Não compramos verduras fora” diz Gabriela. A outra militante, Sofia, diz que produz quase de tudo, somente o fumo que não. Pois o fumo é mais forte em outras regiões, no caso onde ela trabalha, sendo que o forte da região de Cachoeira do Sul é o arroz, sendo inclusive considerada a capital nacional do arroz, porém hoje o arroz perdeu um pouco de espaço para a soja que se expandiu muito e também a pecuária de corte, mas ainda em seu município são essas as três principais culturas. A propriedade dos seus pais fica em Arroio do Tigre a 25km do centro de Cachoeira do Sul.

Gabriela fez um relato interessante a respeito de seu gosto e envolvimento pelas atividades do campo:

Eu sempre trabalhei na propriedade dos meus pais, com agricultura familiar. Hoje, eu e meu marido temos uma propriedade própria. Ele é eletricitista, mas também possui pais agricultores. Em relação ao trabalho infantil, os agricultores não podem levar seus filhos na lavoura, tudo bem quando são crianças, mas um jovem de 14 anos não poder colaborar com os pais. Eu sempre ajudei meus pais e, por isso, que o que eu sei, o que eu faço e valorizo, é porque eu ajudei meus pais, que eu sei de onde vinha o dinheiro que eles pagavam meus estudos, que pagavam meu transporte. Eu aprendi a valorizar, porque eu aprendi com eles, só que se você não toma gosto pela agricultura quando pequeno, você não toma gosto depois (Gabriela, FETAG).

A militante da FETAG demonstra um posicionamento distinto dos demais, sendo perceptível na entrevista, sua riqueza de experiências, fato que pode ser justificado em decorrência da idade ou da maternidade. Além disso, é a única líder, que se identifica como jovem, que é casada e com propriedade própria. Feixa (2004) em seu resgate histórico comenta que a juventude rural não possui nenhum reconhecimento social e que somente com o casamento que adquire respeitabilidade, pois até então, estão subordinados e sustentados pelos pais. Vale notar que o diferencial de Gabriela é sua independência econômica e sua nova estrutura familiar, pois a maioria dos entrevistados comenta necessitar de auxílio financeiro da família para conseguir pagar as contas e se manter na linha de frente do movimento.

Além disso, Gabriela foi a única a enfatizar, na sua entrevista, seu desejo em retornar ao seu município e ser uma produtora rural. Não se pode dizer que esse não seja um desejo dos demais entrevistados, porém eles não frisaram bem esse anseio. Conforme relato da Gabriela, no interior de Candelária, aparentemente, tem

uma comunidade bem organizada, resultando em pouca emigração juvenil e muitas novas moradias dos filhos dos camponeses que construíram suas casas e vão permanecer no meio rural, morando e trabalhando ou só morando. No entanto, não se pode afirmar que essa seja uma realidade comum a todos os municípios gaúchos, pois, segundo Brumer (2007), a juventude rural normalmente tende a migrar, em virtude da visão relativamente negativa das atividades agrícolas e dos problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração. Porém, Gabriela justifica que a realidade de sua localidade é diferente não só por ser organizada, mas por ser próxima da cidade, com a existência de espaços de socialização e de lazer, em decorrência do bom relacionamento da vizinhança e da facilidade de acesso à internet.

No que se refere às opiniões da família em relação ao envolvimento dos jovens no movimento, as respostas foram diversificadas. Contudo, os jovens entrevistados comentaram que se sentem apoiados pelos familiares, principalmente pelas questões financeiras para a permanência na luta. O assunto nas entrevistas foi delicado em razão da reação dos militantes, pois de alguma forma se mostravam insatisfeitos com os ganhos, mas não queriam deixar isso tão explícito, sendo que inclusive um militante recusou-se a falar sobre o assunto, pois lhe trazia chateações. Leccardi (2010) comenta que a família desempenha um papel vital no apoio econômico dos jovens. Mas essa relação está muito além disso para os jovens, pois ela representa a proteção contra a incerteza social e emocional, capaz de acalmar as angústias sobre o futuro. O depoimento de um líder juvenil rural é elucidativo:

Dentro de um movimento social ninguém vai ficar rico. A pessoa que vai participar de um movimento social faz uma opção de vida, e é uma opção de vida na qual você se define enquanto sujeito social e vai desenvolver atividades que não vão estar relacionadas apenas ao "eu". Sempre digo que a minha participação no movimento é algo que me faz feliz e eu consigo ajudar algumas pessoas a tentarem ser felizes. Não é uma felicidade mesquinha. [...]. Hoje meus familiares não atuam organicamente do movimento, só em algumas mobilizações pontuais. E como nos movimentos a gente não enriquece, eu ando sempre apertado e meus pais sempre falam que eu deveria trabalhar em algum lugar para ganhar mais dinheiro. Mas essa é uma visão capitalista, pois todos somos, mesmo eu sendo contra, eu sou capitalista. Eles questionam que eu poderia ter mais dinheiro, mais coisas. Mas, mesmo com esses questionamentos, eles me apoiam e acabam me ajudando financeiramente também (Marcelo, MPA).

Fernando, por sua vez, comenta que os compromissos com o movimento lhe tomam tempo, pois nunca está em casa, mas recebe todo o apoio familiar para o

que for preciso, pois seus pais sentem orgulho do seu trabalho: “eles têm a compreensão da importância do que eu faço me ajudam bastante. É um trabalho que não é só pra mim, nem por ganho financeiro, mas pelo prazer de ajudar as outras pessoas, por esse lado é uma função bastante gratificante” (Fernando, FETRAF). Sofia, igualmente, acrescenta que as oportunidades do movimento lhe proporcionaram possibilidade de trabalhar com o que gosta, mas que se integrasse no mercado de trabalho estaria, provavelmente, em melhores perspectivas financeiras. Porém, comenta que sua família confere amplos incentivos para a continuidade na militância juvenil e que compreendem a importância social de seu trabalho, uma vez que possuem uma visão bem aberta sobre o assunto. Mas cobram sua ausência nos finais de semana, por ela ter que participar de eventos.

Gabriela, que já é mãe e possui uma agenda com muitas viagens e reuniões ficou com sua filha até completar um ano e três meses e, por razão da melhor qualidade de vida em Candelária, o casal optou em deixar a criança com o pai. Uma escolha, provavelmente, difícil a uma jovem mãe, mas o sentimento pela luta no movimento sindical rural só conseguiu ser permanecido em função do apoio de sua família e de seu marido. Ao colaborar com os militantes, o conjunto familiar, se torna uma espécie de “sujeito coletivo” desenvolvendo a colaboração mútua, e não um simples agregado de indivíduos (BOURDIEU, 2011, p. 131).

Aparentemente, pode-se perceber que o maior estímulo, em relação à permanência da juventude na linha de frente dos movimentos, é o desejo de atuar para um coletivo, pois a questão econômica não se mostra atrativa por haver outras ofertas de trabalho e vida, aparentemente, mais vantajosas. Todavia, a militância já tem consciência que, atuando na condição de uma liderança juvenil rural, não conquistará sua independência financeira e necessitará do apoio familiar para manter suas despesas por mais um período de sua vida.

### **1.3 Razões da permanência nas lutas camponesas**

Um trabalho feito pelo grupo de pesquisa PSICOSOC, do centro de estudos superiores Don Bosco, da Universidade de Madrid, analisou 346 jovens de 16 a 30 anos, para tentar compreender algumas questões recorrentes à juventude. Em sua

análise, pode-se afirmar que os jovens investigados consideram a família e os amigos como sua principal fonte de sentido à vida. Segundo o grupo de investigação, dar sentido à vida é o que oferece significado e ajuda a encontrar um suporte interno à existência, é um processo que costuma iniciar dentro da família, como uma socialização primária. As vivências, aprendizagens e interações de cada um proporciona uma base ontológica sólida, que oferece segurança para a existência, como ponto de partida para a construção da identidade. Por isso, a família e os amigos são considerados relevantes para esse público, sendo, por vezes, modelo de reprodução.

A juventude é uma fase de decisões e escolhas para a vida adulta e, dar sentido à vida é uma questão muito frequente entre os jovens, que vêm se mostrando inquietos com a falta de certeza e as crescentes dúvidas diante do futuro. Segundo Hall (2006) as inquietações juvenis se evidenciam pela existência de identidades fragmentadas, em razão das informações em excesso do mundo moderno. No entanto, o autor comenta que a essência do indivíduo é um processo inconsciente na construção de sua postura, porém essa fase juvenil é significativa, mas não finalizada, pois “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2006, p. 39).

Para os militantes rurais, a luta camponesa é o que dá sentido à sua vida, e ao serem questionados sobre as pessoas de suas referências no percurso do movimento todos citaram, primeiramente, a família ou algum membro em específico e também fizeram menção a outras pessoas do seu convívio que, de alguma forma, eles admiram. Conforme Bourdieu, a família tem um papel imprescindível na “manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais” (2011, p. 131).

A família realmente exerceu um papel de influência na caminhada dos jovens rurais entrevistados até constituírem-se como liderança do movimento. Eles citam, com orgulho, o papel da família na sua trajetória de vida, conforme depoimentos: “Acredito que meu instinto natural de querer participar também veio de casa, pois meu pai sempre foi envolvido no sindicato e em articulações para benefício do município” (Gabriela, FETAG). “Minha participação se deu em função da minha



trajetória de vida, mas visualizar meu pai envolvido nos movimentos quando eu era pequeno, acredito que deve ter influenciado também” (Marcelo, MPA).

Algumas virtudes, valores ou modos de vida de outras pessoas do seu convívio social também inspiraram os jovens líderes rurais em seu percurso. “Falando das pessoas num geral, como não existem pessoas perfeitas. Você observa a qualidade de cada indivíduo, pois cada pessoa que tem seus defeitos e suas virtudes e dali você tira o que tem de bom e aprende com eles” (Marcelo, MPA). “Têm lideranças que a gente se espelha pela trajetória” (Fernando, FETRAF). Sofia é a única que traz um representante específico ligado à diocese de Cachoeira do Sul como sua referência de luta, sendo ele um militante que iniciou realizando encontros entre as lideranças com a ideologia de que “não está no mundo só para passar”, que acredita na juventude e trabalha muito na questão de “você ser um agente de transformação no lugar onde você estiver, para assim, não passar em vão a sua vida” (Sofia, PJR).

Mesmo que algumas pessoas exerçam influência no estímulo juvenil de permanecer na linha de frente do movimento, ainda existem outros fatores particulares que incentivam sua caminhada.

Poder ajudar o outro. O reconhecimento das pessoas é o que mais gratifica. Se for olhar pelo lado financeiro, para mim, é muito mais viável estar trabalhando em uma propriedade. Mas, quando você vê os agricultores vindo te agradecer pela conquista de uma casa, por ter melhorado a sua qualidade de vida, por ter proporcionado o acesso às políticas públicas, que muitas delas foi conquista da nossa luta, isso é muito mais gratificante (Fernando, FETRAF).

Esse sentimento de auxiliar mais pessoas dá sentido à juventude que se considera útil e importante no seu meio social.

A nossa existência tem um sentido muito maior do que apenas viver, do que apenas nascer, crescer e morrer. Eu acho que, a partir do momento que eu comecei a participar do MPA, eu comecei a observar a existência dos pequenos agricultores em poder ajudar eles, pois o objetivo do movimento é lutar para que as pessoas vivam de uma forma mais associada possível, aonde as comunidades sejam fortes, com escolas adequadas ao interior para desenvolver o interior (Marcelo, MPA).

Ser um agente social necessita estar comprometido na construção de sua vida, na vida dos que o rodeiam e na sociedade em que vivem (URTEAGA, 2011, p. 408). De fato, a juventude militante em análise apresenta, de forma acentuada, sua preocupação com o coletivo, deixando de lado algumas possíveis conquistas

individuais para lutar nas causas coletivas. Leccardi (2010) faz um estudo sobre as mudanças de significado juvenis ocorrentes nas últimas décadas e comenta que, em virtude do apoio familiar, essa é uma fase de poder deixar de lado as decisões da vida adulta e experimentar as conquistas juvenis, sem a responsabilidade de cuidar de uma família. A juventude é o momento de desbravar novos horizontes, de arriscar e, sem grandes preocupações poder errar e fazer tudo outra vez. A inexistência de compromissos familiares facilita muito a mobilidade e a possibilidade de novas experiências. Urteaga (2011) enfatiza que, quando um jovem começa a adquirir responsabilidades com a comunidade em que atua, seu sentimento de pertencimento se acentua e seu desejo de contribuir para a melhoria da vida coletiva se manifesta. No caso dos militantes entrevistados, eles se mostraram imbuídos na luta coletiva, destacaram suas identificações com as causas para a valorização da cultura camponesa e manifestam o desejo de mudanças sociais. Esse sentimento coletivo se mostra bem presente nos discursos, pois inclusive existe a preocupação posteriormente a sua gestão.

É tanta coisa, tanta injustiça, tem tanta coisa para se fazer. Em 2016, eu quero voltar para o sindicato do meu município, mas fico com o sentimento de não ter cumprido toda a missão ainda, porque a sucessão não está acontecendo, é informação que muitos agricultores não recebem, é programas que demoram para chegar. A gente acaba se envolvendo em tantas coisas que, às vezes, penso como vou me desvincular de tudo isso. O que me motiva a voltar é que eu tenho que abrir espaço para novas lideranças, pois o movimento sindical não pode ser visto como carreira e sim como um espaço transitório. E, dentro do movimento juvenil que eu coordeno, jovem é considerado até 32 anos, não que isso seja um impedimento para minha coordenação, mas hoje eu estou com 32 anos e quando eu terminar terei 34 e preciso dar oportunidade para outras lideranças (Gabriela, FETAG).

O sentimento de pertencimento, de contribuição à luta camponesa é perceptível na conversa com Gabriela. Os militantes acreditam que, realmente, se doam, em virtude das conquistas sociais. Existe uma insatisfação geral em relação às condições existentes no campo, uma indignação com o descaso político com o produtor rural. Tais questões fortalecem o desejo da militância em continuar na linha de frente das manifestações sociais, conforme depoimento:

O que me motiva é o processo da luta, pois eu acredito que as pessoas podem viver melhor e que não precisam sofrer tanto, vivendo com muito mais dignidade. Essa é a base de tudo. O MST é uma ferramenta e também me dá um suporte para que eu consiga colocar em prática esse meu desejo, de lutar por vidas mais dignas (Giovane, MST).

Mesmo que exista esse interesse pelo social não podem ser desconsideradas as novas formas de atuação dos jovens, em âmbito nacional e mundial, elas vêm se mostrando em um novo cenário econômico e sociopolítico, são as marchas lideradas por uma juventude que nasceu na globalização e que não viveu a ditaduras do governo. Mas, em contrapartida, enfrenta a violência das injustiças sociais e ações exacerbadas da segurança pública. Esses são jovens dos tempos modernos, que utilizam as tecnologias para se mobilizarem e almejam novas ideologias, que não sejam tão rígidas e que se mantenham “em movimento - lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo” (BAUMAN, 2005, p. 32). Uma questão recorrente no mundo contemporâneo é a inconstância das novas demandas, que influenciam a realidade dos movimentos sociais e a permanência da juventude nestes. Pois existe o sentimento pelo coletivo, mas isso não significa a sua conservação, pois o que cativa a juventude moderna é o dinamismo e a liberdade de expressão. Em função disso, existe a necessidade de uma coordenação flexível para mediar os interesses juvenis com as pautas do movimento, para assim incentivar as razões de permanecer nas lutas camponesas.

#### **1.4 Lideranças juvenis rurais: bandeiras de luta e compromissos sociais**

Quando o assunto é bandeiras de luta dos movimentos sociais rurais, o acesso a terra é o início de tudo, casa digna no meio rural, financiamentos para o produtor construir a casa como ele desejar, assim como, é no meio urbano. Gabriela nota que muitas casas foram construídas, mas ainda têm agricultores familiares morando em casas de chão batido. Ela referenda a ideia de que o governo sempre investe bem menos na agricultura familiar em relação à agricultura patronal, não obstante é a agricultura familiar que produz os alimentos que vão para a mesa. São esses três elementos que formam o pilar da luta camponesa: terra, casa e os investimentos na propriedade (Gabriela, FETAG). Sofia também tem preferências comuns a Gabriela, que é a qualidade de vida no campo, acesso a terra, além disso, ela destaca a produção de alimentos saudáveis e o não uso de agrotóxico. Para essas questões, a militante conclui que só existe um jeito de solucioná-las, através

de uma boa educação. “O campo está envelhecendo e ficando masculinizado, isso afeta muito o êxodo rural. A questão de a educação ser no campo e voltada para ele, é algo crucial, pois se não tem educação no campo você não vai conseguir resolver todos esses problemas” (Sofia, PJR).

Ao avaliar as bandeiras da militância, podemos fazer algumas ligações com suas trajetórias de vida, pois, segundo Bourdieu (2011), a vida é um conjunto de acontecimentos, e esse histórico acaba influenciando as escolhas e práticas individuais e coletivas de cada pessoa. Um exemplo claro disso é a militante Gabriela, quando questionada sobre as pautas mais significativas e de maior identificação, ela comenta sobre o

Acesso a terra. Assim, o jovem tem autonomia e a terra é um sinal de poder. Infelizmente ou felizmente. Mas, no momento que o jovem tem um pedaço de terra, ele tem autonomia. Tendo autonomia, claro, com todas as dificuldades, ele vai investir no que ele quer, no que ele gosta. Porque não é sinal que o pai produz milho, que o filho vai produzir milho. O filho pode gostar de hortigranjeiros. De flores, como é o meu caso. Não é alimento, mas pode ser uma boa alternativa para o meio rural. Nesse sentido, eu acho o mais importante, é o começo de tudo, por que um agricultor precisa ter um pedaço de terra para ser agricultor. Porque não é justo, para qualquer agricultor, independentemente da idade, ele ter que entregar 50% da sua produção ao final da safra, ou pagar o arrendamento. Então, o acesso a terra é o começo de tudo, e aí, em consequência disso, vem o acesso a outras políticas públicas (Gabriela, FETAG).

As experiências familiares da militante, especialmente as dificuldades do irmão em exercer a profissão agrícola em razão dos conflitos da sucessão hereditária, pode-se perceber uma semelhança em suas preferências de luta. Neste sentido, as afirmações de Bourdieu (2011) ganham sentido quando comenta que as experiências são inseparáveis do indivíduo, cada um é estimulado por suas vivências. O MST, segundo Giovane, sempre teve bandeiras históricas significativas na luta pela terra e na consolidação dos assentamentos rurais, no apoio aos acampados e assentados rurais. “Um exemplo é no caso do assentamento do meu pai que só nossa família teve que desmatar 80 ha de mata virgem, para criar as condições para viver na terra” (Giovane, MST). Nos discursos dos militantes, as preferências de bandeiras sempre, ou quase sempre, estão ligadas às experiências individuais ou familiares vividas.

Na FETRAF, Fernando destaca mais o lado participativo, sendo presente na entrevista as preocupações com a valorização da classe camponesa, em que é constantemente desqualificada e não possui voz ativa para os problemas sociais.

Em razão disso, “todas as pautas que são construídas são feitas junto dos agricultores. Em 2014, fizemos reuniões com todos os agricultores vinculados a FETRAF, um debate bastante importante. Então, as nossas pautas refletem a discussão das realidades e eu concordo plenamente com todas” (Fernando, FETRAF). No discurso de Fernando aparece ressaltada a questão da valorização camponesa, deixando perceptível seu descontentamento com a imagem que a sociedade tem do homem do campo.

No caso de Marcelo, a formação em Trajetória parece ter marcado sua maneira de pensar a realidade, inclusive nas pautas que mais se identifica trazem um recorte marxista. O combate ao capitalismo é a sua bandeira de maior destaque, sendo que para fazer esse enfrentamento alia-se aos ideais do movimento, que defende o desenvolvimento de projetos de preservação ambiental, de conservação e resgate das sementes crioulas, além de políticas de melhorias da qualidade do ensino no meio rural e da qualidade de vida no campo, conforme depoimento. “Hoje, nós temos o plano camponês que trabalha com o incentivo de energias alternativas, como a produção de álcool, além do óleo de cozinha que recolhemos e transformamos em combustível para os tratores, sem prejuízos à máquina” (Marcelo, MPA). Segundo o militante, essas são ações para enfrentar o capitalismo, uma postura justificada por suas experiências e escolhas de vida. Esse conjunto de significados na visão de Conceição (2010, p. 8) representa que,

Seres humanos são interpretativos e as ações sociais ou práticas sociais são significativas, tanto para os que praticam quanto para os que observam, porque elas são resultados da diversidade de significados que utilizamos para codificar, organizar e regular nossas condutas em relação aos outros, em relação a tudo ao nosso redor. Em conjunto, esses significados constituem nossa cultura e contribuem para assegurar que todas as nossas práticas sociais expressem significados que dão pistas sobre nossas visões de mundo.

Não obstante, Marcelo comentou, quando se referiu aos ganhos financeiros como militante, que se considera capitalista e que todos nós, de fato, somos capitalistas, por estarmos inseridos em um sistema que organiza toda a ordem econômica. Uma ambiguidade de ideologias, mas existe essa consciência por parte do militante. Na mesma linha de entendimento, Giovane diz que a pauta que mais se identifica é: “a do socialismo, da libertação das pessoas. Não só a libertação, mas a dignificação delas. Não é uma pauta, mas quando as pessoas entram no MST elas são tencionadas a pensar. Elas começam a pensar com a própria cabeça. Elas

começam a se sentir agentes sociais” (Giovane, MST). Uma semelhança entre alguns militantes é essa tendência a renegar as características capitalistas, por considerar o aumento das desigualdades sociais, uma consequência inerente a esse modo de produção.

Conforme Groppo (2000) enfatiza a força e a predominância dos aspectos socioculturais, na forma como se comportam e se apresentam os jovens nos diferentes espaços sociais. É relevante destacar a concepção de que “a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se “ter” e mais algo para se “fazer”” (MELUCCI, 1997, p. 9). Sobre as concepções adquiridas, Bourdieu traz o conceito de *habitus* como geradores de uma lógica, uma racionalidade prática, irredutível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação. É condicionante e é condicionador das nossas ações. É produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências (THIRY-CHERQUES, 2006).

Além das experiências pessoais, as opiniões dos jovens militantes tendem a focar aspectos naturalmente atribuídos aos papéis sociais cominados aos homens e às mulheres, especialmente nas sociedades rurais. Os posicionamentos de identificação de pautas se assemelharam entre os rapazes e entre as moças. Enquanto elas são mais focadas nas necessidades familiares de casa, terra, alimentos, eles possuem um perfil mais amplo, com bandeiras mais variadas. Restrepo (2009) defende que ao considerar que o gênero tem a ver, entre outros aspectos, com a maneira específica em que o social e o cultural são ensinados e absorvidos na composição do “ser” homem e do “ser” mulher, podendo garantir que são ensinamentos diferenciados entre cada um. Como homem e como mulher o que cada um absorve é distinto, e isso já é esperado pela sociedade e suas instituições, como, por exemplo, a família, a escola ou a religião, cada um espera comportamentos diferenciados em virtude do gênero. Por isso, também a importância da mescla de gênero nas lideranças dos movimentos sociais, pois é a partir dos vários olhares e das distintas vivências que se constroem bandeiras e pautas aonde mais pessoas de gêneros e gerações diferentes se identifiquem.

## 1.5 Considerações finais do capítulo

As manifestações sociais são formas de exercícios de democracia muito utilizadas como ação de cidadania, as quais permitem analisar como funciona a sociedade, quais seus anseios e insatisfações. Analisá-las em momentos de sua euforia pode parecer confuso e caótico, porém, sua riqueza vai muito além das manifestações nas ruas. Estudar os movimentos transpassa as manifestações, pois podemos voltar ao início dessa caminhada para compreender as trajetórias de vida e de formação das lideranças e, ao mesmo tempo, visualizar situações conquistadas em favor do bem coletivo, durante ou após as reivindicações sociais. As conquistas juvenis, em sua maioria, não são imediatistas, mas sim, uma luta gradativa com transformações em longo prazo. Porém, a ansiedade por transformações é notável nos discursos dos jovens entrevistados, mas eles têm a consciência de que a mudança social é um processo vagaroso que requer paciência. Consciência, talvez adquirida através do longo histórico dos movimentos rurais. Uma questão de destaque entre os militantes entrevistados é a importância dos estudos, sendo que são incentivados pelos movimentos a obter graus superiores de escolaridade. Mesmo que a educação seja voltada aos centros urbanos, a educação é percebida como fundamental para desenvolver um senso crítico mais aguçado. Historicamente, os estudantes eram vistos como rebeldes, como manifestantes e também baderneiros, mas isso é resultado de descontentamento político e econômico concomitante a informações dispostas através dos estudos. Ninguém nasce militante, o desejo de se tornar um agente social vem com a trajetória de vida, reflexos familiares e informações adquiridas.

Em razão da globalização a situação global mudou, a juventude passa por uma transição instável sem garantias de obter uma qualidade de vida melhor que a de seus pais, é um grupo fortemente incentivado aos estudos, mas com pouca perspectiva de futuro empregatício. Consequentemente, as famílias acabam se constituindo mais tardiamente e cada vez menores. Mas podemos considerar que observar a realidade apenas sobre os pontos negativos é uma forma reduzida de enxergar os fatos, pois a juventude está transformando do seu jeito, mesmo que através das tecnologias, as incertezas do nosso momento histórico. No caso dos entrevistados, suas preocupações são voltadas para melhorar as condições da vida

camponesa, a busca por mudanças sociais, o pensamento coletivo e a dedicação de seu tempo, abdicando, por vezes, dos convívios familiares e lazeres juvenis para permanecer na linha de frente do movimento, são as formas que encontram para contribuir e modificar a ordem de nosso país.

Exemplo claro de atuação e dedicação da juventude ao movimento é Giovane que faz um detalhamento de suas atividades periódicas, sendo que em três dias do mês ele executa a parte mais burocrática (folhas de pagamento), em razão de ser formado em ciências contábeis. Nos outros momentos, organiza as atividades, “uma é construir o coletivo da juventude do MST, que são atividades locais, regionais, corporativas, entre outras. E a outra é a organização das atividades na Sede Central, na qual envio *e-mail*, e mantenho contato com as demais localidades do estado” (Giovane, MST). Mesmo jovem, Giovane vive longe de sua família e tem uma rotina estruturada para os afazeres do movimento, sendo essa a forma que ele encontra para auxiliar e desenvolver seus companheiros.

O posicionamento solidário dos militantes, por vezes, aponta-se contraditório ao demonstrar a insatisfação com a ordem econômica e com a dependência financeira da família, pois, de certa forma, eles possuem um discurso mais próximo ao socialismo, com uma ideia de capital econômico equilibrado. Mas é racionalmente lógico que a juventude clama por liberdade financeira, e mesmo alguns não concordando, vivemos numa realidade que as disparidades financeiras são bem acentuadas e, inevitavelmente, acabamos imersos nesse sistema voltado ao consumo excessivo. Além, é claro, que a autonomia financeira é um marco para a ruptura em relação às dependências dos pais. Mas, no entanto, a vida é traçada por escolhas e não existe outro momento tão emergente quanto à juventude para lutar, ter inserção no trabalho, certamente é uma incerteza, mas experimentar a satisfação coletiva, a admiração dos camponeses e o sentimento de conquista são coisas mais plausíveis, que eles só conseguem conquistar aliados aos movimentos sociais. Sendo assim, mesmo que pareça desvantajoso financeiramente estar na linha de frente da liderança juvenil, o prazer, enquanto agente social é imensurável.



## **CAPÍTULO II**

### **DIFERENTES VIDAS JUVENIS UNIDAS NA LUTA PELA DIGNIDADE SOCIAL NO BRASIL**

A eclosão dos movimentos sociais no Brasil no início de 2013 possibilitou as manifestações de diferentes públicos, jovens em sua grande maioria que almejam condições melhores de vida, que buscam um futuro promissor e qualidade de ensino. Segmentos da juventude rural somaram-se aos movimentos sociais e reivindicam mudanças, pois as condições e oportunidades do campo não incentivam sua permanência no local, nem proporcionam condições de vida satisfatórias. Mesmo que as mobilizações tivessem um caráter urbano, jovens rurais aderiram às lutas e se uniram às multidões nas ruas, para se fazer presente nesse momento histórico do país. A adesão às manifestações foi uma forma de juntar as insatisfações sociais e se compor como uma grande massa indignada. Neste caso, a quantidade é de extrema significância para consolidar suas conquistas, pois o coletivo fortalece o sujeito social e compõe as reivindicações em massa. Por isso, nesse momento, surgiu uma oportunidade ímpar de reunir forças na luta por melhores condições de vida no meio rural.

Com essa união, se expressa à importância do tema que será explorado no presente capítulo: Redes. Com efeito, por meio das redes que ocorre a composição do “eu” coletivo nos movimentos sociais. Pois a conectividade das relações está muito presente nas manifestações sociais através das novas tecnologias. Gohn (2013), inclusive comenta que as manifestações do Egito, no contexto da primavera árabe, tiveram um significativo crescimento em 2010, por meio da revolução virtual, onde foi divulgado um vídeo que expunha as agressões feitas por alguns seguranças do dirigente do País a um jovem. Esse material acabou gerando muita revolta pela população que não aceitou mais as opressões feitas pelo regime autoritário do Egito. O ocorrido gerou uma onda de sensibilização social e, por isso, houve uma adesão muito rápida por meio das mídias sociais. Por consequência, várias pessoas conectaram-se à causa. Os egípcios, inclusive, tiveram apoio de outros países e organizações. Com isso, conseguiram derrubar o dirigente Mubarak,

que estava por trinta anos no poder. Uma união social desencadeada por meio das novas formas e facilidades de comunicar-se.

O progresso das tecnologias colaborou consideravelmente para a ampliação dos meios de comunicação, pois, na atualidade, o poder de alcance e instantaneidade é muito diferente de alguns anos atrás. A informação ultrapassa barreiras e chega a distintos lugares simultaneamente, independentes de grupo social ou de poder aquisitivo, no meio urbano ou rural. Todos os cidadãos, nos diferentes quadrantes do planeta, consomem algum conteúdo vinculado pela mídia. Com tanta abrangência, se faz necessário considerar diferentes tipos de públicos nos seus discursos, estabelecendo uma variedade de notícias transmitidas diariamente na programação, possuindo, assim, conhecimento e linguagem para qualquer idade ou perfil.

No caso do estudo, a análise se dá com jovens, mais especificamente com sua juventude rural, uma categoria social latente pela eficiência das tecnologias no meio rural, pois mesmo com todo o avanço das comunicações no mundo contemporâneo, os espaços rurais ainda carecem de qualidade no sinal, principalmente no acesso à internet e na utilização das linhas telefônicas móveis e fixas. Essa realidade acaba por gerar insatisfações e, conseqüentemente, estímulos para lutar por uma qualidade de vida melhor. Esse capítulo tem como finalidade compreender a relação de jovens rurais, organizados socialmente, com os movimentos sociais ocorrentes em 2013, destacando os processos de construção de suas redes sociais, para conectar-se com o coletivo. Além de sua realidade ser distinta do urbano, a juventude rural constitui um público detentor de características, origens, culturas e reivindicações diferenciadas, que acabam também refletindo na apropriação e na formação de suas redes. Assim, nesse capítulo, procura-se, inicialmente, analisar as repercussões que as manifestações urbanas, iniciadas em 2013 no Brasil, tiveram sobre a juventude rural organizada em movimentos sociais no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, compreender como que suas conexões foram e são estruturadas na articulação de suas manifestações sociais. E, por fim, analisar a opinião deles diante das abordagens e interpretações que as diferentes mídias exerciam nesse momento em que a sociedade foi às ruas.

## 2.1 Juventude rural indignada: manifestações sociais nas ruas

Diferente de outros tempos, as mobilizações recentes no Brasil, estavam com pouca força partidária, porém a juventude ainda continua sendo a propulsora das manifestações. Como havia a inexistência de pautas específicas, posto que as pautas fossem difusas e dispersas, os partidos políticos tiveram a intenção de se introduzir nas manifestações e direcionar as lutas. Na realidade, a desordem foi interpretada, por alguns, em razão da juventude não ter uma causa única para estar nas ruas. Fazendo um comparativo com períodos anteriores, os jovens tinham motivos bem traçados em suas marchas e existia um interesse pautado e concreto, com meios e formas de resolução (POERNER, 1979). Mas, em contextos contemporâneos, segundo Castells (2013, p. 178), o movimento possui uma grande aderência juvenil, mas carece de ideais comuns, talvez pela forma como “se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades” (CASTELLS, 2013, p. 178).

No Brasil, em específico, o desejo de mudança e a melhoria da administração dos governantes com o dinheiro público eram os objetivos que motivavam o crescimento da massa populacional nas ruas, independente de serem ideais amplos e sem perspectivas para a sua resolução. Contudo, isso não significa que as marchas estavam em desordem, não obstante, o oportunismo de grupos que praticavam atos de violência e vandalismo. No entendimento de Castells (2013) as manifestações contemporâneas, ocorrentes em vários países nos últimos anos, possuíam objetivos amplos, mas, além disso, uma característica que se repetiu entre eles era referente aos precursores dos protestos, pois em sua grande maioria eram jovens desempregados e com escolaridade superior. Na essência, as mobilizações públicas demonstraram que a população, sobretudo juvenil, está insatisfeita com a realidade de seu país.

Existiu a explosão de indignação dos brasileiros, com uma ampla repercussão social, mas que logo se dissolveu e a população com o passar dos dias retornou as suas casas. Na visão de Marcelo, militante do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, “como não se teve um consenso único do que se queria nas manifestações, foi acabando aos poucos, pois ali, chegou um momento em que a juventude se

dividia e muitos já estavam voltando para suas casas”. No entanto, a questão não é se a eclosão de movimentos em todos os recantos do Brasil foi eficiente ou não, mas a inexistência de prosseguimento na luta. Talvez o que realmente falte nessas grandes mobilizações sejam lideranças de representatividade, nas quais a população pudesse reconhecer e legitimar suas atuações. Não obstante, é possível observar que existe uma continuidade dos movimentos sociais rurais no Brasil, em virtude de sua estrutura já ser consolidada e possuir uma liderança representativa.

No caso dos movimentos internacionais, mais especificamente os “Indignados” na Espanha, teve uma grande ascensão juvenil e, com o passar dos dias também foi se findando, mas isso não desqualifica os atos civis. Pois no seu trajeto de execução, muitas coisas foram acontecendo, primeiramente realizaram um acampamento na Praça do Sol em Madri, que veio a acarretar em uma intensa adesão de outros jovens em função das tecnologias e das redes sociais, essa manifestação, além de unir a juventude indignada, causou repercussões internacionais e, posteriormente, a esse fato, algumas circunstâncias foram modificando. Com certeza, “o aprendizado desse episódio não foi somente dos jovens, mas também do espaço público, que no fundo é, ou deveria ser, um espaço capaz de transformar a cidade indignada em uma cidade digna” (FIGUERAS et al., 2011, p. 228).

Mesmo em ascensão todos esses protestos, tanto nacionais quanto internacionais, ao dialogar com a militância juvenil entrevistada, que são líderes juvenis integrados a movimentos sociais, não demonstraram muitas informações sobre os propósitos dos movimentos juvenis em escala internacional, tendo os conhecimentos, predominantemente, nacionais e regionais. Acabaram por justificar que as últimas reivindicações possuem um perfil urbano e, com isso, não existem maiores interesses em conhecer as demais manifestações de outros países.

Em contrapartida aos movimentos ocorrentes no Brasil existem diversas interpretações da juventude diante das manifestações de 2013, alguns destacaram questões negativas e outros acharam totalmente satisfatório, inclusive, para o meio rural. Entretanto, os cinco jovens líderes rurais convergiram ao considerar de extrema valia para pressionar mudanças no país, à união do povo brasileiro e das distintas gerações. Na seguinte imagem é possível visualizar o apoio de outros grupos à juventude moderna nas marchas de 2013 no Brasil.



Figura 1 – Apoio de diferentes gerações aos jovens manifestantes de 2013, postagem de Maria Aline, 2013.

Fonte: [Http://www.ninaspub.com.br/2013/06/protestos-no-brasil-o-gigante-acordou.html](http://www.ninaspub.com.br/2013/06/protestos-no-brasil-o-gigante-acordou.html)

Segundo Sofia, líder da Pastoral da Juventude Rural (PJR), o mais importante nas mobilizações de 2013, ocorrentes no Brasil, foi a oportunidade de observar que, mesmo que muitas pessoas ainda estejam adormecidas, existem tantas outras que desejam ajudar, fato comprobatório a partir da imagem anterior. A militante da PJR abordou os aspectos positivos das manifestações, mas não comentou sobre alguma participação nos protestos. Já Giovane, representante do Movimento do Sem Terra (MST), comentou que se fez presente de forma assídua aos movimentos do ano passado, avaliando que o momento foi de extrema significância, tanto em sua vida pessoal, bem como em seus processos de qualificação de líder juvenil rural, conferindo expressivos significados aos fatos desencadeados ao longo do ano de 2013. Além disso, esse líder juvenil comentou sobre a Copa no Brasil, dizendo que não foi a favor dela, mas que sua realização trouxe aspectos positivos, pois acelerou o processo de conscientização e revolta. “Com a Copa Mundial, o brasileiro está olhando para si e o mundo também está olhando para nós, talvez se não fosse a Copa íamos levar mais dez anos para fazermos alguns questionamentos que estão em latência nos movimentos” (Giovane, MST).

Realmente, o posicionamento de Giovane possui certa lógica ao estabelecer relações entre os fatos nas manifestações públicas em 2013 e realização da Copa Mundial em 2014. Segundo Gohn (2013), as reivindicações iniciaram com a questão das tarifas dos transportes públicos, mas logo se expandiram e começaram a questionar os recursos públicos, mais especificamente para educação, saúde e outras políticas públicas, que estavam sendo destinados aos preparativos e estádios da Copa Mundial de 2014. O mundo estava voltado para o Brasil e os cidadãos brasileiros estavam sentindo um descaso do governo com as necessidades básicas da população, sendo esse, um conjunto único para desenvolver a conscientização da população em relação à luta de seus direitos como cidadãos.

Castells (2013), por sua vez, tem uma opinião bem contundente sobre as manifestações no Brasil. Ao seu modo de interpretar os fatos houve uma repulsão das forças políticas tratando o fato como demagógico e irresponsável, utilizando da repressão e violência para conter os manifestantes. O autor faz uma forte crítica ao atual governo do país, comentando que a forma de condução da educação e saúde é administrada de forma superficial e, mesmo com a diminuição da pobreza, o modelo de gerenciamento foca no crescimento a qualquer custo e deixa de lado o desenvolvimento humano.

Jovens rurais entrevistados no âmbito dessa pesquisa também tecem considerações sobre os recentes fenômenos sociais desencadeados no Brasil. Gabriela, líder da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG), faz uma análise política e econômica dos fatos e tem uma opinião peculiar e positiva da organização das manifestações de 2013, estabelecendo conexões entre o descontentamento social e a situação socioeconômica do Brasil:

No ano passado, com relação às mobilizações, foram mobilizações fantásticas, organizadas. Porém, o que o governo resolveu fazer? Governo, judiciário, congresso nacional, senado, tentaram, de certa forma, tirar proveito daquilo ali, para realizar uma minirreforma política, que não era o que as pessoas queriam. Com certeza, não era isso que as pessoas estavam reivindicando nas ruas. Por exemplo: preço. Preço de produto no supermercado. Muitas vezes, o produtor é tachado pelo preço do produto que está no mercado, mas aumenta 0,05 centavos no bolso do agricultor, mas no mercado aumenta 0,50 centavos. Então, nesse sentido, as pessoas não estão contentes com muitas coisas. Na verdade, as pessoas estão descontentes com quase tudo (Gabriela, FETAG).

Cada liderança juvenil expressou sua opinião em relação às manifestações, de formas singulares. Por vezes, eram assuntos semelhantes, mas com

interpretações e enfoques diferentes adquiriam toques bem pessoais e particulares. No caso de Gabriela, é nítido ao comentar que as manifestações foram “fantásticas e organizadas”. Esse olhar se diferencia do consenso de opiniões dos jovens entrevistados, que consideraram uma desordem em função dos manifestantes não terem uma pauta específica e comum entre todos. Opinião que já se faz presente no discurso de Fernando, representante da juventude da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF).

No começo, demorou a entender o que era aquilo sem saber no que ia se desenrolar, mas nós sempre estivemos nas ruas antes desses movimentos. O que você notava nessas manifestações é que boa parte não sabia o porquê estava lá. Estavam simplesmente por estar ou curiosidade e isso, de certa forma, é bom porque aproxima as pessoas da vontade de lutar. Por outro lado, também enxergava pessoas que, quando nós íamos às ruas buscar nossos direitos, nos julgavam como vagabundos, como pessoas que não tivessem o que fazer, por isso que estávamos nas ruas. Mas dessa vez foram essas pessoas que estavam nas ruas. Talvez isso faça com que elas compreendam por que os movimentos vão para as ruas. Acho que isso é muito importante. Considero que o governo entendeu o que as ruas queriam dizer. A sociedade entendeu que precisamos avançar mais, seja na saúde e na segurança. Mas o governo não conseguiu fazer todas as mudanças, talvez por falta de organização das próprias mobilizações ou por falta de vontade. Muitas pessoas não sabem o que reivindicar e você não consegue entender o que elas querem. Então, acabavam criticando a Copa, mas as decisões da Copa se deram a 2, 3 anos atrás e lá era o momento de se fazer essas discussões. Agora acho que é um pouco tarde de protestar. Protesta-se e manifesta-se como é o nosso caso, para construir ou melhorar o que está errado, os estádios já estão construídos, desmanchar seria um retrocesso (Fernando, FETRAF).

Sobre a corrupção no Brasil, Castells (2013) comenta que este levantar do país não possui um nome, pois começou através do aumento do transporte coletivo, e perdurou pela indignação com o negócio mafioso de corrupção com a Copa e findou na liberdade do povo, uma vez que se trata de um “país perturbado por um modelo de crescimento que ignora a dimensão humana e ecológica do desenvolvimento” (CASTELLS, 2013, p. 179). Em decorrência desses problemas, as manifestações sociais ganharam grandes proporções. A imagem a seguir mostra um momento expressivo de indignação social juvenil nas manifestações de 2013 no Brasil.



Figura 2 – Momento de indignação social juvenil nas manifestações de 2013, postagem de Pedro Gonçalves, 2013.

Fonte: [Http://Vempraruaucaisal.Blogspot.Com.Br/2013/11/Os-Valores-Morais-E-As-Manifestacoes-No.Html](http://Vempraruaucaisal.Blogspot.Com.Br/2013/11/Os-Valores-Morais-E-As-Manifestacoes-No.Html).

Essas manifestações ocorrentes em 2013 foram de caráter urbano, mas será que independentemente disso, acabaram refletindo no meio rural? Segundo os jovens rurais entrevistados, a interferência foi significativa aos segmentos sociais a que estão vinculados. A militante Gabriela foi a única que se posicionou de forma distinta, afirmando que a influência foi muito pouca, justificando que essas mobilizações tinham uma emergência entre segmentos sociais do meio urbano. Pode-se concluir, ao fazer um comparativo com os demais entrevistados, que essa visão possui um posicionamento diferenciado em relação aos outros militantes, pois eles apontam diversos pontos benéficos ao rural com as manifestações de 2013.

No caso de Fernando, ele comenta que “o mais médico foi algo de positivo para o rural, pois os profissionais estão se deslocando para o campo. No entanto, uma política exclusiva para os agricultores não teve. Mas, sem dúvida refletiu e melhorou as condições do meio rural” (Fernando, FETRAF). Para Sofia (PJR) o aspecto positivo foi a ascensão no campo, pois a partir dos movimentos urbanos alguns jovens rurais procuraram espaços para se inserir nas manifestações, para continuar e aprofundar os debates dos temas e das pautas reivindicatórias, mas outros também participaram e, após o término retornaram para suas casas para



continuar sua vida normalmente, conforme depoimento: “Mas teve muito mais lado positivo que negativo, pois muitas pessoas surgiram para aderir a luta camponesa” (Sofia, PJR). Marcelo, representante do MPA, também comenta as repercussões entre populações rurais, em que “teve influência no rural, sim. Os movimentos não afetaram diretamente o rural, pois eram mobilizações urbanas, mas influenciaram as pessoas do rural, que começaram a se questionar sobre algumas coisas de sua realidade” (Marcelo, MPA).

Enfim, mesmo que as marchas tivessem um perfil de segmentos sociais urbanos e algumas pautas reivindicatórias específicas para enfrentamento de problemas da cidade, os jovens rurais, organizados em movimentos sociais, se fizeram presentes nas manifestações, muitos inclusive justificaram essa participação apenas por ser um momento histórico do país. No entanto, mesmo que indiretamente, todos reconheceram que as mobilizações tiveram impactos nos espaços rurais do Brasil. Por isso, os entrevistados relatam que houve o incentivo pelos próprios líderes dos movimentos para que ocorresse a aderência de seus militantes. A esse propósito, o militante Marcelo do MPA comenta: “as pessoas que participaram, acabaram defendendo as pautas camponesas sem se identificar enquanto Movimento dos Pequenos Agricultores e também sem vinculação com partidos políticos”. Na foto a seguir é possível visualizar essa inserção juvenil rural no Estado do Rio de Janeiro a partir de bandeiras do MST e da faixa amarela se referindo à Reforma Agrária.



Figura 3 – Manifestação social urbana com apoio da militância rural, postagem de Sheila Jacob, 2013.

Fonte: [Http://Boletimmstrj.Mst.Org.Br/Mobilizacoes-Populares-Garantem-Vitorias-No-Rio-De-Janeiro/](http://Boletimmstrj.Mst.Org.Br/Mobilizacoes-Populares-Garantem-Vitorias-No-Rio-De-Janeiro/).

Realmente, houve uma adesão dos camponeses àquela massa juvenil indignada e, por fim, compartilharam o sentimento de serem brasileiros insatisfeitos com o descaso dos representantes políticos, com os problemas e com a situação do país. Foi um levantar-se da juventude em geral, segundo relato da jovem líder afiliada à Pastoral da Juventude Rural:

Houve a inserção da juventude rural. Os jovens perceberam, tanto que a maioria era jovens. Havia alguns de maior idade envolvidos, mas foram os jovens que estavam indignados com alguma coisa, indignados com a corrupção. Jovens que nunca se envolveram em alguma luta política, mas que estavam indignados. Em consequência, um viu o outro e surgiu aquela massa toda que foi para rua, porque estavam vendo que muita coisa não estava certa. Em muitos municípios do Rio Grande do Sul teve mobilizações, coisa que nunca aconteceu anteriormente. Esses jovens que se organizaram em muitos municípios deram a linha de frente, eles colocavam o grito de ordem. Isso eram os jovens rurais ou também os jovens do Levante Popular de Juventude, que também trabalhamos, inclusive algumas lutas a gente faz em conjunto. Nos municípios pequenos, juntou o jovem rural com o jovem urbano. Mas dificultou a ida dos jovens aos grandes centros em função do transporte, que muitos não tinham como se deslocar até o local (Sofia, PJR).

Foi de extrema significância o incentivo da liderança dos movimentos rurais para orientar os militantes a permanecer sempre em alerta caso alguma mobilização ocorresse, com isso, acabou acontecendo uma adesão significativa dos agentes rurais. Urteaga (2011, p. 19), comenta que “reintroduzir o sujeito jovem como ator e poder se fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis” é demasiadamente importante para que os jovens se componham, de fato, como sujeitos sociais, ativos, ultrapassando a visão reducionista do espaço rural e do estilo cultural dessa população. Gabriela (FETAG) comenta sobre essa estratégia de atuação na esfera pública:

Nós da Federação, participamos nas mobilizações de Porto Alegre, levando cartazes, pedindo uma educação para o meio rural, a garantia de preços para os produtos, a sucessão rural. Com os cartazes, tentamos mostrar que o rural também estava indignado. No interior, aconteceram muitas mobilizações e eu achei muito importante. Pena que ocorreram muitas coisas e saíram fora do controle, que, na verdade, eram os poucos bagunceiros que destruíram com o objetivo das mobilizações. Eu, dentro de um movimento sindical, sempre acho importante a mobilização. A gente só avança com a pressão (Gabriela, FETAG).

As marchas nas ruas representam a voz do povo e as conquistas sociais são os méritos pela luta coletiva. Para Bourdieu, os movimentos sociais são a força propulsora da população, pois “não existe uma política social sem movimento capaz de impô-lo” (2011, p. 19). O autor faz uma abordagem referente à expansão do neoliberalismo na Europa, mas que há similitudes com o momento vivido no Brasil, na medida em que enfatiza que a política e a economia precisam ser pensadas e orientadas para a população, e não da forma como é administrada, em que poucos são favorecidos. Além disso, ele afirma que para combater esse modelo já imposto é necessária uma sindicalização ordenada e eficiente que represente os interesses sociais nas mobilizações.

Nas falas dos militantes entrevistados, são recorrentes as considerações da importância da organização social para o encaminhamento de pautas reivindicatórias e construir alternativas de superação de problemas sociais. Eles comentam que a maior interferência nas marchas sociais, em 2013, foi a carência de uma ordem, a falta de uma liderança que impulsionasse uma direção para a grande massa que estava se formando e conquistando as ruas. Porém, como não se alcançou níveis organizacionais satisfatórios, os líderes juvenis entrevistados avaliam que houve a manifestação para demonstrar a indignação social, mas “num

piscar de olhos” as ruas já estavam vazias, uma vez que, para muitos participantes das manifestações, um dia de reivindicação já tinha sido demasiadamente suficiente. Porém, existe a necessidade de conscientização social para compreender que a luta é contínua e longa, e em virtude da militância rural já ter uma estrutura organizada, suas manifestações se tornam um tanto quanto distintas.

Nas palavras de Fernando (FETRAF) pode-se perceber essa distinção das mobilizações camponesas, quando ele comenta sobre sua participação nas mobilizações de 2013.

Posso dizer que, nós da FETRAF participamos e não participamos. Eu fui, mas tive um pouco de decepção, pois as manifestações não tinham um objetivo específico. Nós, enquanto movimento, estamos acostumados a mobilizações mais organizadas que tenham um propósito e alguém que puxa a frente e negocia com o governo. Considero que essas grandes manifestações foram mais proveitosas para os grupos menores, como os municípios, que conseguiram construir e se unir em pautas comuns (Fernando, FETRAF).

Mesmo organizados, existe a luta permanente pela conquista de mais direitos aos produtores rurais, isso demonstra um descontentamento com a realidade social. Mas, o que tende a transparecer nas entrevistas é que os jovens militantes têm essa insatisfação com a realidade do país, todavia, de certa forma, não são totalmente contrários ao atual governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que permanece na presidência do país desde 2003. Por vezes, eles mostram-se a favor do governo ou também se posicionam conformados, com a justificativa que esse partido “é a melhor alternativa para o povo brasileiro, dentre as outras opções existentes no Brasil”. Essa postura pode ser justificada através de algumas bibliografias (POERNER, 1979), onde consta o relato de militantes comentando que a população, juntamente com a juventude, há algumas décadas passadas, dentro do contexto da redemocratização do Brasil, participou da construção do PT. Existe uma identificação e, por vezes, uma defesa do partido político pelos interesses socioeconômicos dos agricultores, em função de muitos terem esse sentimento de pertencimento em razão desse momento histórico. Vale destacar que, em uma pesquisa feita por Carneiro e Castro (2009), um membro da direção nacional do MST confirma que a juventude de sua época auxiliou a construir o Partido.

Marcelo (MPA) arrisca-se em uma leitura das manifestações de 2013, baseado em mudanças ocorrentes aos brasileiros nos últimos anos, tendo um olhar partidário ao justificar que essa insatisfação popular, expressa nas ruas, foi gerada

pelas oportunidades que o governo suscitou para a sociedade. No seu ponto de vista, as pessoas melhoram suas condições de vida, e em razão deste fato, as necessidades ampliaram-se. Como consequência, hoje a população deseja maiores níveis de consumo e bem-estar, enquanto o governo não consegue corresponder a todas suas expectativas.

Quando iniciou no Brasil, as pessoas que estavam manifestando. A meu ver, eram, principalmente, as que obtiveram empregos e recursos depois do governo do PT. Pois, quando você adquire um trabalho, após você se estabilizar, você começa a sentir necessidades reais e concretas, que são o baixo salário, custo de vida alto. Eu penso que essas são as pessoas que estavam nas ruas, pessoas que querem melhorar seu estilo de vida, que não estão mais contentes com sua realidade (Marcelo, MPA).

Mesmo que sejam tecidas algumas críticas ao Partido dos Trabalhadores e seus recentes governos, é inegável que os movimentos aos quais os jovens são afiliados mantenham vínculos de simpatias e alianças. Porém, tais vínculos vêm mostrando-se mais fragilizados em relação ao primeiro governo do presidente Lula. A partir das palavras de Giovane (MST), é compreensível que as expectativas por melhorias do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, após a posse do PT, permanecem sem um desfecho satisfatório, mesmo após 10 anos de gestão governamental.

O MST, na verdade, fechou um ciclo até o começo de 2000, pois até este ano o MST caminhou contra a corrente das classes do Brasil. O que aconteceu foi que, enquanto as classes estavam amargando a derrota de 1989, o MST foi o contrário, porque tinha uma necessidade da estruturação da sociedade brasileira em implementar o agronegócio. Com isso, tirar o latifúndio que era aquele fazendeiro, precisava cortar isso para implementar o poder do agronegócio, que é a fase até hoje. Precisava tirar o latifundiário e colocar o empresário, e o MST estava nessa luta. E foi o momento que o MST mais cresceu, pois as pessoas que entraram no MST foram as que resistiram ao meio rural, pois nos anos 70, 20-25% estavam na cidade e o restante no meio rural. Nesse processo de transição do êxodo rural, algumas pessoas aderiram ao movimento como a última alternativa de permanecer no meio rural. Quando chega o ano de 2000, que se consolida o poder do agronegócio, e em 2003, que entra o governo de esquerda, o movimento esperou 10 anos pela reforma agrária, mas ela não ocorreu. Então, fizemos uma reestruturação do movimento. Com o agronegócio implantado, as pessoas empregadas e o governo de esquerda no comando, sentem a necessidade de uma nova natureza ao movimento, que é de trabalhar as áreas que nós já conquistamos, é trabalhar com ela de forma contra hegemônica que é produzir o que é saudável. Aqui no Rio Grande do Sul, nós temos uma das maiores produções orgânicas de arroz do mundo, sendo que é certificada e registrada. Conseguimos provar que o produto orgânico pode ser produzido em grande escala, pois temos uma extensão de 4mil ha com essa produção, 400mil sacos na última safra. Uma média de 15% é exportada, o restante utilizado no Brasil, sendo que 80% são destinados às políticas públicas. É comprado pelo governo para distribuir

para a população carente. Com essa realidade, revemos a luta para saber para onde ela está indo e concluímos que a nossa luta está caminhando para um viés reivindicatório sindicalista, garantindo a pauta da categoria camponesa em poder trabalhar, politizando através da produção orgânica e quem está na ponta da lança da articulação dessa luta política são as mulheres e a juventude. A partir de 2006, é traçada uma forte luta pelas mulheres para combater o capital e o jovem que, muitas vezes, estava ocioso se agregou a essa luta. Hoje, nós não somos muito vistos, pois estávamos construindo um coletivo para dentro do MST, hoje nós somos 160 jovens organizados no Rio Grande do Sul, nós não somos massivos, mas somos 4500 jovens nos assentamentos. Estamos mais organizados e voltados para os assentamentos, não estamos em todas as mobilizações, mas estamos em algumas pontuais. Esse ano de 2014, nós já realizamos um acampamento que reuniu 500 jovens. Estamos fortalecendo a frente camponesa. Há uma crise, mas não estamos parados. Fomos um pouco romântico em imaginar que o governo faria a reforma agrária.

Percebe-se que, mesmo que o governo seja de “esquerda” e tenha uma política voltada às classes menos favorecidas, sua atuação deixa a desejar diante da militância. Mesmo que tenha havido melhoras, assim como comenta Marcelo, a população ainda busca por avanços nas suas condições de vida. Na verdade, essa é uma busca incansável e sempre haverá novas pautas a serem debatidas. Mas muitos camponeses acreditaram que com o Partido dos Trabalhadores no governo não haveria tanta necessidade de luta, mas, por fim, concluíram que a espera é uma estagnação social e que há a necessidade de estar nas ruas para construir uma sociedade mais humana e igualitária.

## **2.2 A interferência da mídia nas manifestações sociais**

A união do povo brasileiro fez a voz popular reverberar e conquistar maior amplitude e significância, bem como, forjar espaços para reivindicar mais direitos. A partir de dados apresentados por Gohn (2013), até agosto, estima-se que mais de 2 milhões de pessoas foram para as ruas, com a aderência de 438 municípios com marchas locais. Já Castells (2013) dá uma estimativa um pouco mais ousada, aferindo que 75% dos cidadãos brasileiros apoiaram o movimento. Esse levantar da sociedade teve uma adesão rápida e considerável em função das novas tecnologias comunicativas, que velozmente proporcionaram uma demanda de informações muito grande e, conseqüentemente, instigaram mais cidadãos a participar das reivindicações sociais. Gabriela representante da FETAG comenta que “Houve uma

provocação pela internet *“vocês ficam postando só essas coisinhas no face, mas no face não vai se ter mobilização”, e foi onde tudo começou*”.

Porém, a questão comunicativa também foi alvo de revolta e, inclusive, uma de suas pautas foi o enfrentamento com as grandes mídias, que monopolizam e editam as informações conforme o seu interesse. Essa pauta ocorreu em virtude das mobilizações sempre serem transmitidas pelos veículos midiáticos de forma considerada preconceituosa e distorcida. Lembrando, que nem sempre o que se consome de conteúdo informativo nas tecnologias é algo real, ainda mais se existir a interferência das grandes mídias. Bourdieu (1998) faz uma forte crítica aos meios de comunicação ao comentar que eles constroem uma imagem distorcida dos fatos civis, que manipulam as informações e conservam um cinismo em sua programação, manipulando massivamente o povo. Mas, com a ampliação dos recursos, através da internet, esta realidade está sendo modificada, pois a população está conseguindo ter conhecimento através de diversas fontes de informação, expandir consideravelmente suas percepções diante da realidade do mundo, causando ainda mais revolta contra os “magnatas da informação”.

Influente e persuasiva, a mídia deve ser analisada de forma crítica por todos seus consumidores e, principalmente, pelos jovens que são os maiores disseminadores de informação através das redes sociais. Suas informações devem ser filtradas e observadas a partir de distintas fontes, para que não se reproduzam conceitos distorcidos. Mas, enfim, o que é mídia? Para Charaudeau (2007), mídia é um suporte organizacional que se apossa da informação, e integra o conteúdo no seu sistema econômico, tecnológico e simbólico. Ela é um meio de comunicação de massa que materializa a informação através do jornal, da televisão, do rádio, da internet e também pelo telefone em suas várias ferramentas de uso.

A mídia, como campo de conhecimento informal, com sua cultura comunicativa e interativa, ainda exerce significativa influência na formação de opiniões e valores da sociedade, principalmente do público juvenil que vive em um período de desenvolvimento. Mesmo que este se encontre em um momento de múltiplas comunicações, como no caso das manifestações e também num questionamento recorrente em relação aos conteúdos vinculados, a mídia ainda se faz influente sobre esse público. Com isso, é imprescindível despertar o senso crítico nos líderes juvenis rurais, para que eles desenvolvam um olhar que possa identificar o nível de qualidade e relevância dos conteúdos midiáticos e, por fim, realizar sua

própria interpretação, para transmitir aos demais militantes do movimento uma informação com propriedade e fidelidade aos fatos.

Em alguns casos, a mídia tenta se mostrar imparcial, mesmo sendo muito difícil de ocorrer, pois ela sempre terá um olhar tendencioso, favorecendo a linha de pensamento que defende, podendo ter influências políticas, econômicas ou simplesmente interesse e preferências da gerência. Por isso, é muito difícil que suas informações tenham diferentes olhares, pois quando se adquirem conteúdos divergentes de sua linha de pensamento, acabam editando, ou até mesmo, cortando as mensagens, para focar a informação em pontos que são de maior interesse para o transmissor. É relevante destacar que, nem por isso as informações são totalmente desvirtuadas, apenas possuem uma leitura através da filtragem feita pelas tendências midiáticas, cabendo assim ao receptor avaliar o conteúdo e identificar o que é de relevância para a construção de sua ideologia. A esse respeito, Kellner (1995, p. 83) se posiciona da seguinte maneira,

[...] muitos indivíduos hoje em dia se sentem profundamente envolvidos por tudo que a mídia faz, muitas vezes se discutem com paixão seus pontos de vista, têm percepções interessantes, e devem ser incentivados a examinar e analisar criticamente a cultura em que mergulham tão fundo.

Ao observar as manifestações ocorrentes no Brasil e no mundo, pode-se considerar que a juventude está mais crítica em relação aos veículos massivos de informação, pois com a utilização das redes de comunicação os conteúdos eram divulgados de diferentes olhares, sendo possível realizar uma análise mais próxima da realidade que estava acontecendo nas ruas. No Brasil, as manifestações não tiveram apoio da Rede Globo, que é uma emissora com grande poder de influência social, pois ela também foi pauta dos manifestantes, em função de sua manipulação popular através dos diferentes meios de comunicação que ela domina. Como não houve o apoio do veículo comunicacional aos protestos, acabou por dificultar a disseminação e continuidade da luta. Segundo Bourdieu (1998) um dos meios para diminuir a alienação social, provida pela mídia, é o enfrentamento populacional. Pode-se dizer que se criou, no Brasil, um enfrentamento de gigantes. De um lado a mídia mais persuasiva do país, que insere sua opinião através da credibilidade de seus apresentadores e artistas nos canais abertos e fechados, tendo influência nos distintos públicos e classes sociais por meio de suas notícias. De outro lado, os *twittes* e recados virtuais de uma juventude indignada.



Para os jovens entrevistados, a mídia está repleta de interesse. Na fala de Fernando (FETRAF) é perceptível isso: “ela é formadora de opinião e não é imparcial, ela mostra o que quer mostrar. Enquanto movimento, nós somos muito perseguidos pela mídia. Ela não aceita nossas lutas. Ela até mostra, mas mostra o que eles acham que é, vinculado ao propósito deles”. Os militantes entrevistados expuseram suas indignações diante do posicionamento da mídia, afirmando que ela desvirtuou e apenas divulgou o que ela tinha interesse, uma edição demasiadamente tendenciosa, interpretando as manifestações como anarquia geral. No ponto de vista de Gabriela (FETAG), a mídia distorceu muito as informações em relação às mobilizações, “por ela ser um dos alvos dos manifestantes, mas se ela tivesse atuado em favor das mobilizações o impacto teria sido melhor, pois sua influência e poder de convencimento ainda se mostra significativo para a sociedade”. Sofia (PJR) também tem uma visão totalmente negativa em relação à mídia, pois recorda que “a própria Rede Globo foi criada na época da ditadura, como uma estratégia principal de manipulação social” e que permanece até os dias de hoje.

Mesmo vivendo em uma democracia, as manipulações estão embutidas nas mensagens cotidianas transmitidas às pessoas, sendo assim, tudo que se reproduz precisa ser refletido se é um conceito criado culturalmente ou uma autocrítica. Bourdieu (2001) aponta que a globalização, os políticos e os detentores da informação aterrorizam a cultura, pois ela está diretamente ligada aos seus interesses. Uma sociedade, por vezes, se modifica quando há o pretexto de beneficiá-la e, na visão do autor, isso pode até parecer exagero, mas a cultura, a arte, a literatura, entre outros, estão totalmente ameaçados por esses dominantes. Por isso, a necessidade da população em questionar o que é imposto como senso comum e paradigmas sociais.

A capacidade de distorção das mídias nas últimas mobilizações foi notoriamente percebida pelos líderes juvenis entrevistados, inclusive Fernando destaca que “a mídia mostra uma realidade muito diferente do que realmente foi, pois eu fui para o Rio de Janeiro e tinha mobilizações com 300 pessoas e 500 policiais. A polícia começava a baderna e jogava a culpa no povo”. No entendimento de Fernando (FETRAF) aquelas manifestações foi um marco histórico do País, um fato que será contado por várias gerações, mas somente quem vivenciou o ocorrido tem uma noção do que se sucedeu. Já os demais brasileiros vão perpetuar a trajetória que foi divulgada através dos veículos de comunicação de massa, sendo

que nem sempre possuem uma versão real do ocorrido, impactando na cultura de um povo.

Sofia (PJR) também reforça a ideia de Fernando, dizendo que “muita gente foi para a rua, mas a mídia mostrava só os que estavam vandalizando. No entanto, era meia dúzia de gente que fazia anarquia e, na verdade, tinha milhões e milhões nas mobilizações”. Além disso, a militante comenta que se realmente todos que estavam nas manifestações tivessem se rebelado, a situação seria muito crítica, pois nas marchas mais numerosas, não teria policial suficiente para parar a grande massa indignada. Acredita também que as manifestações foram pacíficas, descrevendo uma versão contraditória do que foi contado e mostrado nos meios de comunicação. Opinião que pode ser complementada pela fala de Giovane (MST) quando diz que “o papel da mídia é garantir o status das elites, pois ela garante o controle da alta sociedade do país e o direcionamento das informações para favorecer seus interesses”. Na visão de Castells (2013), essa realidade no Brasil se justifica em razão da mídia ser um veículo totalmente controlado pela classe política e elitista do país.

O militante Marcelo (MPA) faz uma abordagem interessante sobre o poder da mídia em construir a consciência da população, pois no seu ponto de vista,

A mídia trabalha o coração e a mente das pessoas para que elas continuem do jeito que estão, e que as pessoas continuem pensando como a mídia pensa. O sistema que existe hoje é conservador e essa realidade influencia diretamente como eles mostram as manifestações sociais, a partir do seu olhar. Mas, para haver qualquer mudança na sociedade, precisamos ter o apoio da mídia, pois ela é um grande instrumento para legitimar novas ideias.

Conforme Charaudeau (2007, p. 20) “as mídias não são a própria democracia, mas é o espetáculo da democracia”. Nem sempre suas construções informativas são totalmente verídicas, mas é através de seus recursos midiáticos e do seu impacto social que elas se constituem como realidade e passam a fazer parte da cultura de um povo. Infelizmente, mesmo que a juventude rural mostre uma resistência e desaprovação em relação ao conteúdo vinculado pelas mídias, ainda existe a consciência que sua representatividade é demasiadamente significativa para o social.

### 2.3 Redes de comunicação na zona rural

O acesso às novas tecnologias ainda é um fator limitante em algumas regiões no meio rural. Segundo os jovens entrevistados, dependendo da localidade, não existe a eficiência de tecnologias de comunicação, como a internet e o telefone móvel e fixo. Porém, em outros lugares, a informação é mais acessível às populações rurais que convivem próximas aos centros urbanos. Giovane (MST), a partir da realidade do meio rural que conhece, comenta que a internet não tem um sinal satisfatório, pois o acesso à internet existe nos lugares em que as empresas têm o interesse de habitação, sendo que os espaços rurais não entram nas prioridades de investimentos: “Onde não existe esse interesse eles não investem em antenas e justificam que o sinal é ruim no campo, mas o sinal existe onde eles querem que exista ou onde precisa de força de trabalho” (Giovane, MST).

Sofia (PJR), por sua vez, posiciona-se sobre a questão dizendo que o acesso ao celular no campo “é um descaso”, porque não tem sinal das operadoras, sendo que o máximo que os jovens conseguem é o sinal à internet, em algum computador fora de sua residência. Lembrando que essa não é uma realidade generalizada, pois, segundo Marcelo (MPA), tudo depende da região, levando em consideração que, no interior de Santa Cruz e Venâncio Aires, a maioria dos jovens tem acesso à internet e outras tecnologias comunicacionais. E aqueles que não têm acesso às tecnologias de informação e comunicação, que são poucos, são comunicados pessoalmente. Mesmo com todas as melhorias tecnológicas ainda persistem algumas limitações que prejudicam a articulação dos movimentos rurais, além de distanciar a juventude rural das novas demandas sociais, pois segundo Feixa et al. (2002) as manifestações sociais modernas se movem através do mundo digital.

O problema dos recursos tecnológicos nos espaços agrários é presente e se repete no discurso dos jovens entrevistados, Sofia, inclusive, comprova tais limitações ao comentar sobre um caso específico de uma coordenadora da PJR, que em razão dela fazer faculdade a distância, uma vez por semana, vai ao polo de ensino para conectar-se à internet para estudar, utilizando-se também desse espaço para estabelecer momentos e situações de comunicação e interação social com os outros membros do movimento: “Tem outros que não possuem acesso à internet. Então, eles precisam deixar o telefone em algum lugar que pegue o sinal” (Sofia,

PJR). Um fato realmente desestimulante a permanência da juvenil no campo, que interfere também, na luta juvenil rural.

Como o meio rural tem um acesso restrito à comunicação, a dificuldade em relação a isso é a disseminação da informação, pois, às vezes, o celular não pega ou a pessoa não consegue ter acesso à internet. Quando temos um grande evento ou manifestação, nós organizamos uma equipe de comunicação que dá conta de fazer isso. Escolhemos os que são mais ligados nas tecnologias e que vão ser responsáveis por toda a comunicação. Quando vêm as outras mídias nos entrevistar, os que vão dar entrevistas e passar informações são essas pessoas, pois como tem muita gente nova que pode ir lá e falar bobagem, não dá para todos falarem (Sofia, PJR).

Com a fala de Sofia (PJR), percebe-se que os jovens que possuem afinidades com os recursos midiáticos acabam por ter outras oportunidades de intervenção no movimento. Consequentemente, os jovens rurais que não têm facilidades de acesso às tecnologias não podem atuar nesses espaços. Fernando, jovem afiliado à FETRAF, faz uma observação pertinente a essa realidade se arriscando a dizer que 120 mil dos 140 mil associados não possuem internet, sendo que alguns não possuem nem telefone, em razão da ineficiência ou inexistência de sinal. Explica-se, assim, a dificuldade de disseminação das informações que a liderança do movimento enfrenta, em virtude dos escassos recursos comunicacionais no campo. Inclusive esse jovem líder rural destaca que uma das pautas defendida pela Federação é a chegada da comunicação até os agricultores familiares.

O acesso às tecnologias e às informações é uma questão recorrente nas entrevistas, provavelmente por ser um problema acentuado na fase juvenil, pois é uma geração que utiliza mais dos recursos tecnológicos para se comunicar, além das oportunidades que as tecnologias proporcionam aos militantes. O relato de Gabriela (FETAG -) é enfático ao comentar que “a tecnologia avançou muito nesses últimos 5 anos nos centros urbanos e esse, inclusive, é um dos motivos da saída do jovem do meio rural, pois eles se sentem excluídos, e como muitos não têm acesso, o único sinal da internet ou telefone que conseguem é quando vão para as escolas”. Para Gabriela, as dificuldades comunicacionais constituem-se fatores que influenciam diretamente o êxodo rural. Porém, essa realidade também está presente em outras localidades do país. De acordo com Carneiro (2007), em pesquisa realizada no interior do Rio de Janeiro, a carência e a exclusão virtual dos jovens rurais ainda é uma realidade. No seu estudo, inclusive, a juventude se mostra interessada em permanecer no meio rural, porém a distância dos recursos,

informação e lazer aprofundam o descontentamento em viver no campo. Os jovens entrevistados no Rio Grande do Sul apresentam uma realidade um tanto quanto parecida segundo o depoimento de Giovane, líder juvenil vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:

É difícil alguém que não almeje tecnologias, ainda mais a juventude, onde todos querem as máquinas mais avançadas desenvolvidas pela sociedade, o suprassumo do desenvolvimento da humanidade. Na área automotiva é uma Ferrari, não é apenas um carro, mas é um produto altamente elaborado que cativa o censo comum. A juventude não quer ir embora do campo porque ela não gosta do campo, mas o lazer é o consumo de uma cultura elitista idealista, que é vendida 24 horas pelos meios de comunicação. Nós não cultivamos o valor da nossa sociedade, por estar sempre almejando o material, em razão disso, onde está o lazer? Na cidade.

Realmente, não se pode ignorar que as ofertas de recursos e oportunidades são desiguais no campo e nas cidades e, infelizmente, existe essa consciência dos governantes, mas não existe o interesse em mudar essa realidade. Indagações essas feitas por Gabriela (FETAG), ao afirmar que essas limitações são de consenso entre representantes do governo federal, quando afirmam reconhecer que existe uma parte considerável da população rural desprovida de acesso de qualidade às tecnologias. Talvez por esse motivo, Carneiro (2007) salienta que o rural ainda é percebido por muitas pessoas e instituições privadas e públicas, inclusive pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como um local atrasado, se comparado ao meio urbano. Porém, o que os militantes entrevistados nessa pesquisa demonstram é afeição pela vida no campo, em decorrência de uma suposta tranquilidade e o contato mais próximo com a natureza. Expressam, em depoimentos, que a melhor qualidade de vida é encontrada no campo e, desta forma, suas lutas são justamente para desmistificar e para melhorar a vida da população rural, sejam camponeses ou agricultores familiares. Nesse sentido, a tecnologia e os recursos de comunicação são percebidos como necessários para o desenvolvimento da produção agrícola e não apenas como um lazer juvenil.

O principal objetivo da internet é a pesquisa para melhorar a produção e não o acesso às redes sociais. Tenho alguns casos de agricultores que utilizam massivamente a internet para melhorar a produção, seja no tipo de alimentação, melhores pastagens, pois até mudas podem ser encomendadas pela internet. Independente do veterinário, eles têm autonomia na propriedade obtendo as informações da internet (Gabriela, FETAG).

Além de um estímulo à permanência da juventude no campo, o acesso qualificado as novas tecnologias comunicacionais poderia aumentar o conhecimento agrário dos produtores, por isso a incessante luta dos movimentos nessa conquista. Segundo Castells (1996, p. 5) “a tecnologia não é somente a ciência e as máquinas: é também tecnologia social e organizativa”. Nesse processo, cada cidadão busca, através dos recursos tecnológicos, a satisfação de suas necessidades coletivas ou individuais para a composição de um social comum. Porém, é por meio da cultura que o modo de utilização das mídias se consolida. Nas palavras de Gómez (2001), através do consumo e das escolhas midiáticas de cada um pode-se identificar o perfil do indivíduo, pois as mídias possuem uma linha de tendências. Avaliando esse posicionamento, podemos inferir que os veículos de comunicação são selecionados conforme a preferência do consumidor na qual ele mais se identifica. Deste modo, adquirimos conteúdos que reforçam ou definem nossa maneira de pensar e agir através de nossas escolhas.

Essa questão cultural torna-se perceptível nas entrevistas, através do modo como é efetuado as comunicações com os demais militantes e também no meio rural. Um ponto a ser destacado na fala de Gabriela é sobre o posicionamento em relação às redes sociais, pois mesmo ela sendo uma líder juvenil e tendo o conhecimento da abrangência da comunicação através das redes sociais, ela acredita que este meio de comunicação não é algo primordial no meio rural. Realidade, que se manifesta nas demais entrevistas, pois ao questionar aos militantes sobre o tipo de mídia mais utilizado para se comunicar com os demais integrantes do movimento, obtiveram-se respostas diferentes das esperadas de uma juventude contemporânea. Pois, as manifestações que vêm ocorrendo nos demais países apresentam uma forte ligação com as mídias sociais para efetuar as divulgações das informações. No entanto, a militância juvenil rural destacou os *e-mails* e o uso do celular para realizar ligação com as principais fontes de comunicação. Vale salientar que a comunicação se dá efetivamente por *e-mail*, delineando, assim, um perfil comunicacional através de suas formas de relacionamento virtual. Além disso, segundo depoimento de Sofia (PJR), “a comunicação não é imediata, pois os jovens não costumam usar a comunicação a todo o tempo, para estar postando instantaneamente conteúdos”.

Na FETRAF, o militante Fernando diz que o site da Federação é o mais utilizado para realizar a comunicação com a sociedade e as demais pessoas que

têm acesso à tecnologia. Mas, no seu discurso, ele revela que não existe uma pessoa especializada para essa função e que muitas coisas são feitas e não são divulgadas, por falta de uma equipe própria para isso. Ele também comenta que, para a sociedade tem dado certo esse tipo de divulgação, mas para os associados ainda é um problema. Com experiências semelhantes o líder Marcelo do MPA também comenta projetos que estão sendo desenvolvidos com a juventude, através do site nacional específico para este grupo. Onde são desenvolvidas atividades com uma ideia de incluir os jovens rurais nas novas tecnologias, através de encontros na comunidade, mas não nas propriedades.

Existe, evidentemente, nos discursos uma maior frequência no uso do e-mail, do telefone e do site, um diagnóstico diferente de outros movimentos nacionais e internacionais. Inclusive Gabriela da FETAG explica em detalhes a dinâmica da comunicação do movimento.

O blog e os e-mails são os mais utilizados ou quem não tem acesso à internet é através de mensagem por celular. A comunicação com a comissão regional e estadual é via e-mail para os sindicatos, nós temos um e-mail padrão que enviamos para eles. Em relação ao Facebook, a informação que a gente lança geralmente é o que estoura no número de acessos e compartilhamentos. O Facebook é uma boa ferramenta, pois você consegue acessar pelo celular (Gabriela, FETAG).

As considerações de Castells (2013), a partir das manifestações da Tunísia em 2010, indicam em que as comunicações livres no *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* constituíram-se os espaços públicos de liberdade, sendo uma das principais características das rebeliões, anunciando, inclusive, os futuros movimentos em outros países. Mas, entre os líderes rurais do sul do Brasil, essa realidade é diferenciada, pois apenas dois militantes utilizam com frequência o *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. Além disso, o uso do celular não foi citado como meio de conectarem-se ao mundo virtual, assim como, naturalmente, a atual juventude faz, mas sim, para efetuar ligações. Fato que pode ser observado no discurso de Giovane.

Nós temos uma organização no estado que possui responsáveis nas regiões e esses responsáveis que comunicam os demais membros do movimento e esses responsáveis todos têm acesso à internet. Nós temos um planejamento, por exemplo, durante a Copa, com os grupos que estamos apoiando, pois caso ocorram manifestações massivas, todos estão preparados para participar. Nós estamos bem estruturados e nossa organização funciona. Usamos o e-mail e o telefone para chamadas para efetuar as comunicações (Giovane, MST).

Conseqüentemente, com a preeminência da comunicação via *e-mail*, conclui-se que, de algum modo, os outros integrantes dos movimentos possuem em algum momento o acesso à internet, para assim, poderem conectar-se nas suas contas. Constitui-se, então, uma opção em utilizar este meio de informações ou, talvez, a falta de hábito ou também uma possível resistência com as redes sociais. O líder Marcelo (MST) comenta que reconhece a importância das redes sociais, mas que elas não eram usadas com a finalidade de avisar sobre as manifestações até muito pouco tempo atrás, por oposição de alguns militantes mais antigos.

As redes sociais estão tendo um papel fundamental aqui em POA, pois as mobilizações que fazíamos tinham a participação de 100, 150 pessoas em função das redes sociais. A primeira mobilização que fizemos utilizando o facebook para divulgação reuniu 800 jovens em frente à prefeitura. Até então, essa ferramenta era usada para aniversários e não para fazer a luta, pois a esquerda questionava e questiona muito a utilização das redes sociais por parecerem um modismo. Muitos não conseguem entender como se consegue fazer uma comunicação massiva em tão pouco tempo. Eles não compreendem a dimensão das redes sociais, pois eles são de um tempo que as pessoas eram comunicadas pessoalmente (Giovane- MST).

Possivelmente a resistência dos militantes mais velhos é uma tentativa de preservar e cultivar suas tradições nas futuras gerações. Talvez, essa resistência se justifique nas palavras de Castells (1999, p. 567) que defende que “a sociedade em rede, em suas várias expressões institucionais, por enquanto é uma sociedade capitalista”, compreendendo como capitalista o modo predominante de produção e também a informação gerada de forma massiva. Com isso, pode-se justificar o questionamento por parte de alguns militantes, pois ao atribuir as manifestações rurais, características de um sistema capitalista, acaba por descaracterizar algumas de suas reivindicações de luta, pois, desse modo, é aceitar a influência da globalização na cultura do campo. Bourdieu (2001), em reflexões perspicazes acerca dessa realidade, afirma que a cultura está ameaçada pela influência do dinheiro, do comércio e da informação massiva.

Mesmo os jovens líderes que comentaram sobre a utilização das redes sociais, em algum momento da entrevista, colocaram pontos negativos dessa relação. Marcelo, representante do Movimento dos pequenos agricultores (MPA), enfatiza:

A tecnologia é um processo que já está instalado e não irá retroceder. Por isso, nós fizemos questão de trabalhar com ela. Mas, existe uma crítica, que eu também concordo: as redes sociais e a internet artificializam as relações humanas. Tem um ditado que diz: “quanto mais as galáxias aumentam,



mais distantes se tornam umas das outras”. A nossa sociedade é assim: quanto mais nos comunicamos, mais distante ficamos.

No entanto, existe uma preocupação por parte dos movimentos em que se mantenham os laços físicos. Isso significa que há o interesse em desenvolver relacionamentos sólidos e diários. Segundo Bourdieu (2001), essa relação nos movimentos acaba por transparecer uma aparência de família, pois possuem um contato frequente e estão em constante batalha pelos mesmos desejos. A esse respeito, Giovane (MST) comenta que é preciso sempre manter este vínculo para não se perder a ligação com os ideais do movimento. Mas, em contrapartida, os líderes juvenis reconhecem que a evolução dos meios de comunicação é um ponto positivo para a interatividade que hoje é muito constante, principalmente na internet, na qual o internauta pode contribuir com informações e conteúdos construídos por eles próprios, não sendo, na maioria dos casos, um material editado e modificado pelas grandes mídias. A conquista pela liberdade de expressão é algo importante na construção do ser pensante, pois para haver essa intervenção torna-se necessário fazer uma interpretação ou expor os fatos que se tem experiência, dando aberturas e oportunidades para as diferentes culturas se manifestarem. Sobre isso, Gabriela comenta que as tecnologias proporcionaram maiores possibilidades de manifestações através dos novos recursos e também aponta que qualquer meio que seja inventado pela comunicação é bem-vindo para a articulação das marchas sociais.

Independente das distintas observações feitas em relação à comunicação massiva, a militância juvenil entrevistada tem a noção que a tecnologia no mundo moderno é necessária, em razão de sua velocidade e abrangência de público. A propósito das vantagens da comunicação na agilização e ampliação das reivindicações, Gabriela (FETAG) comenta sobre um caso específico relatado pelo assessor de imprensa da Federação que, às vezes, suas publicações, em questão de uma hora e meia, possuem mais de 2 mil acessos. Um exemplo disso foi quando colocaram uma mensagem do dia 15 de julho e, em dois dias, se teve mais de 9 mil acessos. Da mesma forma, Giovane cita aspectos de comunicação que evoluíram no mundo contemporâneo e possibilitaram outras formas de expor suas opiniões e questionar sobre as informações que são produzidas e divulgadas nas mídias.

A Globo, Zero Hora e outras fontes de informação existiam, mas quem e como se questionava? Qual a ferramenta que existia? Nenhuma! Agora

you can reach on twitter and facebook for the reporter who wrote that article and tell him what you think. I did a lot of that. I did articles and put them on the profile of journalists. Even though the communication media tend to lead the manifestations, they couldn't do so because of the social networks (Giovane, MST).

Com a diversidade de veículos de informação não existe a necessidade de absorver os conteúdos de uma única fonte, mesmo que ela tenha credibilidade e seja de preferência do consumidor. Podendo, assim, realizar uma interpretação mais crítica e com diferentes linhas de pensamento, instituindo, desta forma, um ser pensante, pois mesmo inconsciente existe a incorporação da opinião demonstrada pela mídia. É difícil realizar um olhar crítico quando existe o consumo de apenas uma fonte, pois não ocorre a comparação do que foi adquirido, sendo gratificante a procura por diferentes veículos de comunicação, seja ele sonoro, visual ou virtual, pois são nesses distintos conceitos que se refletem os fatos, podendo realizar uma interpretação própria. Até muito pouco tempo atrás, esse tipo de reivindicação era muito difícil, pois existia a dominação exclusiva das grandes empresas de telecomunicação na disseminação das informações, não que isso tenha modificado totalmente, pois ainda existe a persuasão desses veículos. Porém, eles perderam muito espaço com a popularização da internet.

Gómez (2006) comenta que “as práticas culturais são fontes de mediação que estabelecem com a mídia um processo complexo que acumula experiências em diversos momentos e cenários da vida cotidiana”. Por isso, mesmo que exista uma forma diferente de utilizá-las pelos militantes juvenis rurais e também certa cautela em disseminar as informações através das redes sociais, a sua exclusão prejudicaria, consideravelmente, a influência da liderança nas futuras gerações. Marcelo (MPA) relata sobre uma atividade que realizou com jovens do MPA e MST, sendo que todos os participantes possuíam um *notebook* e estavam conectados ao facebook, destacando inclusive que, quando eles ministravam as oficinas, caso o assunto não interessava, os jovens optavam em ficarem conectados na internet. Por isso, para o movimento manter-se vivo nas próximas gerações ele precisa se manter atualizado.

A grande questão das mídias para a liderança dos movimentos sociais rurais é que haja uma maior aceitação das redes sociais atrelada de um consumo cauteloso e seletivo. Na perspectiva de Kellner (2001), quando as pessoas conseguem analisar o posicionamento crítico e, por vezes, preconceituoso da mídia,

acabam se tornando capazes de criar um distanciamento em relação aos seus produtos e adquirir seu próprio conceito sobre seu modo de viver. Tornam-se, assim, seres pensantes, capazes de absorver os conteúdos e refletir sobre eles, fazendo com que essas informações sejam construtivas e não manipuladoras.

## **2.4 Considerações finais do capítulo**

As manifestações de 2013 foram, com certeza, distintas das demais ocorrentes em outros tempos, em virtude dos novos recursos tecnológicos que facilitam a velocidade das informações, o que antes era por rádio e televisão, agora é por celular e internet. As novas demandas comunicacionais também acabam multiplicando e facilitando a oferta de oportunidades e, com isso, fragmentam distintas identidades sociais. Reflexo ocorrente nas mobilizações que não possuíam uma única pauta, mas várias que constituem um conjunto de indignações reunidas nas ruas, sem uma proposta única e pautável para encaminhar aos governantes como era de costume em épocas passadas. Muito tempo se levou para realmente fazer uma pressão popular, pois muitos jovens se escondiam através dos recursos tecnológicos. Uma realidade diferente da juventude rural, que permaneceu estruturada nas ruas, mas que apresenta limitações e resistências na utilização das novas mídias.

É perceptível a carência de recursos tecnológicos no meio rural e, com isso, suas redes necessitam de outras formas de estruturação. Por vezes, a negação às novas maneiras de comunicação são formas plausíveis de dinamizar as informações. Como não existe uma eficiente modernização midiática no campo, acaba por ser muito mais difícil de chegar os conteúdos por caminhos desconhecidos, se mantendo assim, no processo tradicional de *e-mails*, *sites* e telefones. Porém, com a vinda das novas gerações essa realidade também está modificando e, com essas novas demandas, haverá a necessidade da liderança juvenil manter-se atualizada para não correr o risco de perder esse público por ter recursos midiáticos antiquados.

Essa limitação informativa também refletiu nos seus conhecimentos diante das mobilizações ocorrentes em outros países, pois nenhum dos cinco

entrevistados tinha propriedade e conhecimento sobre as demais mobilizações contemporâneas. A apropriação de informações tão somente do que se assemelha a sua luta, acaba tornando-se uma limitação de conteúdos em que o que prevalece e existe são fatos próximos e de mesma vertente. Sob tais condições, não se realizam trocas de experiências com outras juventudes militantes do mundo. Mais uma vez, o uso das tecnologias se mostra limitada na sua utilização, podendo ser realmente uma aliada à liderança juvenil rural, mas como não existe esse interesse, acaba por se limitar apenas no campo de visão das demandas rurais.

Mesmo que, por vezes, os recursos tecnológicos possam parecer luxo, mas de fato não o são, pois quando não existe uma eficiência comunicacional existe uma exclusão social. Na atualidade, a dinâmica da vida é demasiadamente representada por telas de televisões, monitores de computadores e ondas sonoras de rádios. Mas, quando não se tem a eficácia de todas as mídias, como na maioria dos espaços agrários brasileiro, acaba por parecer que existe um isolamento e distanciamento com esse mundo ideal que é mostrado nas mídias. Mesmo que os camponeses possuam uma vida distinta das dos grandes centros, a questão tecnológica é um recurso que não deveria possuir distinções, pois as novas gerações, independentemente do local de origem, demonstram muito interessadas nas novas demandas e quando não conseguem a instantaneidade da informação, frustram-se e acabam optando em viver em locais que lhes proporcionem um alcance eficiente às novas tecnologias.

Uma das coisas de destaque nas entrevistas foi a frustração com algumas ações governamentais. Em décadas passadas, o partido dos trabalhadores tinha grande simpatia e agregação entre os movimentos sociais rurais, mas as novas gerações juvenis demonstram certo desligamento com as linhas de pensamento de esquerda. Mesmo que os jovens líderes apoiem o partido, isso não significa que não ocorrerá pressão política nas ruas, pois, por muito tempo, permaneceram à espera de soluções em função das promessas que lhes foram feitas, mas agora cansados e desacreditados de esperar traçam um novo momento, no qual o enfrentamento se dá com os seus aliados e não mais com os inimigos como eram vistos os partidos de direita. São conflitos que emergem dos representantes do povo com o povo.

Não obstante, o que os jovens rurais buscam, por meio de suas reivindicações e lutas, são condições e oportunidades no campo tendo sempre como comparação o meio urbano. Em razão disso, eu questiono a um militante: *Qual seria*

*a semelhança entre o rural e o urbano, para se querer as mesmas demandas? “Não existem semelhanças. A única semelhança é a presença de pessoas e a tecnologia de ponta para o rural, mas é uma tecnologia voltada ao rural. Com isso não sei se existem semelhanças.”* Mais uma vez questiono: *Então, por que o jovem rural deseja as mesmas condições do urbano?* E o jovem respondeu: *“Não sei te responder.”* Talvez aí esteja a questão do campo, comparar-se ao meio urbano, pois cada um possui um estilo de vida e, cada forma de viver deve ser administrada para essa realidade. Se existe tecnologia de ponta para a agricultura, também existe tecnologia de ponta para as grandes empresas industriais. Esses são recursos avançados, mas cada um é pensado para suprir as necessidades daquele local. Mas, enquanto os camponeses e agricultores desejarem uma vida semelhante aos grandes centros urbanos, vão se manter frustrados e insatisfeitos com os recursos que a vida rural oferece.

Posso também fazer um comparativo com a vida no campo na Espanha, mais propriamente na Catalunha, onde pude visitar no primeiro semestre de 2014 e percebi que lá todo o rural possui asfalto, comércio, transporte, trem, supermercados e, inclusive, concessionária de carros. Aquele mundo rural é bastante distinto do Brasil, no entanto, é o meio rural dos espanhóis da Catalunha. Mas mesmo com todos esses recursos, as insatisfações e questionamentos eram muito parecidos com as do Brasil, pois mesmo com uma realidade melhorada, eles ainda continuavam a requerer mais transporte, mais recursos e mais lazer. Com isso, acabo concluindo que essa sempre será uma busca incansável, até o ponto que os jovens rurais percebam que o mundo rural, embora interligado, difere-se do mundo urbano, pois se isso ocorrer perderá a sua identidade e passará a fazer parte de um conglomerado urbano.



## **CAPÍTULO III**

### **PERSPECTIVAS DE VIDA DE JOVENS MILITANTES**

Uma questão juvenil que tende a perpetuar por décadas é a angústia de inserção na vida adulta, marcada, por vezes, na autonomia pessoal e financeira. É um sentimento de carência de novas perspectivas de um futuro satisfatório e promissor que aborrece a juventude, mesmo essa não sendo uma realidade única dos tempos recentes e do nosso país. Inclusive há quem diga que as oportunidades juvenis no Brasil estão em ascensão, mesmo existindo essa realidade, essa angústia pelo futuro se mantém acesa nos conflitos dos jovens. No entanto, essa visão positiva está muito ligada ao país, pois não é uma realidade em escala mundial, inclusive em uma conversa informal com o sociólogo Feixa em 2014, no intercâmbio feito em Lleida – Espanha- conversávamos sobre o futuro dos jovens, onde ele dizia que, talvez essa seja a primeira vez na trajetória, em que os jovens não consigam ter melhores condições financeiras que seus pais. Porém, terão outras oportunidades, como viajar e conhecer novas realidades, além de poder se dedicar mais aos estudos e possuir boas titulações. Como solução para essa realidade Feixa comenta que a aderência aos movimentos sociais é uma alternativa, mas não com participações momentâneas e sim, com formações de alianças, entre as diferentes gerações para que juntos se fortaleçam. E que não fiquem esperando que as coisas aconteçam, mas que se esforcem para isso.

A juventude rural militante, diferente de outras, possui uma pró-atividade em relação às reivindicações sociais e mantém a esperança e o compromisso com a comunidade, pois para os entrevistados é esse sentimento com o coletivo que move a militância a ir as ruas manifestar suas indignações sociais. No caso da pesquisa, como esses jovens são de origem agrária, suas demandas são voltadas a sua realidade, possuindo insatisfações no seu modo de vida, em razão de não existir perspectivas de condições melhores na vida rural. Os movimentos sociais representam para eles um espaço único, de democratização, aprendizado e perspectiva de mudanças. A esperança é um fator determinante para a motivação de sua permanência nas mobilizações, além desse sentimento ser potencializado pela união dos demais companheiros que incentivam mutuamente o grupo. No

entanto, para se ter idealizações a serem conquistadas, precisa-se ter concepções de algo melhor, de um mundo ideal, de um rural ideal. E, por isso, este capítulo tem por objetivo analisar as motivações e perspectivas dos jovens rurais nas marchas sociais, além de explorar as concepções do que é um rural ideal para essa juventude.

### **3.1 A importância dos movimentos sociais para a juventude rural**

O autor Feixa (2004) faz um retrospecto dos anseios juvenis com base em dois escritos, um datado em 1936 em plena guerra civil Espanhola e o outro possui uma estimativa de mais de 4000 anos encontrada em Ur, Caldeia, uma civilização da antiguidade que habitava territórios, hoje pertencentes ao Iraque. O primeiro registro comenta que na época existia crise, que a juventude não possuía trabalho e que os jovens tinham tornado-se uma carga familiar. O segundo aponta algo bem semelhante, ao dizer que a sociedade estava perdida, por ser uma época difícil que não tinha trabalho e que os jovens chegavam aos seus 25 anos emergentes por novas demandas interiores. Duas manifestações de insatisfação social que se fossem transferidas para os dias de hoje ainda estariam atualizadas.

O que tende a transparecer é que existe uma reprodução cíclica dessas questões em âmbito universal por ser influenciada por “causas biológicas próprias da espécie humana” (FEIXA, 2004, p. 259). Independentemente do tempo e da civilização, a juventude no processo transitório da sua inserção no mundo do trabalho, manifesta suas insatisfações e angústias desse momento. Vale destacar que a pauta das marchas de 2013 no Brasil e, em outros países, além da revolta contra a má administração do dinheiro público, foi a falta de oportunidades juvenis no mercado de trabalho qualificado para seus níveis de escolaridade. No Brasil, essa é uma consequência originada dos inúmeros incentivos à titulação estudantil que o governo promove, resultando em jovens com bons currículos, mas sem perspectivas de colocação no mercado de trabalho. Obviamente, a questão dos estudos é um problema moderno, mas a origem dos desagrados sociais é recorrente da crise e da escassez de emprego, um tema, como foi abordado por Feixa, presente em diferentes civilizações.



No contexto contemporâneo, Hessel e Morin (2012) defendem que a crise acabou se alastrando de forma mundial em razão da ambição e ganância originária do mundo capitalista. Os autores ainda apontam que os desejos modernos se ampliam resultando em um consumo exacerbado e, como consequência, os gastos excessivos e fúteis. Isso acaba por resultar no distanciamento das civilizações e no surgimento de disputas planetárias. De todo modo, a globalização se faz presente e influencia diretamente esse processo, por vezes, é a melhor, e por outras, a pior coisa que poderia ter acontecido para a humanidade. Os autores acrescentam que, com a globalização, a civilização se tornou mais independente e, por outro lado, houve o desenvolvimento desenfreado dos poderes manipuladores da ciência e tecnologia, além de catástrofes sociais em decorrência dos aglomerados habitacionais. Para eles, o mundo está destinado a morrer, se não houver mudanças no seu sistema. Mudanças essas que dão esperança e solução para o mundo atual, inclusive os autores colocam em sua obra alternativas e propostas de um novo modelo de consumo, destacando que existem recursos para o caos instalado no mundo moderno. Resumidamente, os autores defendem uma proposta que possui uma política social mais humanista e solidária. Um perfil semelhante das ideologias comunitárias dos movimentos sociais, no caso dos manifestantes entrevistados, na presente pesquisa, foi perceptível observar a existência, em seus relatos, do desejo de melhorias para um coletivo.

Os cinco jovens, dos diferentes movimentos rurais analisados neste trabalho, apresentaram distintas motivações para a sua permanência na linha de frente das manifestações, porém todas elas são de cunho comunitário. Em princípio, destacam que sua luta é para um bem comum e coletivo dos agricultores. Urteaga (2011) faz uma análise sobre os indígenas do México comentando que, para essa juventude, o sentimento de pertencimento com a aldeia nasce da responsabilidade juvenil com a comunidade, essa relação desenvolve o sentimento de pertencimento com a cultura indígena, a qual lhes possibilita uma forma comunitária de vida, que no meio urbano não é possível semelhante oferta, assumindo que toda pessoa só existe por causa de sua comunidade. Sendo esse também um ponto comum com a juventude rural entrevistada, pois o seu envolvimento nas mobilizações estreitou o seu vínculo com a cultura do meio rural.

A juventude, segundo Urteaga (2011), constrói suas redes de relacionamento como forma de constituir espaços para manifestar suas culturas juvenis e são estes

locais que possibilitam a inserção de suas ideias, aonde seus estilos também são respeitados. A autora coloca que os meios de confraternização possibilitam que o jovem se torne um sujeito ativo e que suas opiniões sejam relevantes para essa estrutura. Além disso, para eles essa construção grupal assume um papel afetivo que influencia a formação de suas identidades individuais e coletivas. As formas personalizadas de manifestações e expressões são um jeito de criar uma identificação com a cultura juvenil, para isso se vestem, se comportam e se expressam de maneira que haja o reconhecimento entre os demais pertencentes do grupo e também com a sociedade. Esses modos de expressão auxiliam na configuração de suas ideias formulando suas oposições e valorações.

A análise de Urteaga está fundamentada no estudo da realidade social de jovens do México, no período de 1990 a 1998. Porém, essa realidade não é desatualizada e nem tampouco inexistente nos movimentos rurais estudados, pois neles ocorrem de forma expressiva a participação dos jovens e a criação de espaços coletivos para o fortalecimento de suas reivindicações. Além, de possuírem um estereótipo único proveniente da vida agrária, que configura suas ideias, reivindicações e constrói suas identidades diante do meio social, sendo de significância também para a edificação de suas personalidades individuais. Na visão de Sofia (PJR), além disso, o movimento é símbolo de conhecimento, integração e desenvolvimento do senso crítico.

Por considerar importante o convite de meu colega, que me possibilitou a oportunidade em conhecer diversas coisas interessantes. Eu acredito que outros jovens também mereçam isso. Por acreditar nisso, por acreditar nessa luta, nessa ideologia, por acreditar no jovem, nesse jovem do campo que merece ter esse convite também e trabalhar um pouco desse protagonismo. Pois, às vezes, essa juventude rural se dedica só ao trabalho na propriedade ou também no estudo formal, sendo estudantes de escolas do interior, mas que ensinam muita coisa urbana e aí você consegue com os encontros da PJR trabalhar o senso crítico deles. É por acreditar nisso, que continuo no movimento (Sofia, Pastoral da Juventude Rural).

Na totalidade das entrevistas, as reflexões feitas pelos militantes possuem um caráter voltado ao crescimento pessoal, demonstrando um sentimento de afeto em relação à causa coletiva, sendo inclusive essa a grande motivação de sua permanência da linha de frente das mobilizações. Sobre esse aspecto, o militante do Movimento dos Pequenos Agricultores comenta que, no meio em que vive, conseguiu compreender o mundo além do esperado. Conseguiu atingir uma essência, pois a verdadeira realidade é muito além do que suas concepções de

mundo conseguem ver. Os movimentos são considerados como propulsores para a edificação humanista da juventude militante, onde eles se tornam mais solidários com os companheiros de luta e, com isso, sua participação no movimento, acaba dando sentido às suas vidas, conforme palavras de Marcelo (MPA):

Eu sou humanista, o que eu estou fazendo hoje dá sentido para minha existência e eu estou dentro de um movimento social, quando se está em um movimento, como a própria palavra diz, está sempre em movimento. Se eu estiver avançando a ideia de concepção de mundo que eu tenho e que eu almejo que seja construído, ligado aos ideais do movimento, eu estarei sempre apoiando e inserido no meio. Hoje, eu estou satisfeito com o que está ocorrendo na organização e com minha ação no movimento.

Em suas considerações é possível notar seu senso solidário, um posicionamento corriqueiro nos grupos sociais. Segundo Bourdieu (2001), em sua análise feita na Europa e com os grupos provenientes do local, essa é uma característica comum entre os movimentos, sendo esse um princípio subentendido entre as diferentes marchas e incorporado com o objetivo de exercê-las pelas lideranças. Inclusive o autor comenta que os traços semelhantes são tão presentes entre os ideais dos movimentos que se houvesse uma consciência coletiva e as superações das diferenças, a população militante teria uma representatividade muito mais significativa com sua união. O interessante é poder observar que mesmo em um momento e, em um continente distinto, o Brasil manifesta esse mesmo perfil. Esse problema pode ser identificado na fala do jovem Fernando, representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF SUL), ao ser questionado sobre as mudanças necessárias no movimento, uma vez que as divergências existentes entre os grupos resultam em dificuldades de unificar as pautas, pois além do bem comum há interesses particulares com diferentes pontos de vista: “Hoje, a questão é, o que é melhor para si e esquecem o que pode ser melhor para todos” (Fernando, FETRAF).

Outro ponto de semelhança com os movimentos sociais do Brasil, que Bourdieu (2001, p. 64) apresenta é a recusa às “políticas neoliberais que visam impor as vontades dos grandes investidores institucionais e multinacionais”. No Brasil, também existe uma convergência dos militantes tenderem a partidos políticos com características mais populares. Giovane (MST), em sua fala, justifica que isso é procedente de gerações anteriores e tendências familiares, pois sua família tem tradição na militância de causas populares e os seus parentes migraram da Itália

fugidos por serem comunistas, conseqüentemente, “temos uma cultura de militância de esquerda forte na família”. (Giovane, MST). Porém, entre os jovens, existe uma consciência de que essa tendência governista não é demasiadamente satisfatória, tornando-se necessário interpretações próprias, diante das ofertas do país. Mesmo de origem partidária petista, Giovane demonstra que hoje o que prevalece para ele é o desenvolvimento do senso crítico.

Eu ajudo o pessoal do movimento a traduzir o que está acontecendo, pois muitos têm um outro tempo histórico e correm o risco de por preconceito ou leituras rasas, reproduzir ideias governistas. Eu faço diversas coisas no movimento, mas tenho um cuidado especial em tencionar que o movimento não compre avaliações estáticas, sendo muito clássica nesse sentido, a visão da esquerda. (Giovane, MST)

A concepção de manter uma linha de pensamento e não uma linha partidária tem se acentuado com mais frequência no discurso da juventude. Os militantes entrevistados mostram-se dispostos a enfrentar o estilo de governo que for necessário para prevalecer seus direitos, enquanto agricultores. Assim, como os movimentos urbanos ocorrentes em diversas localidades do país em 2013, que foram opostos às influências de partidos nas marchas, preferindo uma imparcialidade de bandeiras políticas e a prevalência da voz popular. Com certeza, lutar pela conquista de direitos populares sem o apoio de uma linha política acaba por dificultar suas conquistas, e se tornar ainda mais complexa a liderança dos movimentos. A esse propósito, Gabriela, líder da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG) comenta que “hoje a luta é por ideais e não por partidos políticos”. Além disso, a jovem desabafa seus impasses e sua persistência na caminhada contra as injustiças governamentais com os agricultores:

Na verdade, uma questão é o envolvimento, que é a gente se envolver, a gente busca brigar, lutar. Eu sou considerada lá em Brasília “Lá vem a Gabriela de novo reclamar”. Por que geralmente nós não estamos contentes, o Rio Grande do Sul geralmente é tachado assim. Mas, eu posso me considerar uma pessoa que brigo bastante quando estou convencida de alguma coisa. Por exemplo: a questão do crédito fundiário, hoje se percebe que uma renegociação de um agricultor está dando diferença no cálculo de R\$ 30.000 - trinta mil reais-, e quando nós estudamos, percebemos que isso não está certo, e vamos aonde temos que ir para brigar por eles, por esses agricultores que estão sofrendo estas injustiças. Então, posso me avaliar assim, de certa forma persistente, mas de certa forma frustrada. Frustrada, por quê? Porque é muito difícil você conseguir hoje que a política pública chegue, de fato, lá onde as pessoas precisam. É uma burocracia tão grande, tão grande em relação aos documentos hoje no Brasil, que você não consegue fazer. Você bate sempre contra uma parede. Você pensa que vai dar certo, vai avançar neste ponto, mas tal lei ou resolução não permite isto. Quando a gente vê um horizonte, agora vou ir, vou reto, vai dá certo.

Não! Tu começa a bater nas paredes e bater nas paredes, até quase desistir (Gabriela, FETAG).

Este caráter revolucionário juvenil, não é algo recente, pois é possível observá-lo em diferentes momentos históricos. Feixa e González (2013), em um estudo sobre o nascimento da juventude na América Latina, mostram os problemas recorrentes da geração e personagens de impacto na trajetória social. O ponto de semelhança em várias trajetórias é o perfil revolucionário e, por vezes, anarquista de alguns jovens, porém todos com esperanças salientes em transformar o local de sua vivência em um meio de dignidade e respeito para todos. Por isso, independentemente do lugar, as inquietações e as manifestações juvenis sempre serão um tema atual na sociedade.

As mobilizações desencadeadas em 2014 repercutiram em diversos locais, com a participação de jovens e de adultos do meio rural, para manifestar o descontentamento com as políticas agrícolas e agrárias. Em Santa Maria, uma manifestação foi organizada pela FETAG com agricultores familiares afiliados à Federação. A mobilização ocorreu no início da tarde de uma sexta-feira em uma rua de intenso movimento que dá acesso ao centro da cidade, os carros e transportes coletivos foram impedidos de passar, ocasionando em um congestionamento no local, conforme figura abaixo:



Figura 4 – Manifestação da FETAG no centro de Santa Maria em julho de 2014

Fonte: Fotografia do acervo da autora.

A luta dos agricultores, organizados em diversos movimentos sociais, vem de longa data. A representante da Pastoral da Juventude Rural traz um pouco do percurso do movimento, demonstrando que sua origem não é algo recente e que sua luta é contínua, porém com oscilações e dificuldades no seu percurso. No entendimento da militante, os movimentos rurais possuem extensa caminhada a partir de sua fundação, não são grupos sazonais, mesmo havendo uma recente estagnação das manifestações, porém as atividades internas continuaram a existir. Da mesma forma, Giovane comentou que o MST estava em um período de reconfiguração, e que para isso foi necessário diminuir a intensidade nas ruas e voltar-se para as questões internas do movimento. “Estamos construindo um coletivo para dentro do MST” (Giovane, MST). O que é perceptível nos discursos, é a busca de um fortalecimento com seus membros, sendo que para Sofia (PJR) essa atitude se justifica em razão de sua importância para a continuidade na luta. A militante expõe que o sentimento do movimento da Pastoral não findou por ter bons precursores juvenis em âmbito nacional e regional, que se organizaram e levantaram novamente a bandeira do movimento:

Na época de 1983 que nasceu a Pastoral da Juventude Rural, sendo que agora ela tem 31 anos, foi numa época em que existia um fervor da juventude. Em cada encontro, eles reuniam 3 mil jovens. Isso é contado pelos nossos assessores, que mesmo sem a facilidade da comunicação os jovens se reuniam, pois naquele momento existiam muitos problemas sociais, que acabaram resultando em uma reação e quem mais reage é a juventude. Depois foi diminuindo, até 2012 tudo estava bem adormecido, sem lideranças, e o jovem saindo do campo para buscar outros rumos. Talvez isso tenha ocorrido pela falta de incentivo de novas lideranças, houve uma estagnação. Mas, de 2012 para cá começou a ter uma ascensão novamente. Talvez porque as coordenações estaduais conseguiram se articular para organizar um evento de caráter nacional, que ocorreu esse ano (2014) em Recife, era para ter ocorrido ano passado (2013), mas ficou para janeiro, em função do tempo e articulações financeiras. Conversando com outros movimentos vimos que tínhamos que fazer em 2014, daí fizemos na mesma data do congresso da PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular. Algumas coisas a gente fez em conjunto, como a abertura e no final uma marcha em Recife. Iniciamos articulando a nível nacional da PJ, que não estava muito fervorosa e acabamos sentindo a necessidade de mobilizar para esse congresso a PJR. Com isso, precisávamos fazer um grande encontro da juventude camponesa para a gente conseguir se enxergar, pois estava acontecendo muita coisa isolada e “vamos fazer um encontro, vamos fazer, vamos fazer” daí a gente discutiu nas bases e o pessoal “vamos agarrar isso aqui”, mas tinha que conseguir muito dinheiro, imagina encontro nacional. Então, começamos a mobilizar, pois tiramos como prioridade o trabalho de base e começamos a divulgar o congresso. Acho que isso foi uma das coisas que contribuiu para voltar a se articular mais. Além da articulação dos jovens para ir, pois viajar praticamente 4 mil km foram selecionadas pessoas que poderiam se virar, e o grupo escolheu alguém para ir. E para conseguir dinheiro para essa pessoa foram mobilizadas várias pessoas com ações

comunitárias, como rifas. Assim aconteceu a mobilização e a união da juventude. “Precisávamos nos encontrar” e, com essa mobilização, surgiram muitas lideranças no interior. O nosso maior problema é não ter perna para acompanhar tudo isso, pois tem muito jovem que nos pede acompanhamento e solicita participar de alguma atividade e não conseguimos atender todos. Em nível nacional, mais especificamente no Nordeste que concentra 50% da juventude rural, lá o trabalho da juventude está em alta, teve um tempo estagnado, mas lá é diferente, pois o jovem sente na pele o sofrimento, diferente daqui, que o jovem ainda tem melhores condições financeiras. Inclusive na questão de lazer aqui é mais fácil o jovem ter uma moto, um carro e ele vai para a cidade fazer o que precisa e volta para casa. Consegue ter uma vida melhor. Lá, eles ainda têm o problema da seca e outras dificuldades que dificultam muito mais a vida do jovem. Mas na questão em nível de debate político eles são bem mais avançados. Mas isso é uma visão que eu tenho não que seja geral (Sofia, PJR).

Uma construção coletiva da liderança juntamente com os membros proporcionou e mobilizou essa nova partida da PJ e PJR. Segundo Bourdieu (2001) somente com o trabalho coletivo é possível criar e estruturar discussões de vários níveis – Internacional, nacional e regional- com a intenção de exercer uma nova forma de política. Para o autor, somente com a união e pressão dos movimentos sociais, aliada de uma organização na sua atuação é capaz de preencher as lacunas da ação política. O autor acrescenta que os conhecimentos também devem ser reestruturados, pois para desencadear uma mudança é necessário haver a libertação das imposições simbólicas, criadas pela visão dominante, que manipula a população para agir conforme o interesse dos poderes influentes no país. Isso significa que para haver desenvolvimento é necessária a quebra de paradigmas e atuação social consciente.

Como contrapartida ao sistema tradicional, os movimentos atribuem a importância aos estudos escolares, além da formação pessoal oferecida por eles, para que haja um crescimento cultural e uma autocrítica em relação a conceitos pré-estabelecidos pela sociedade. Para isso, Sofia (PJR) comenta que, atualmente o trabalho educativo desenvolvido internamente da PJR, juntamente com as marchas sociais, não tem idade, pois em outros tempos, os que participavam da luta e dos encontros juvenis iniciavam entre 17 e 20 e poucos anos, “já hoje em dia, para você trabalhar com o jovem tem que ser bem antes, entre 12 e 13 anos. É esse jovem que você consegue atingir, porque os outros já saíram do meio rural, principalmente, para estudar e acabam retornando influenciados pela cultura urbana” (Sofia, PJR). Segundo Sofia é uma conscientização que precisa ocorrer com as novas gerações, pois com a demasiada quantidade de informações diárias que eles recebem, eles

precisam ter a identificação com a cultura agrária, para assim defender as pautas das mobilizações.

Os movimentos sociais proporcionam distintas qualificações das oferecidas pela sociedade, que proporcionam uma gama de conhecimento e experiências importantes aos jovens rurais militantes. Exemplo disso é a militante Gabriela (FETAG) que desenvolveu seu modo de pensar em virtude de todas as visitas, intercâmbios, seminários e conferências que teve a oportunidade de participar. Ademais, a militante ressalta que a Federação acrescentou muito na sua vida profissional e na sua visão diante da agricultura, pois agora, em sua propriedade ela poderá desenvolver muito melhor o seu trabalho e também dar um suporte mais qualificado à organização do município. Mas, de forma mais específica, o movimento lhe proporcionou condições de transmitir conhecimentos também para outros agricultores e outras famílias. Assim, com a abrangência da Federação, a jovem Gabriela teve a possibilidade de ajudar um número maior de pessoas:

Tenho duas visões em função da liderança no movimento uma é para dentro da propriedade e outra é uma visão para fora da propriedade. A gente, enquanto dirigente sindical, não pode perder as nossas raízes enquanto agricultor. No momento que você é dirigente sindical você representa os agricultores e, para representar os agricultores você tem que ser um agricultor. Então, justamente para saber o que o agricultor está precisando, para você ser um dirigente sindical, você precisa conhecer a realidade do agricultor, pois daqui um pouco, se você ficar muito tempo somente na liderança da Federação perde essas raízes, começa a viver um mundo mais distante, acaba vivendo uma vida mais urbana, por estar em um ambiente urbano e não ter o contato frequente com o campo (Gabriela, FETAG)

A observação de Gabriela é relevante, pois para a liderança realizar um trabalho eficiente existe a necessidade de se compreender a realidade, dificuldades e cultura dos agricultores. Mesmo que todos os entrevistados sejam de origem rural, muitos militantes admitem que, ao envolverem-se com a coordenação do movimento, acabaram se afastando do convívio diário com a vida no campo, resultando em um aspecto negativo para os líderes sociais rurais. Esse assunto pode parecer simples, em razão de suas origens, mas é necessário esse convívio para alimentar esse estilo de vida e compreender os reais problemas da juventude rural.

Sendo assim, mesmo que os tempos modifiquem ou evoluam, as inquietudes juvenis sempre irão existir. Feixa e Gonzalez (2013) comentam que os problemas juvenis sempre existiram e persistirão ao longo do processo histórico, pois,



independente do momento, época e política, surgem novas demandas sociais. No caso dos movimentos sociais rurais existe uma peculiaridade que é sua contínua caminhada, resultante de suas lideranças, que desenvolvem uma relação com os demais militantes. Não são apenas revolucionários, mas são membros e participantes de um grupo revolucionário. Essa questão acaba por diferenciá-los dos demais, tornando-os com mais organização e consistência em suas marchas e reivindicações. Através de suas atividades voltadas para o desenvolvimento pessoal da juventude, acabam resultando em militantes imbuídos de causas coletivas, que não aceitam o que lhes é imposto e questionam sua realidade, almejando melhorias nas suas condições de vida. Por isso, mesmo que haja por algum tempo uma estagnação nas mobilizações rurais, a sua importância se dá nos seus encontros internos que fortalecem e cultivam o sentimento da militância pelo rural.

### **3.2 As motivações juvenis para a permanência nos movimentos sociais**

Na maioria das vezes, as mobilizações sociais ocorrem por algum motivo ou momento específico, tendo em si, um objetivo de unir a população e manifestar a indignação referente a algum descontentamento da sociedade. No caso das reivindicações realizadas no Brasil, em 2013, houve uma intensa adesão juvenil, muitos mobilizados através das redes sociais. Jovens manifestavam-se nas ruas para protestar contra uma diversidade de problemas, como desigualdade financeira de parte da população, o descaso e desvio com os recursos públicos e a falta de investimentos na saúde e educação do País. Foi um marco histórico para o Brasil a insatisfação e revolta popular.

Nascimento e Martins (2008, p. 115) possuem uma visão bem peculiar sobre as mobilizações sociais em um âmbito geral, afirmando que “os opressores invadem a cultura das pessoas e impõem a elas a sua visão de mundo para manipulá-las e as impedirem de pensar. Quando surgem os que não se sujeitam a tal pressão são chamados de ‘rebeldes’, ‘violentos’, essa massa de gente ‘cega’, ‘invejosa’ e ‘selvagem’”. Os autores complementam dizendo que tais argumentos são veiculados por outros instrumentos de dominação: os meios de comunicação de massa. Assim, os que já se tornaram alienados passam a pensar como os opressores. Mesmo que

as afirmações antecedam o ano de 2013, suas colocações acabam retratando o contexto vivido no Brasil, a partir das manifestações. Inclusive a mídia, especialmente a Rede Globo, foi altamente criticada pela sua demasiada persuasão nas transmissões das mensagens.

A partir de registros fotográficos veiculados na internet é possível observar o despertar da sociedade brasileira. Nas próximas imagens aparece um pouco dos fatos ocorridos em algumas capitais do país. Mobilizações juvenis em locais urbanos, mas com pautas de diversas demandas sociais.



Figura 5 – Mobilização social no dia 20/06/13 na cidade do Rio de Janeiro, foto de Rodrigo Gorosito, 2013.

Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb.html>.



Figura 6 – Manifestação social de 2013 no Brasil/1, postagem de Gregorio Vivanco Lopes, 2013.

Fonte: <http://ipco.org.br/ipco/brasil/nacional/para-onde-conduzem-as-manifestacoes-que-abalaram-o-brasil#.vj8l914aka.Html>.



Figura 7 – Manifestação social de 2013 no Brasil/2, postagem Meu Samba.

Fonte: <Http://Meusambaeroots.Blogspot.Com.Br/2013/06/O-Gigante-Acordou.Html>.





Figura 8 – Manifestação social de 2013, no Brasil/3, postagem de Robson Pires, 2013.

Fonte: <http://www.robsonpiresxerife.com/brasil/enquete-voce-e-a-favor-ou-contra-manifestacoes-no-brasil.html>.



Figura 9 – Manifestação popular no Congresso de Brasília em junho de 2013, postagem de Matheus Contage, 2013.

Fonte: <http://blog.radardaproducao.com.br/esporte/3884/o-gigante-acordou.html>.

As mobilizações urbanas são mais numerosas que as rurais, pois têm um poder de reunir muitas pessoas, uma vez que os centros urbanos possuem um público maior, com fácil acesso. Em contrapartida, as recentes mobilizações têm sido momentâneas, pois após as reivindicações, normalmente, cada um seguiu sua rotina sem gerar proximidades e vínculos para discutir as novas decisões dentro das futuras marchas sociais. Consequentemente, ao falar das motivações juvenis rurais para a sua permanência nas manifestações destaca-se o ponto de maior distinção desse grupo com os demais movimentos juvenis urbanos, pois além de manifestantes, eles possuem um laço de proximidade com os demais militantes, decorrentes, por vezes, em função do seu histórico.

Sabemos que não é recente a luta pela reforma agrária no Brasil. A inovação está na junção da luta pela redistribuição de terras e novas formas de organização cultural e educacional. Falamos de uma reforma agrária com caráter socialista, que visa a uma sociedade igualitária, mais justa e inspirada em outras lutas regionais (NASCIMENTO; MARTINS, 2008, p. 113).

A militância rural possui uma realidade distinta das marchas urbanas, pois existe uma relação de estabilidade entre os líderes dos movimentos, em razão de muitos possuírem funções, cargos ou também remunerações para exercer e participar de forma exclusiva da coordenação dos movimentos. Para eles, sua participação é símbolo de aprendizagem e crescimento pessoal, uma oportunidade única, que só é possível ser vivida no exercício da liderança juvenil.

O jovem Fernando (FETRAF), que se dedica, exclusivamente, à militância, apesar de ainda estudar, considera que participar do movimento mudou muitos aspectos de sua vida. “Pois quando se está fora do grupo, às vezes, não tem muita noção da dimensão que é o nosso trabalho, mas quem está dentro, tem a oportunidade de conviver em espaços totalmente diferentes. Você trabalha com diversas questões seja de saúde, bem-estar, produção”. Além disso, o militante comenta que sua participação na linha de frente da juventude, lhe possibilita uma visão geral dos fatos e, com isso, ele consegue entender porque as pessoas reagem de certa forma quando existem algumas questões. “Hoje, se eu voltasse a trabalhar integralmente na propriedade teria um olhar totalmente diferente de quando não tinha a função de liderança no movimento” (Fernando). Para ele, a maior oportunidade que surgiu após sua entrada na FETRAF foi a possibilidade de aprender com os demais integrantes e associados da Federação. Marcelo também

comenta que se não fossem as experiências do movimento, sua vida teria tomado um rumo diferente.

Se eu não tivesse aqui hoje, teria algumas possibilidades, uma delas é que eu poderia estar dando aula em uma universidade. Se não fosse o movimento eu iria seguir a carreira acadêmica. Uma outra possibilidade era continuar na propriedade dos meus pais, desenvolvendo uma agricultura convencional, com transgênicos como é o mais comum (Marcelo, MPA).

A prática da agricultura tradicional é ensinada aos jovens rurais, principalmente, pelas escolas profissionalizantes e universidades, mas é visualizada de forma negativa pelos movimentos sociais. Portanto, os jovens militantes não desejam reproduzir as práticas relacionadas à agricultura convencional, por considerá-las prejudiciais ao meio ambiente e aos agricultores, além de estar atrelado ao sistema capitalista, que nega os costumes e cultura camponesa.

Os autores Hessel e Morin (2012) também são críticos em relação ao sistema capitalista, afirmando que existe uma ausência na democracia cognitiva, que resulta na incapacidade dos cidadãos em obter conhecimentos técnicos e científicos que venham a permitir-lhes compreender questões mais complexas da sociedade. Por isso, a importância de desenvolver jovens com senso crítico. Desta forma, a educação tende a degenerar a democracia social e fragmentar os pensamentos, através de sua rigidez estrutural. Ao invés disso, seria necessário que houvesse uma integração do conhecimento para enriquecer o senso coletivo.

Nesse aspecto, os movimentos rurais se mostram organizados e conscientes, pois eles têm uma atenção especial em assuntos educacionais, realizando dentro dos grupos atividades educativas voltadas ao campo. Essa postura se justifica pela carência de adequadas informações sobre a vida rural no ensino formal, pois nos conteúdos transmitidos nas escolas a vida ideal é a que existe nos centros urbanos, sendo retratado o meio rural como atrasado e possuidor de uma vida sofrida. Castel et al. (2009) definem essa percepção como algo carregado de valores pejorativos. Já nos discursos juvenis é possível observar as contribuições oriundas dos movimentos, no caso da representante da PJR, ao relatar sobre seus aprendizados, destaca o desenvolvimento de sua consciência social:

O movimento com certeza contribui muito, para a própria visão de mundo, imagina ser uma burguesa enjoada, sem noção da realidade. Às vezes, vejo umas publicações no *facebook* que não imagino como é que as pessoas postam umas coisas dessas. Teve uma entrevista com um deputado que falou mal dos indígenas e sem-teto, dizendo que era tudo a mesma coisa.

Tinha pessoas defendendo esse preconceito desgraçado. Então eu pensei: será que eu seria assim se eu não participasse de uma organização social? Eu poderia pensar igual, pois é o que a mídia traz. E a internet você pode usar tanto para o lado positivo quanto para o negativo. Percebo que os estudos auxiliam as pessoas a desenvolverem mais seu senso crítico, a faculdade que cursei, me possibilitou a refletir sobre algumas coisas, mas posso dizer que isso não se compara com o conhecimento que adquiri por participar intensamente do movimento estudantil (Sofia, PJR).

O olhar de Sofia, assim como os outros jovens entrevistados possuem uma riqueza de experiências práticas e palpáveis, e não somente concepções teóricas do mundo em que vivem. Para Bauman (2008), o aprendizado é uma construção social, transmitida através da cultura, relações e vivências, podendo ser compartilhado também entre diferentes gerações. O meio onde o indivíduo vive possibilita uma gama de informações que tecem suas concepções de mundo. Com a modernidade, essas concepções são ampliadas pelas várias ofertas disponíveis, principalmente, através das tecnologias. Por isso, mesmo que alguns indivíduos possuam semelhantes relações, a opinião de cada um se torna única por ser influenciada diretamente por suas experiências. Ademais, a preferência de hábitos e de costumes também contribui para sua composição enquanto agente social. Para Giovane (MST), a questão é: “Onde você está? E com quem você está?” Porém, ao mesmo tempo ele aponta que não consegue fazer muito essa comparação, pois sempre esteve envolvido nas causas do movimento. “O movimento do MST tem um valor histórico que resulta em uma quantidade significativa de portas abertas. Participar do movimento te proporciona muitos espaços e acessos em função do peso histórico que ele possui” (Giovane, MST).

Nas entrevistas, os militantes apresentam um contato intenso com o movimento, demonstrando que existe essa interação com os ideais e os membros do grupo, por isso, são imbuídos na causa e lutam com convicções por seus ideais, acabando que suas concepções de mundo estão imersas nessa realidade. Realidade, por vezes, disponível apenas para essa juventude que possui vivências únicas, em razão de sua prática de liderança no movimento. No entendimento do militante Fernando, nenhum espaço oportuniza tanto conhecimento quanto o movimento, em todas as horas é motivo de aprendizagem, pois você tem que dialogar com a sociedade - médicos, militares e outros. Com isso, você precisa entender como funciona o meio social. “Crescer como pessoa é uma das melhores partes” (Fernando, FETRAF). Com certeza, é possível observar a importância que o

jovem apresenta em relação às oportunidades proporcionadas, decorrentes de sua participação em posições de liderança no movimento. Além de ser um membro efetivo da Federação, sua atuação na coordenação lhe possibilita outras vivências distintas de um agricultor. Da mesma forma, ao refletir sobre sua participação na liderança do movimento, Gabriela considera que se não houvesse essa experiência em sua vida ela teria um modo diferente de pensar, conforme depoimento:

As circunstâncias seriam totalmente diferentes, pois você pode ver todo o contexto, o conhecimento tanto técnico é fundamental. Talvez se eu não tivesse propriedade própria, provavelmente, estaria produzindo algo muito comum e não investindo em flores. Poderia nem estar no meio rural, pois eu apreendi a valorizar muito mais o agricultor depois que entrei para o movimento e passei a conhecer muito mais sobre a importância da agricultura familiar. A graduação que eu escolhi foi em função da Federação. Quando eu era mais jovem, eu queria ser várias coisas, menos agricultora, também passei pela crise de ficar ou sair, uma por não ter muito espaço na propriedade dos meus pais. Provavelmente, se não participasse dos encontros da Federação eu estaria em outra área, pois como em casa eu não tinha espaço de desenvolver o gosto pela agricultura eu, provavelmente, teria feito outras coisas. Ampliar meus conhecimentos é o mais relevante de toda minha experiência na FETAG (Gabriela, FETAG).

Gabriela traz um tema bem debatido no meio científico em relação ao rural e também acaba por ser uma preocupação dos movimentos sociais agrários que é a permanência da juventude no campo. Realmente, o êxodo rural não é um problema recente no Brasil, principalmente por causa da concentração das propriedades de terra e da falta de oportunidades para os jovens na propriedade de seus pais. Outra questão que influencia essa decisão é a carência de lazer e a dificuldade de acesso aos novos recursos, sobretudo, os tecnológicos. Além disso, a educação aparece mais uma vez como influente nessas escolhas. Segundo Marin (2009), as escolas rurais surgiram com o objetivo de preparar os jovens para integrar a sociedade industrial e não para fixá-los ao meio. Com isso, era facilitada a continuidade dos estudos dos jovens, porém eles acabavam tendo a ausência de contextualização da vida no campo, engendrando processos prejudiciais à sucessão, por estar descontextualizado da realidade vivida em seu cotidiano. Consequentemente, o jovem era estimulado a buscar outras oportunidades, especialmente em centros urbanos. Hoje, essa realidade ainda persiste e nos locais que não há escolas de ensino médio, principalmente as mulheres, migram para estudar ou para trabalhar, pois não se sentem atraídas pela vida rural, em função da sobrecarga do trabalho e pela desvalorização a que são submetidas.



Muitos são os motivos para a saída do jovem do meio rural, pois não existe o estímulo de sua permanência. Segundo Castro et al. (2009), em pesquisa realizada no interior do Brasil, identificaram que, por vezes, jovens rurais têm o desejo de permanecer no campo. Mas, as circunstâncias familiares e sociais tendem a induzir a migração para cidade, seja por questões de estudo, emprego ou lazer. Além disso, jovens entrevistados apontam a existência de preconceitos com a imagem do agricultor, que influenciam os jovens quanto à sucessão da condição camponesa. O depoimento de Fernando (Fetra) é elucidativo:

Pra mim, a sucessão acontece quando o filho tem autonomia de decisão dentro da propriedade, se sente parte, vivendo junto ou não com os pais. Eu entendo que sucessão se dá quando isso ocorre. Mas também, engloba várias questões: a viabilidade econômica para sustentar mais de uma família, o ganho financeiro, o trabalho de forma subordinada por ser filho, a relação com os pais, a educação, pois as escolas não incentivam a permanência do jovem no campo, difundindo a visão que as coisas boas estão na cidade, a questão de transporte, que é qualidade de vida, acesso à comunicação e tecnologia. O entendimento da sociedade do que é o agricultor, pois existe uma desvalorização do ser agricultor. Mas nós produzimos alimentos e isso não é reconhecido pela sociedade, pois nós não somos reconhecidos pela importância que temos hoje médico e agricultor é totalmente desproporcional e sem agricultor não tem vida, sem o médico talvez tivesse. O reconhecimento da sociedade é algo que pesa bastante na decisão do jovem e também a questão das oportunidades, o jovem tem uma série de oportunidades de estudar e quem sabe seguir outra profissão, o mercado de trabalho também é bastante atrativo, pois possui muitas ofertas de emprego diferentes das condições nas lavouras. Mas, a nossa opinião não é que o jovem deva ficar, pois nem todo filho de médico tem que ser médico e nem todo filho de agricultor tem que ser agricultor, mas se houver o interesse em permanecer no campo, que se tenha as mínimas condições possíveis (FERNANDO, FETRAF).

Na visão de Brumer (2007), a tendência migratória é justificada, em grande parte, pela visão relativamente negativa das atividades agrícolas e pelos problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração. Neste caso, para a autora não há terras em quantidade suficiente para que as novas gerações se mantenham nos locais de origem. Assim, parte ou mesmo toda a família tem que procurar outras terras ou sair da zona rural, fixando-se, muitas vezes, nas periferias das cidades. Os jovens rurais, em muitos casos, idealizam a vida urbana e acreditam que existam mais oportunidades de trabalho e lazer nas cidades grandes. Desta forma, segundo Luca (2002), ocorre um incessante desejo de deslocamento, gerando em alguns uma insatisfação e infelicidade, principalmente das gerações mais novas, com a vida rural. No

entendimento da líder rural Gabriela (FETAG), se fosse cultivado novos sentimentos e percepções pelo campo, as oportunidades no meio seriam mais bem aproveitadas:

Eu tenho um caso de uma senhora que vendia doce na feira e hoje trabalha no sindicato e não tem mais tempo de se dedicar na produção dos doces. Então o seu marido trabalha com os embutidos da propriedade e a filha assumiu toda a parte dos doces, que hoje está com 16 anos, na verdade, esse é o sonho de toda a mãe que faz o investimento numa vida toda e vai ter alguém que vai assumir isso depois. Eu quero continuar trabalhando na minha propriedade e que minha filha crie gosto por isso. Ela nos acompanha e não me importo se ela se suje, pois é desde pequeno que se aprende a gostar da agricultura. Se a criança tiver nojo de se sujar vai ser um adulto que terá nojo de se sujar e tu não te suja na terra, a terra é limpa, o que te suja é a poluição. A consequência dos pais é quando dizem que o filho tem que ficar dentro de casa, que eles não podem ir para o galpão para ajudar, porque os filhos veem nos pais um exemplo e se tu privar aquela criança de ver o exemplo do pai, por dizer que o galpão é sujo, de fato ela vai crescer achando que seus pais trabalham em algo que é sujo e eu não quero isso para mim. Isso reflete na sucessão. Hoje nós temos 12,6% de jovens no meio rural no RS. Na verdade, hoje são 30 mil propriedades que não têm sucessores.

Como existem tantas adversidades e resistências à permanência da juventude no meio rural, por vezes, os movimentos sociais podem constituir-se em uma alternativa para esse jovem ser valorizado no seu lugar de origem. Através do relato dos militantes é possível perceber que o sentimento de pertencimento ao campo, em alguns casos, foi desenvolvido em virtude dos ideais dos movimentos. A esse propósito, Gabriela comenta que as experiências proporcionadas pela Federação contribuíram muito para sua aproximação com o campo e que, além disso, irão auxiliar no seu trabalho futuro no seu município. Pois são as conveniências no movimento que proporcionam essa relação positiva e agregadora ao seu meio de origem. Na visão de Urteaga (2011, p. 303) “o pertencimento a uma comunidade não se herda, pelo fato de ter nascido em um povoado. O pertencimento se conquista, se trabalha e se constrói através de assumir cargos, compromissos e responsabilidades, tanto comunitárias como familiares.”

As oportunidades vão surgindo em razão da luta social que cada um desenvolve nos movimentos e das relações que vão se criando. Bourdieu (2001) comenta que os laços que se tecem nos movimentos são relevantes para a criação e fortalecimento dos grupos, é essa união que desenvolve a cooperação mútua nas marchas sociais. Além de ser de extrema relevância a união de diferentes grupos sociais para que, de forma efetiva, a democracia verdadeira seja implantada na sociedade. Os jovens rurais entrevistados indicam a existência de esforços no

sentido de estreitar os vínculos entre os movimentos sociais rurais, cabendo a essa nova juventude a missão de quebrar as rivalidades e promover união entre os integrantes das diferentes correntes. Assim como ocorreu com a líder da PJR juntamente com o MPA.

As coisas vão meio que tomando um rumo e o movimento abre portas por ter ideologias. Estava pensando, eu me formei nas Ciências Agrárias, o que teria de trabalho para mim? Eu ganharia até mais, eu ganharia melhor que eu ganho agora, mas teria que trabalhar para o agronegócio. E trabalhar para uma empresa privada eu, com certeza, ganharia bem melhor e estaria numa condição financeira melhor. Mas eu não seria feliz fazendo isso. Então, eu trabalhava em uma cooperativa ligada ao movimento social e isso me abriu a oportunidade de trabalhar com o que eu gosto: que é trabalhar com agricultores familiares, trabalhar com as diversificações das propriedades, trabalhar com o autossustento deles e trabalhar no sentido que eles consigam buscar mais autonomia. Trabalhar com assistência técnica e extensão rural eu não visualizava aqui em Cachoeira do Sul e foi quando apareceu isso, por eu participar da PJR e conhecer pessoas do MPA eles conheciam o meu perfil e como eu me encaixava, “vamos lá!” Faz quase dois anos que trabalho com eles. Talvez, se eu tivesse que trabalhar no agronegócio, eu, provavelmente, já teria desistido disso e estaria trabalhando na propriedade de meu pai. (Sofia, PJR)

Essa interatividade até mesmo pode ser compreendida pela semelhança de culturas e identidades. Urteaga (2011), em seu estudo sobre a juventude no México contemporâneo, comenta que os jovens de estilos de vidas semelhantes possuem uma vinculação maior. A autora também comenta que as tribos juvenis, por vezes, são fechadas e excludentes, pois quando um jovem integra uma rede de relacionamento ele acaba por negar as outras. Entre os jovens contemporâneos dos movimentos sociais rurais, essa situação de rivalização e exclusão, que se acentuava em tempos passados, tende a reduzir, diminuindo as disputas e tensões entre os grupos juvenis rurais. Mesmo que, às vezes, persista o posicionamento de demarcações de espaços nas pautas reivindicatórias e nas afiliações de jovens rurais. No entanto, o que tende a transparecer nas entrevistas é que essas distinções estão sendo diluídas cada vez mais pelos jovens, na medida em que visualizam as vantagens de se unir em prol das causas da juventude rural e dos agricultores familiares, camponeses e assentados rurais. Talvez isso também tenha ocorrido em consequência do êxodo rural juvenil, se tornando uma alternativa para fortalecer a representatividade rural ou também em decorrência da consequência das novas formas de comunicação que acabam por dinamizar os laços e ampliar a interatividade entre pessoas. De acordo com Bauman (2008), as questões da sociedade moderna se modificam em decorrência das informações e conexões

excessivas. Segundo os militantes, independentemente do motivo que instiga a mudança ou a aderência de novas demandas nos movimentos, esse processo já é satisfatório por tender a aproximação, união e motivação da juventude a permanecer na luta camponesa.

### **3.3 As concepções de um mundo ideal para os jovens rurais**

Segundo Roosevelt, embaixadora dos Estados Unidos na ONU, "o futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos". Essa frase traz a essência de um dos temas mais significativos para a militância juvenil, pois somente com idealizações e sonhos é que o indivíduo consegue almejar um futuro promissor. Em análise da mobilização dos indignados na Espanha no cenário dos últimos anos, Ibarra (2013) destaca que a presença massiva da população nas ruas gera uma surpresa e uma esperança motivadora para a sociedade, aliada a uma ação coletiva, as contestações sociais transpassaram as redes sociais e originaram um movimento social. Provavelmente, toda essa mobilização social só foi efetivada por existir correntes de pensamentos descontentes com a realidade vivenciada. Para os indignados socialmente, o mundo ideal ainda está muito longe de ser conquistado.

Em um diálogo entre Hessel e Morin (2012), eles debatem que o ideal social ainda se torna possível se houver uma consciência coletiva e coação da sociedade para a mudança no poder político. A grande questão que deriva dessa idealização é se realmente irá existir uma unificação das demandas sociais, pois é difícil que haja uma consciência coletiva se as necessidades forem tão plurais e tão divergentes. Bauman (2008), ao analisar os tempos modernos, define as crises de identidades e as características da sociedade individualizada, sendo que sua percepção é que, cada vez mais as pessoas tendem a individualidade, a instabilidade, as incertezas e os medos com o futuro, conseqüentemente, obstrui possibilidade da união comum. Por isso, da tamanha relevância das relações e grupos de convívios, pois é nesses espaços de confraternização e proximidade que as afinidades e vínculos sociais são construídos e a vida coletiva vai adquirindo significância. Na análise feita por Urteaga (2011) foi possível observar que as tribos juvenis se unem com a finalidade de criar suas identidades coletivas e aderir forças para manifestar suas culturas.

Sendo assim, pode-se considerar difícil a unificação de estilo da sociedade, pois independentemente do local, as tendências se fracionam em distintos grupos conforme as identificações.

Para haver essas identificações é preciso construir um ideal. Para a juventude militante entrevistada existem diferentes interpretações sobre o que é um mundo rural ideal. Mas, para Giovane do MST, a ficção dos filmes referencia sua idealização de rural.

O filme “Senhor dos Anéis”, com a produção orgânica e as pessoas vivendo nas casinhas isso é o ideal da Idade Média. Mas hoje aqui no Brasil o meio rural ideal é um espaço em que as pessoas possam viver com dignidade, ter um espaço de produção, onde elas consigam produzir suas vidas, que elas não sejam castigadas ou diariamente tensionadas pela condição que vivem a trocar a vida no campo por uma expectativa do urbano. O camponês não é uma profissão, camponês é um acúmulo histórico, que é passado de geração em geração. É a transferência de um conhecimento acumulado (Giovane, MST).

É justamente por essa concepção, de manter as tradições camponesas, que a militância rural não é a favor da produção convencional em grande escala, pois a produção agrícola consagrada hoje no Brasil representa o demasiado consumo de insumos químicos e sementes transgênicas. Por tais razões, existem trabalhos nos movimentos sociais rurais de resgatar as sementes crioulas e o incentivo à educação voltada ao desenvolvimento local. Na visão de Gabriela essa educação também precisa estar aliada às novas tecnologias, com vistas a auxiliar a entrada de novos recursos na produção rural e a melhoria das condições de vida no campo. Mesmo que se tenha a imagem de uma rotina rural marcada pelo trabalho árduo, e de um histórico de limitações aos agricultores, isso não significa que persista essa realidade nos contextos contemporâneos, pois cada vez mais “o produtor rural tem requerido e aderido os novos recursos que facilitam e melhora a execução de seu trabalho” (Gabriela, FETAG) Essa questão abordada por Gabriela revela as novas necessidades de um rural ideal para se habitar. Para, essa jovem líder rural, a vida no campo já é ideal, bastando somente alguns ajustes de recursos.

O meio rural já é ideal, o que falta são os acessos a ele, tem que chegar às tecnologias, a valorização dos produtos rurais. A sociedade precisa valorizar o agricultor, perceber o quanto é importante a produção de alimentos, se for valorizar a agricultura como se valoriza qualquer produção, o meio rural é o melhor lugar de se viver. A qualidade de vida do meio rural eu não mudaria por nada. Mas para isso tem que ter uma valorização muito importante da agricultura, em que as pessoas se percebam enquanto agricultores, como uma profissão digna. Porque muitos veem a agricultura como sendo uma

das últimas alternativas, alguém que estudou e se frustrou na cidade se torna agricultor e os agricultores de hoje não querem mais a agricultura de antigamente, que é a agricultura pesada. Eles querem férias, lazer, privacidade. O que precisa muito para a agricultura desenvolver são estudos, pois é muito pouco estudo de tecnologias no meio rural. Assistência técnica praticamente não existe. Tem a EMATER, mas ela não dá conta do todo. O ideal seria como na França que lá não existe assistência técnica, todos são técnicos. Na França você vende o gás a 60 centavos e compra de volta a 6 centavos. Aqui no Brasil é ao contrário (Gabriela, FETAG).

Os assuntos pertinentes à tecnologia são intensamente debatidos entre a militância rural, é um tema de desconforto em razão de sua dificuldade de acessá-la. No entendimento de um líder juvenil rural, o campo só se tornará ideal “quando todas as pessoas do meio rural estiverem satisfeitas e felizes. A qualidade de vida é uma questão de acesso ao celular, de infraestrutura, de saúde e de tecnologia” (Fernando, FETRAF). Realmente, os novos recursos são benéficos para várias demandas sociais, inclusive para facilitar a mobilização social. Segundo Feixa et al. (2002), além das facilidades pessoais, as tecnologias são uma ferramenta para a articulação dos movimentos, pois eles permitem estender sua mensagem a uma ampla população, expandindo suas ideias para além das fronteiras nacionais, cujo fim é atrair atenção e suscitar apoio populacional, pois a juventude tem como objetivo unir-se de maneira a mostrar representatividade nas suas manifestações.

Quanto mais estruturado for a coletividade, maiores são as oportunidades de conquistas, pois passam a consistir peso e relevância em seus interesses sociais, justificando por isso, a importância das novas tecnologias nas mobilizações. A inclusão de novos atores e de novas mídias representa uma mudança relevante para a democratização da comunicação. A pressão popular nas ruas é de extrema importância para as mudanças sociais, porém não podemos desconsiderar a relevância que os meios de comunicação exercem nessas conquistas e na disseminação do movimento, pois a união fortalece os sujeitos sociais.

Além dos recursos modernos demandados pela juventude rural, pode-se observar que o acesso a terra é uma das necessidades fundamentais, pois todos os militantes entrevistados apresentam essa inquietude como sendo uma idealização para a nova juventude e o estímulo à sucessão. Na visão de Caldart (2004), como intelectual vinculada ao MST, essa luta pela terra é muito mais que uma simples conquista de propriedades é uma expressão de vida, lugar de sustento, satisfação, dignidade, existência, é a representação do sujeito. No discurso da militante da

Pastoral da Juventude Rural, a questão do acesso a terra aos jovens rurais também ganha sentido de um rural ideal:

Um rural onde todos tivessem acesso a terra, ao conforto, tivessem acesso à comunicação, tivessem acesso à educação de qualidade, com tecnologias voltadas a favorecer os pequenos agricultores. Se tiver reforma agrária não precisa ter tecnologia para grandes produtores, mas que seja uma tecnologia para favorecer o trabalho do ser humano, com soberania alimentar, com alimentos saudáveis reduzindo assim muitas doenças. (Sofia, PJR).

A militante expõe um conjunto de condições para uma vida desejável no rural, que passam também pelo acesso à tecnologia, alimentação e saúde. Marcelo (MPA), em seu discurso, acrescenta outros pontos para se alcançar um meio rural ideal:

Um lugar onde todas as pessoas tenham terra, que todas as pessoas tenham um local para trabalhar, aonde exista escolas para o meio rural, voltadas à realidade da campanha, onde os jovens que estão no meio rural tenham a possibilidade de cursar uma graduação de forma gratuita e voltar para o meio que saiu para ajudar no desenvolvimento da propriedade. O meio rural onde se produza alimentos que satisfaçam os seres humanos e a saúde. Um meio rural aonde as pessoas trabalhem de forma cooperativada e, por fim, um meio rural que possa ter acesso ao lazer de forma plena. Com isso, as pessoas seriam mais felizes e a busca real do ser humano é a felicidade. Dentro da sociedade que existe hoje, isso jamais vai ocorrer, por isso precisamos lutar para mudar essa realidade (Marcelo, MPA).

No relato de Marcelo existe um descontentamento com a realidade social em que vive, porém na perspectiva de jovem e também jovem militante desponta o sentimento de esperança e desejos para as novas gerações que estão se formando. Assim, quando os jovens são questionados sobre o que eles esperam com as manifestações dos movimentos juvenis rurais eles se manifestam de diferentes maneiras. Mas, as palavras de Gabriela sintetizam esse ideal ao definir em duas palavras, “conscientização coletiva”. Para essa militante juvenil, “Talvez esse seja um dos pontos mais importantes para os grupos rurais, pois é através dessa consciência que se desenvolve o sentimento pelo campo, a valorização pelo produtor rural e, por consequência, o desejo de sucessão” (Gabriela, FETAG).

Desenvolver os jovens em suas concepções de mundo, cultivando o que tem de positivo no campo é uma tarefa importante e, por vezes, histórica, pois são esses jovens que escrevem o futuro e traçam as tendências do local onde vivem. Infelizmente, algumas culturas visualizam a juventude como sujeitos passivos ou simplesmente meros reprodutores da sociedade dos adultos (URTEAGA, 2011).

Porém, os grupos rurais que assumiram uma responsabilidade e consciência social acabam por criar seus próprios espaços para manifestarem-se de forma independente dos moldes impostos por outras gerações. Na ação coletiva, os jovens constroem, a seus olhos, uma juventude ideal que “tenciona, que constrói um campo com condições para que o campo se torne uma alternativa para a cidade, que desperte nas pessoas o desejo de permanecer no campo. E que, por fim, incentivem que as pessoas produzam seu próprio alimento” (Giovane, MST).

Bourdieu (2001) comenta sobre a representatividade simbólica dos diferentes movimentos, defendendo que elas deveriam ser unidas e fortalecidas entre si, pois só assim uma efetiva mudança poderia ocorrer. Uma afirmação que se encontra presente nos discursos juvenis rurais, pois estes acreditam que a reforma agrária se tornaria muito mais viável se a relação dos diferentes grupos se estreitasse. “O pessoal nos movimentos deveria ser muito mais companheiro, muito mais verdadeiro, mais unido, sincero e fiel com a luta e com as próprias relações internas” (Sofia, PJR). Além disso, a militante destaca um problema presente nos movimentos atualmente que é a má administração financeira, pois “têm vários casos de militantes que valorizam muito o dinheiro nos movimentos, mas essas pessoas não entendem que o movimento não é um lugar de construir carreira, pois o principal objetivo é estar ali voltado para um ideal social e não por aquisição de bens materiais” (Sofia, PJR).

Gabriela (FETAG), ao comentar sobre questões referentes à Federação acrescenta que, não obstante os avanços das mulheres nos cargos diretivos, a perpetuação de dirigentes nos cargos burocráticos do movimento sindical rural e o descompasso entre a realidade vivida pelos agricultores e os discursos das pautas reivindicatórias colocadas pelas lideranças, acabam por dificultar o avanço das lutas dos agricultores:

Os dirigentes que ficam muitos anos nos mesmos cargos. Nós temos quase 50 mulheres presidente de sindicatos e isso foi um avanço, pois antigamente não era essa a realidade. A agricultura mudou, a sociedade mudou e muitas vezes as lideranças não mudaram e não conseguem se adaptarem às novas demandas, inclusive eles não se atualizam e não estudam novas formas para a agricultura, estagnando todo o processo. Em Teutônia, se a presidente do sindicato não tá por dentro das novidades os agricultores não escutam ela, pois eles têm acesso à internet e possuem a informação. O rural não é o mesmo de 30 anos atrás e a liderança também precisa ser renovada para haver esse crescimento (Gabriela, FETAG).



Sobre essa renovação de discursos e práticas sociais, cabe mencionar sobre os interesses e desinteresses dos agentes sociais apontados por Bourdieu (2011). Para esse autor, existe mesmo que inconsciente, uma seleção natural das preferências dos indivíduos, com isso, todas suas escolhas, tendências e atitudes são influenciadas em conformidade aos interesses dos agentes sociais. Assim, existe a necessidade de constante atualização e reestruturação dos movimentos sociais, para que as lideranças e suas correntes políticas não caiam na estagnação e repetição de conceitos tendenciosos e estáticos e nem impeçam que as mudanças e as renovações também ocorram. Os jovens rurais percebem a importância da mudança nos quadros de liderança dos movimentos sociais.

Desta forma, Fernando (FETRAF) entende que é importante desencadear essa mudança na administração sindical, pois assim as demandas se ampliam e facilitam agregação de novos afiliados ao movimento. Para ele, são fundamentais as mudanças nas estruturas e nas práticas das lideranças para proporcionar a participação social: “inclusive a visão das pessoas que estão na ponta do movimento. Na FETRAF temos muitas dificuldades de estrutura e, como consequência, pouco envolvimento dos associados, sendo essa nossa maior dificuldade, estrutura e participação efetiva.” Por isso, a importância da rotatividade nos cargos diretivos, pois somente assim o movimento acaba por ser pensado para e por todos e não com a satisfação do interesse de poucos, facilitando processos de participação social e atuação coletiva. Nessa perspectiva, Giovane (MST) comenta sobre a sua visão de líder juvenil diante do movimento.

Uma coisa é o que a gente quer e uma coisa é o que está acontecendo. Eu acho que não existem ferramentas eternas e nós temos que estar preparados para não haver um apego, pois as coisas tendem a ser superadas e o MST pode ser superado também. O MST sendo superado viriam novas ferramentas que fariam tanto quanto mais, pois para tudo existem ciclos e etapas e, em algum momento não irá mais atender as demandas. Sabedoria é saber até quando não se atende mais as demandas. Não é ser substituído, mas sim superado, pois quem vai seguir vai continuar com os mesmos propósitos, com o mesmo histórico.

Havendo mudanças ou não nos movimentos sociais, o ideal é o avanço contínuo. Todavia, para se ter perspectivas futuras é necessário ter planos presentes. Sofia (PJR) comenta que o ideal juvenil é algo para um futuro distante, desprovido de tais benefícios para sua geração, pois caso aconteçam mudanças será nas futuras gerações de jovens. Referente a essa observação da militante,

pode se achar justificativas desse posicionamento através das palavras de Torres (2009), que em estudo feito com a juventude do México e da América Latina, faz uma avaliação interessante sobre as conceituações do meio social referente ao jovem, pois na visão do autor eles são tratados como futuros sujeitos e não como sujeitos presentes. Essa negação de agentes sociais existe por vezes vinculada a um receio dos adultos em relação à coletividade juvenil organizada, pois estes podem adquirir um poder de persuasão e gerar uma desestabilidade no poder social dos adultos. É uma forma de controlar as manifestações sociais. Interpretações por vezes arraigadas na cultura social, fato que pode ser comprovado no discurso de Sofia que mesmo pertencente ao movimento social em que é estimulada a se tornar um agente social, a militante demonstra essas concepções estáticas que a sociedade coloca para a juventude. Por isso, se justifica mais uma vez a necessidade da pulverização administrativa, para não percorrer caminhos socialmente manipulados.

A liderança rural é composta por jovens atuantes no presente, com uma noção distinta da sociedade moderna, mas que por vezes, acabam sendo influenciados por concepções de mundo já solidificadas, projetando suas conquistas em um futuro distante. Por fim, um país ideal, na visão de Sofia (PJR), é um “lugar em que as pessoas consigam viver felizes, em que elas consigam conviver com seus amigos e familiares sem serem ignorados e destratados pelo sistema, que tenham uma vida boa e saudável”. Mas é importante destacar que o ideal interesse, não necessariamente se padroniza, pois na verdade passa de uma idealização conhecida, uma idealização baseada nas vivências e culturas de cada indivíduo. Dessa forma, ideal é algo muito particular que acaba tomando formatos e proposições conforme cada pessoa. Por isso, ser uma juventude ideal ou considerar o meio rural um local ideal é só uma questão de visão de mundo ou uma noção de interesses.

### **3.4 Considerações finais do capítulo**

Os líderes dos movimentos sociais rurais possuem uma preocupação com os assuntos educacionais e com as motivações internas na luta camponesa,

justificando que a perpetuação de suas bandeiras está atrelada a eles, pois acreditam que esses espaços gerem uma consciência coletiva nos militantes dos sindicatos. Por isso, é de relevância destacar que essa visão retratada no presente trabalho é de jovens imersos na cultura rural, pois eles possuem um contato frequente com essas demandas e acabam por refletir o que vivenciam. Contudo, isso não significa que todos os jovens rurais possuam a mesma opinião diante dos temas abordados, inclusive isso é comprovado nas estatísticas de Gabriela com a ascensão do êxodo rural juvenil. Por vezes, a militância mantém uma postura idealizada diante da vida no campo, por ser integrante de uma juventude propulsora do sentimento de pertencimento com o meio rural. Pois são eles que possuem o interesse em despertar a esperança de um futuro melhor em cada jovem rural.

Mesmo com essa consciência coletiva desenvolvida, muitos ainda apresentam desgostos e chateações com sua luta. Por vezes, consideram uma falta de agregação e compromisso dos demais membros, mas em outros momentos evidenciam uma desmotivação por não ter apoio da liderança mais antiga. Consequentemente, os mais velhos possuem mais experiência e acabam liderando cargos mais expressivos na sindicância. Sendo esse provavelmente o futuro de alguns entrevistados. Por isso, a importância de estabelecer princípios sociais e coletivos nessa fase juvenil, para que elas possam ser passadas em qualquer momento de sua luta. Mesmo que o movimento defenda a igualdade de direitos e liberdade de expressão, onde houver uma hierarquia haverá condutas impostas por alguns. É difícil constituir uma democracia totalmente igualitária, que aceite e efetue os desejos de todos, pois ao contrário, provavelmente se perderia o senso de identidade com os ideais do movimento.

Acredito que algumas tendências têm sido modificadas com as novas lideranças, pois é perceptível o distanciamento que a juventude tem mantido com os conceitos partidários de esquerda, preferindo desenvolver o senso crítico e a autoavaliação de cada assunto social. As mudanças não são tão imediatas, em virtude do contexto histórico que cada movimento possui, sua estrutura é decorrente de muitas lutas e conquistas. Tal processo acabou forjando suas identidades, mas isso não justifica sua estagnação, pois tudo que está “em movimento” precisa ser adequado conforme as novas demandas dos seus membros. Por isso, a juventude está apontando que, mesmo gradativas, as mudanças devem existir continuamente. Isso desenvolve o senso coletivo de pertencimento ao grupo, pois,

ao perceber que suas necessidades estão sendo atendidas, os militantes se identificam com a causa defendida pelo movimento.

Outro ponto de relevância nos discursos é a convivência com o rural, uma vez que estes são “filhos da terra”, mas que da terra não desfrutam mais. Infelizmente a liderança tem seus ônus e seus bônus, e uma consequência desse encargo é a ausência da relação diária com a agricultura, pois nenhum dos entrevistados possui contatos assíduos com o mundo rural, embora lutem cotidianamente pela melhoria das condições de vida da população rural. Existe a identificação com o modo de falar, de se vestir, de pensar, de consumir, mas não existe a efetiva vida no campo. Todos possuem origem e famílias oriundas do meio rural, mas moram em centros urbanos e mantêm uma vida com recursos tecnológicos e facilidades de locomoção. No entanto, em alguns momentos e, por alguns militantes é comentada a perspectiva de retorno para a vida rural, mas não há realmente a efetiva vida rural.

Por fim, conclui-se que, ser ideal e almejar um ideal é o que mantém vivo o desejo de lutar e construir novas conquistas. São as idealizações e anseios juvenis que enriquecem as marchas sociais nas ruas. São os olhares de prosperidade dessa juventude, que não se conforma com as condições que lhes são impostas, que podem vir a proporcionar uma verdadeira “ordem e progresso” para a o povo brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender a forma como a liderança juvenil rural se posiciona e se articula diante das mobilizações sociais e o quanto suas trajetórias de vida influenciam nesse processo.

A utilização das trajetórias de vida teve como objetivo fazer um retrospecto das experiências familiares e individuais de cada liderança para assim, observar se atualmente suas escolhas sofrem influências desse período. O que pode ser observado no discurso dos cinco entrevistados é que realmente existe frequentemente essa influência, seja através das pautas de interesse, assim como Gabriela que em sua entrevista apontou o problema de acesso a terra de seu irmão, exemplificando este ocorrido para justificar sua preocupação sindical com a conquista juvenil a seu lote de terra.

Além de Gabriela, em todas as outras entrevistas existe uma característica peculiar de suas vivências, no caso de Marcelo sua influência foi mais acentuada através de sua graduação em Trajetória, trazendo no seu discurso a riqueza de detalhes e comentando o quanto as literaturas disponibilizadas em suas disciplinas enriqueceram sua vida, é tão presente essa influência bibliográfica que durante sua entrevista houve a citação de diversos livros históricos. Já Giovane comenta com destaque de todo seu processo educacional no ITERRA e aponta que hoje sua educação faz grande diferença enquanto líder militante. Fernando destaca a imagem negativa vinculada à vida rural e, Sofia aborda as oportunidades que o movimento lhe proporcionou, citando inclusive o seu atual emprego que é no Movimento dos Pequenos Agricultores. Todos esses contextos são relações que se criam em um processo histórico, pois é através de escolhas passadas que o nossas convivências e opiniões vão se forjando. É muito difícil desvincular a pessoa do meio e da influência familiar, pois é a partir de suas experiências de vida que cada um forma seu olhar diante do mundo.

Um ponto que foi muito destacado entre a militância foi a questão educacional, todos demonstraram sua importância para se construir sujeitos pensantes e ativos socialmente. Apontado que o senso crítico é altamente desenvolvido através das informações adquiridas do ensino formal e informal, que

nesse, entraria também as intervenções culturais dos movimentos rurais. De certa forma, foi possível observar a importância que a juventude rural dá para a qualificação de seus militantes. Isso não quer dizer que todos os jovens rurais e todos os movimentos sociais rurais possuam esse estímulo, pois nem todos possuem a mesma política e nem todos os jovens são militantes, sendo essa uma característica em destaque dos movimentos entrevistados.

O que pode ser observado é que, por vezes, essas qualificações são de interesse dos próprios movimentos, para assim, constituir suas gestões administrativas, como no caso de Giovane que, por ser formado em Ciências Contábeis atua na coordenação do movimento e executa funções de sua área. Mas também, isso não se mostrou como prioridade, pois o que realmente importou para essas lideranças se constituírem enquanto juventude representativa foi o perfil dinâmico, pois dentro dos cinco entrevistados dois, que são no caso Fernando e Sofia, apontaram que suas trajetórias no movimento iniciaram tardiamente. Desta forma, mesmo que a educação seja um diferencial e possa também desenvolver o lado proativo da juventude, também existe um fator que é intrínseco em cada sujeito. Consequentemente, as vivências de vida são importantes, pois influenciam nas tomadas de decisões, mas o perfil juvenil para compor a liderança é particular e próprio da personalidade de cada um.

No entanto, toda a cultura originada de forma doméstica se faz bem visível, tendo sempre a imagem familiar como referência em sua atuação. Porém, estão ocorrendo mudanças no processo sindical, pois atualmente as novas gerações têm demandado novas formas de se comunicar e novas formas de se estruturar nas manifestações. Independente de existir limitações de acesso no meio rural, as tecnologias comunicacionais são uma nova forma de relacionamento. Mesmo que haja a resistência de membros antigos ou que não se tenha o costume da utilização nos seus familiares, a liderança juvenil necessita fazer essa mediação para que os mais velhos entendam a importância dos veículos comunicativos e para que os mais jovens observem que os movimentos estão buscando linguagens mais modernas. Através dos relatos pode ser observado que não há como atrair as gerações mais jovens utilizando somente formas tradicionais de mobilização e comunicação, pois existe a necessidade de inserção dos recursos contemporâneos.

O que transpareceu no diálogo com a militância é que está ocorrendo um processo transitório de adaptações, pois ao mesmo tempo em que eles apontam

limitações tecnológicas e um perfil totalmente voltado para as reivindicações sociais do meio rural, eles também demonstram uma preocupação em buscar atualizações ou pessoas qualificadas para executar tais modernidades por eles. Esse processo tecnológico é inevitável, e a militância precisa estar consciente disso, pois ao contrário, poderão perder sua representatividade com as novas gerações. Por isso, também, que nos discursos a luta por acesso tecnológico de qualidade no meio rural está diretamente vinculada à permanência do jovem no campo.

Ao tentar compreender as motivações sociais que incentivam essa juventude a permanecer na linha de frente dos movimentos, percebesse a semelhança nas respostas, discursos que podem até serem vistos como demagógicos, mas, todavia de sentimento sincero, pois todos comentaram sobre a importância do trabalho para o bem coletivo. Destacando suas preocupações com o social e suas motivações por acreditar em condições melhores de vida para os agricultores. O crescimento pessoal decorrente da liderança também se destaca no discurso dos jovens, mostrando assim, que a maior virtude em estar na linha de frente do movimento são as alegrias e satisfações enquanto agente social, pois são as oportunidades que o movimento proporciona que estimulam essa juventude a permanecer lutando por uma melhor qualidade de vida no meio rural.

Pode-se observar que as trajetórias de vida perpassam por diferentes pontos de discussão, pois é a partir dela que se criam os ideais e preferências de luta. As limitações e resistências tecnológicas, por vezes, também vêm atreladas ao estilo de vida, oriundo das relações com as gerações mais antigas que não perpetuam desses recursos. Além do conceito de ideal, que está ligado às imaginações e comparações com outras realidades conhecidas ou já vividas, tendo, muitas vezes, a concepção que as características urbanas sejam as ideais. Sendo assim, o ideal, como a própria palavra já diz é uma idealização, construída através da aderência de referências positivas adquiridas no percurso da vida.

Com isso, concluiu-se que as lideranças possuem um perfil de luta arraigado em suas raízes culturais, tendo uma forte influência familiar e educacional na construção de suas identidades. Porém, essa formação por vezes estática não está mais sendo suficiente para as novas gerações, sendo necessária uma ruptura com conceitos e ideologias antigas, traçando uma nova trajetória nos movimentos sociais rurais. Este processo de modernização, ao contrário como muitos pensam, se for bem utilizado não irá transpor a cultura do campo, mas sim, auxiliá-la a aderir mais

jovens para suas reivindicações sociais perpetuando a vivacidade de suas bandeiras no futuro.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e trajetórias vividas. Tradução José Gardel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da trajetória oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1990, p. 163-173.

BOURDIEU, P. **Contrafogos1**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOURDIEU, P. **Contrafogos2**: por um movimento social europeu. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas- SP: Papyrus, 2011.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. (Trad.) Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRUMER, A. A. Problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2004.

CARNEIRO, M. J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARVALHO, H. M.; COSTA, F. A. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer com colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. Fluxos, Redes e Identidades: Uma Teoria Crítica da Sociedade Informacional. In: CASTELLS, M. et al. **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CASTRO, E. G. et al. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, Rio de Janeiro: EDUR, 2009.

CASTRO, E. G. Juventude do campo. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

CASTRO, E. G.; CARNEIRO M. J. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CONCEIÇÃO, C. N. de O. **O que os professores acham que aprendem com a televisão**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PUC/RJ. 2010.

CONTAGE M. **Manifestação popular no Congresso de Brasília em junho de 2013**. Blog Radar da produção, 18 jun 2013.  
<<http://blog.radardaproducao.com.br/esporte/3884/o-gigante-acordou.html>>, Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

COUTINHO, L. M; QUARTIERO, E. M. Cultura, mídia e identidades na Pós-modernidade. **Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis, v. 27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2009.

FEIXA, C. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 3, p. 125-140, oct. 2003.

FEIXA, C. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, A.; FEIXA, C.; GONZÁLES, Y. (Org.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 257-327.

FEIXA, C. **La juventud com a metáfora**. Sobre les cultures juvenils. Barcelona: Secretaria General de Joventud, 1993.

FEIXA, C.; GONZÁLEZ, Y. La construcción histórica de la juventude em América Latina – Bohemios, Rockanroleros & Revolucionarios. Chile: editorial cuartopropio, 2013.

FEIXA, C.; PORZIO, L. Jóvenes ‘latinos’ em Barcelona: Identidades culturales In: FEIXA, C. et al. **Jóvenes latinos en Barcelona**. Espacio público y cultura urbana. Barcelona: Anthropos, p. 59-76, 2006.

FEIXA, C.; SAURA, J. R.; COSTA, C. De Jóvenes, movimientos y sociedades. In: FEIXA, C.; SAURA, J. R.; COSTA, C. (Eds.). **Movimientos juveniles**: de la globalización a la antiglobalización. Barcelona: Ed. Ariel, 2002. p. 9-22.

FEIXA, C.; URTEAGA, M. Jóvenes re-tratados. Espacio público y performatividad. In: TRILLA, J., et al. (Eds.). **Jóvenes y espacio público**. Del estigma a la indignación. Barcelona: Bellaterra. p. 143-172, 2011.

FEIXA, et al. De jóvenes, movimientos y sociedades. C. In: FEIXA, C.; SAURA, J. R.; COSTA, C. (Eds.). **Movimientos juveniles**: de la globalización a la antiglobalización. Barcelona: Ed. Ariel, 2002.

FIGUERAS, et al. La ciudad indignada. In: TRILLA, J., et al. (Eds.). **Jóvenes y espacio público**. Del estigma a la indignación. Barcelona: Bellaterra. p. 193-243, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, M. G. Os jovens e as praças dos indignados: territórios da cidadania. **Revista Brasileira de Sociologia I**, Aracajú, v. 1, n. 2, p. 205-221, jul/dez. 2013.

GÓMEZ, G. O. Comunicação Social e mudanças tecnológicas: Um cenário de múltiplos desordenamentos. In: DE MORAES, D. (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

GÓMEZ, G. O. **Television, audiências y educacion**. Buenos Aires: Norma Editorial, 2001.

GONÇALVES, P. **Momento de indignação social juvenil nas manifestações de 2013**. Blog Manifestações Sociais no Brasil, 14 nov. 2013. Disponível em: <<http://vempraruaucsal.blogspot.com.br/2013/11/os-valores-morais-e-as-manifestacoes-no.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

GOROSITO, R. **Mobilização social no dia 20 jun 2013 na cidade do Rio de Janeiro**. Site G1, 20 jun 2013. Disponível em: <Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb.html>> Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e Trajetória das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HESSEL, S.; MORIN, E. **O caminho da esperança**. Um apelo à mobilização cívica. Lisboa: Planeta, 2012.

IBARRA, P. Introducción. In: CRUELLES M.; IBARRA P. (Eds.). **La democracia del futuro** - Del 15M a la emergencia de una sociedad civil viva. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2013.

JACOB, S. **Manifestação social urbana com apoio da militância rural**. Boletim do MST RIO, 20 agost. 2014 Disponível em: <<http://boletimmstrj.mst.org.br/mobilizacoes-populares-garantem-vitorias-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

JARAMILLO, A. M. L. Entre el “nosotros” y el “otros”. La acción política de una barra de fútbol. In: Agudo, Y.; Martín, E.; Tovar, K. (Coord.). Juventud protagonista: capacidades y limites de transformación social. **Revista de Estudos de Juventud**, Madrid, v. 11, n. 95, p. 109-122. nov. 2011.

KELLNER, D. **A cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

LECCADI, C. La juventude, el cambio social y la familia: de una cultura “de protección” a una cultura “de negociación”. In: MÍNGUEZ, A. M. (Coord.). Juventud Y FAMILIA DESDE UNA PERSPECTIVA comparada europea. **Revista de Estudos de Juventud**, Madrid, v. 10, n. 90, p. 33-42. set. 2010.

LOPES, G. V. **Manifestação social de 2013, no Brasil/1**. Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, 22 agost 2013. Disponível em: <<http://ipco.org.br/ipco/brasil/nacional/para-onde-conduzem-as-manifestacoes-que-abalaram-o-brasil#.vj8l914aka>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

LUCA, M. M. B. L. de. Trajetórias de identidades num assentamento rural. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 10-31, dez. 2002.

MARIA A. **Apoio de diferentes gerações aos jovens manifestantes de 2013**. Blog Nina's Pub, 17 jun 2013. Disponível em: <<http://www.ninaspub.com.br/2013/06/protestos-no-brasil-o-gigante-acordou.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

MARIN, J. O. B. Juventud rural: una invencion del capitalismo industrial. **Estúdios Sociológicos**, México, v. 27, n. 80, p. 619-653, May/Ago. 2009.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 5-14, mai./dez. 1997.

MEU SAMBA. **Manifestação social de 2013 no Brasil/2**. Blog Meu Samba é Roots. Disponível em: <<http://meusambaeroots.blogspot.com.br/2013/06/o-gigante-acordou.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

MINAYO, C. F. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. In: MINAYO, C. F. S. (Org.). 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTAGNER, M. A. (MIGUEL A. M.) **Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana**. Sociologias, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.

MOTA, F. P.; VASCONCELOS, I. F. G. **Teoria Geral da Administração - Teorias sobre Motivação e Liderança: da Administração de Recursos Humanos à Gestão de Pessoas**. São Paulo: Pioneira, 2004.

NASCIMENTO, C. G; MARTINS, L. C. Pedagogia da mística: as experiências do MST. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 109-120, 2008. Disponível em: <<http://www.uepg.br/emancipacao>. Acessado em setembro de 2013.

PALMA, F. M. La participación política de la juventud para el desarrollo nacional. **Revista Análisis Psicología & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 43-49, 2010.

PERUZZOLO, A. C. **A comunicação como encontro** - A comunicação é uma relação. Bauru: Edusc, 2006.

PETTER, M. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.

PICOLOTTO, E. L. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. **Revista eletrônica de ciências sociais** (CSOnline), ano I, ed. 2, nov 2007. (Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline>, acessado em 25/03/2015)

PIRES, R. **Manifestação social de 2013, no Brasil/3**. Blog Robson Pires, 23 jun 2013. Disponível em: <<http://www.robsonpiresxerife.com/brasil/enquete-voce-e-a-favor-ou-contra-manifestacoes-no-brasil.html> >. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

POERNER, A. J. **O poder jovem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1979.  
PSICOSC. El sentido de vida em los jóvenes: redes sociales, relaciones significativas y actividades de ocio. In: AGUDO, Y.; MARTÍN, E.; TOVAR, K. (Coord.). Juventud protagonista: capacidades y límites de transformación social. **Revista de Estudos de Juventud**, Madrid, v. 11, n. 95, p. 59-72. nov. 2011.

RESTREPO C. M. P. Comunidad y resistencia: Poder en lo local urbano. In MEDINA, G. (ed.) **Juventud, Territorios de Identidad y Tecnologías**. México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, p. 86-106, 2009.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

TORRES E. Golfos, hippies, skinheads, fiesteros, alternativos y algo más: reflexiones en torno a los estudios sobre culturas juveniles. In MEDINA, G. (ed.)

**Juventud, Territorios de Identidad y Tecnologías.** México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, p. 138-141, 2009.

URTEAGA, M. **La construcción juvenil de la realidad:** jóvenes mexicanos contemporáneos. México: Juan Pablos Editor, 2011.





## **APENDICE**



## Apêndice A – Entrevista: Análise de uma juventude rural indignada

Esta entrevista faz parte do projeto de mestrado desenvolvido pela aluna Jana Rossato Gonçalves sob orientação do Professor Joel Orlando Bevilaqua Marin do programa de pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa terá como tema central a Juventude rural, para assim compreender a participação desses jovens nas manifestações sociais ocorrentes no Brasil em 2013. O projeto está vinculado a uma pesquisa internacional GENIND: La generación indignada. Espacio, Poder y Cultura en los Movimientos Juveniles de 2011. Contato: [janar.life@gmail.com](mailto:janar.life@gmail.com)

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

#### 1. TRAJETÓRIA DE VIDA

- Para iniciar nossa entrevista, você poderia se apresentar?
- Você está estudando? Conte-me um pouco sobre seus estudos.
- Como é sua família?
- Todos estudaram ou estudam?
- Qual o tipo de produção agrícola que é desenvolvida por sua família?
- Como é seu trabalho na propriedades de seus pais?
- Como é sua rotina diária?

#### 2. MOTIVAÇÕES DE INGRESSO NO MOVIMENTO

- O que te incentivou a participar do movimento?
- Alguém em especial te incentivou a participar do movimento?
- Como você começou a participar do movimento? Conte-me um pouco.
- O que te motiva hoje a se envolver no movimento?
- Como que é o seu envolvimento no movimento?
- O que sua família acha de seu envolvimento no movimento?
- Quais os momentos mais marcantes da sua luta?

#### 3. ENVOLVIMENTO NO MOVIMENTO

- Como você avalia seu envolvimento no movimento?
- Como se construiu esse envolvimento?
- Quais as oportunidades que surgiram ao entrar no movimento?
- De que forma o movimento contribui ou acrescenta em sua vida?
- De que forma a sua participação acrescenta para o movimento?
- Você acha que sua vida seria diferente se não participasse do movimento?

#### **4. PAUTAS**

- Quais são as principais pautas defendidas pelo movimento?
- Quais as pautas que você mais se identifica?

#### **5. AVALIAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES ATUAIS**

- Você tem acompanhado as manifestações que ocorreram durante este ano e o ano passado em relação à copa e outros problemas sociais? O que você achou deles?
- Esses movimentos tiveram alguma influência no meio rural?
- Como se deu a participação dos jovens rurais nesses movimentos?
- Qual sua opinião sobre a mídia nesses movimentos?
- Você acompanha algum movimento internacional como os indignados e Primavera Árabe? O que acha de suas manifestações? Mas como você acompanha?

#### **6. REDES**

- Como você utiliza as redes sociais, como o facebook/blog, para se comunicar em relação ao movimento?
  - Quais são as dificuldades nessa relação virtual?
  - Quais as dificuldades de acesso dos integrantes do movimento?
  - Quais são as vantagens na comunicação, através da internet?
  - Como é o acesso das tecnologias para comunicação no meio rural?
  - Qual é a importância da internet e os meios de comunicação (internet, telefone, rádio, TV) para a liderança na estruturação dos movimentos?

#### **7. FUTURO**

- O que espera com as manifestações do movimento de jovens rurais que você participa?
  - O que você espera do seu futuro?
  - O que seria o meio rural mais ideal para você?
  - Que país você deseja construir?
  - Quais as mudanças que você considera necessárias no movimento?